

Fase
Martíria



Caminho da Paz

Manual
do Pastor



MANUAL DO PASTOR – FASE MARTYRIA

INTRODUÇÃO

Olá querido pastor,

Apresentamos o manual da fase Martyria. Nesta fase do testemunho autêntico, viveremos um caminho onde abraçaremos as alegrias e exigências da fé. Dentro deste sentido mostraremos através da vida dos santos um caminho autêntico de seguimento a Jesus, especialmente na dimensão da oferta de vida.

No BLOCO INTRODUTÓRIO vamos apresentar a experiência de João Batista como fio condutor das fases anteriores no Caminho da Paz até o ingresso na Martyria e teologia dos santos.

No Itinerário Pascal (BLOCO I), vamos apresentar a maturidade do testemunho como um caminho cotidiano de graças, desafios, exigências e frutos.

Na Martyria e Paz (BLOCO II), vamos apresentar a vivência concreta de aspectos que forjam o homem interior para a maturidade do testemunho.

Já neste bloco de Oração: Fonte e Sustento do testemunho (BLOCO III), vamos apresentar a dimensão sobrenatural e encarnada que leva à maturidade do testemunho.

Na Compaixão para com o homem como fruto da intimidade com Deus (BLOCO IV), vamos apresentar a evangelização como sinal concreto de discipulado e testemunho fecundo.

No bloco Testemunhas de Cristo hoje (BLOCO V), Vamos conhecer concretos testemunhos de santidade e radicalidade cristã nos desafios dos tempos atuais.

Neste último bloco Chorar com os que choram, sofrer com os que sofrem (BLOCO VI), Vamos conhecer concretos de testemunhos de compaixão e caridade para com os sofrimentos do homem de hoje.

Esperamos que cada ovelha possa colher, com a sua ajuda, as graças que Deus tem reservado nesta nova fase onde iremos formar autênticas testemunhas de Cristo e desenvolver o espírito missionário. Mostrando através da vida dos santos um caminho autêntico de seguimento a Jesus, especialmente na dimensão da oferta de vida.

Shalom!

Equipe do Caminho da Paz



MANUAL DO PASTOR – FASE MARTYRIA DIMENSÕES

DIMENSÃO ESPIRITUAL

Trata-se de uma fase onde iremos crescer no caminho de santidade, em um seguimento a Cristo, aprofundando na vida dos Santos e a partir deste caminho, crescer em nós um desejo de oferta de vida e compaixão pelo homem.

RETIRO DO GRUPO DE ORAÇÃO:

Retiro do Final da fase:

- ✓ Deve ser fechado¹ de 2 dias (Iniciando na sexta-feira a noite e terminando no domingo à tarde).
- ✓ O conteúdo do retiro será orientado pela Assistência Apostólica para a fase Permanente.
- ✓ A organização do retiro deve seguir a forma comum do nosso Carisma (como nas reciclagens). Manhãs oracionais, tarde de conteúdo mais formativo e noites de celebração e Koinonia;
- ✓ No retiro deverá ter uma celebração que será orientada.
- ✓ O local e a organização do retiro devem ser feitos com antecedência com tempo para as ovelhas se organizarem.

DIMENSÃO BÍBLICA

As cartas Paulinas é o Kerigma cristão, ou seja, o anúncio da morte e ressurreição de Jesus. Toda as cartas são geradas a partir do evento da cruz, sinal de escândalo, portanto, de fraqueza, transformado em princípio de salvação e ressurreição. Portanto, Iremos a partir delas responder com a oferta de vida ao sofrimento da humanidade, sendo autênticas testemunhas do ressuscitado que passou pela Cruz.

DIMENSÃO HUMANA

Usaremos de alguns instrumentos para o crescimento humano das ovelhas. Tais como:

- **Grupo de Partilha:** Deve ser mensal, no horário do grupo.

Segundo as orientações do pastor com seu núcleo onde devem ver um dia para que o grupo de partilha aconteça, neste dia, não haverá a partilha após a oração e o tempo de oração e formação, não devem exceder 90 minutos, a fim de reservar 30 minutos para isto que será feito após a formação.

Alguns dias depois do grupo de partilha, as ovelhas podem ser orientadas a rezar umas pelas outras do seu grupo, se comprometendo com os seus irmãos.

Se o pastor achar importante pode mudar os grupos de partilha que já existiam na fase anterior. (O pastor com o núcleo pode discernir e orientar o que será partilhado.)

- **Acompanhamento Pessoal:** O acompanhamento das ovelhas deve ser mensal. Nesta fase será muito importante o amadurecimento do testemunho como um caminho cotidiano de graças, desafios, exigências e frutos.

- **Lazer:** O lazer deve ser feito com o objetivo de fazer crescer os laços amor fraterno e de amizade no grupo. O grupo de oração deveria ter pelo menos um dia de lazer ao longo dessa fase.

Orientações acerca do lazer

- ✓ O lazer precisa ser de um dia, não se deve promover o lazer durante todo um final de semana.
- ✓ Escolher para fazer o lazer um ambiente agradável que promova a convivência sadia e fraterna.
- ✓ Selecionar músicas que não firam a doutrina e a moral. De preferência só se escute músicas católicas.
- ✓ Não levar para o lazer bebida alcoólica.
- ✓ Deve-se fazer uma programação para o lazer.

DIMENSÃO DOUTRINÁRIA

DIMENSÃO MISSIONÁRIA

¹ Entendemos retiro fechado aquele em que o grupo de oração se retira para aprofundar a sua experiência de Deus;



MANUAL DO PASTOR – FASE MARTYRIA ORIENTAÇÕES GERAIS

TEMPO DE ORAÇÃO PARA ESSA FASE

- ✓ 45 MINUTOS DE ORAÇÃO PESSOAL
- ✓ 45 MINUTOS DE ESTUDO BÍBLICO – “Eterna é a sua misericórdia e Espada de Dois Gumes V. I e II”
- ✓ KIT DA FASE:
 - EB – Eterna é a sua misericórdia e Espada de Dois Gumes V. I e II
 - OP – Livre
 - Livro “Profeta do Amor Esposal ” (recomendado para leitura)
 - Bíblia Jerusalém² (sugestão)
 - Livro de Cânticos – “Cantai a Deus com alegria” (opcional)

ESTRUTURA DO GRUPO DE ORAÇÃO

- ✓ Sala, ministro de música, ícone, núcleo.
- ✓ O ícone desta fase deve ser o da **Cruz Bizantina**. Sugerimos que em todas as reuniões do grupo a sala seja preparada com antecedência, um altar com pano, vela e o ícone.

FORMAÇÃO DO GRUPO

É muito importante que o pastor do grupo pregue as formações, no entanto se pode convidar outra pessoa em **temas específicos**.

A formação do grupo deve seguir a grade e será complementada na oração pessoal da ovelha.

IMPORTANTE: Aqueles que vão pregar no grupo devem ser bem orientados pelo pastor sobre as formações que foram dadas nas últimas semanas, na fase que o grupo está, no caminho que trilham dentro daquela fase e disponibilizar toda a orientação da formação do dia, bem como os seus anexos (ou DVD's) necessários e ainda o livro, documento ou encíclica que baseiam a formação.

Contando com possíveis imprevistos (Semana Santa, Carnaval, Natal, Ano Novo, convocações, etc.) e com necessidades que o grupo possa vir a ter, dispomos de “**semanas livres**”. Essas semanas são opcionais para que o pastor possa dar “formações extras” que sentir necessidade, ou para compensar possíveis imprevistos. Não precisando nem de uma coisa e nem de outras essas semanas poderão ser omitidas³.

Nesta fase, como nas fases anteriores, teremos **DVD's que serão passados para as ovelhas** e também aqueles que servirão de subsídio para o pastor na formação grupo de oração, os **DVD's para o pastor**. No Caminho da Paz, o principal pregador do grupo deve ser o pastor (“As minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço e elas me seguem” Jo, 10,27) o que não impossibilita de forma nenhuma que o pastor convide outras pessoas para pregarem no seu grupo. Esses DVD's não deverão ser vistos pelas ovelhas, mas o será visto pelo pastor/pregador e será um subsídio para que ele possa dar a formação do grupo. Eles ajudarão também o pastor a pregar segundo o carisma shalom e não se desviar do fundamental naquela formação.

DURAÇÃO DA FASE

A Fase Martyria tem duração média de 11 meses. Por isto o pastor deve ter uma grande atenção e sabedoria para não permitir mais de **sete semanas** sem a reunião do grupo de oração ao longo do ano e não mais que **duas consecutivas**; se necessário, deve transferir a reunião do grupo de oração para outro dia da semana para que o grupo aconteça sem muitas quebras.

² Sugerimos a Bíblia Jerusalém, porque é essa tradução que foi usada nos estudos bíblicos, mas se não houver possibilidade de adquiri-la pode-se usar outra tradução.

³ Pula-se a semana livre e vai para a formação da semana seguinte, mas o caderno de oração segue o seu ritmo ordinário.



MANUAL DO PASTOR - FASE MARTYRIA

GRADE GERAL

BLOCO INTRODUTÓRIO

Apresentar a experiência de João Batista como fio condutor das fases anteriores no Caminho da Paz até o ingresso na Martyria e teologia dos santos (forma dos santos viverem a fé e de relacionar-se com Deus) segundo o tripé da vocação.

SEMANA	TEMA	METODOLOGIA	RECURSO	ESTUDO BÍBLICO
1ª Semana	João Batista: Amigo e testemunha	Pregação ao vivo	João Batista, Profeta do Amor Esponsal (Daniel Ramos)	Eterna é a sua misericórdi a (Daniel Ramos) 1-7 dia
2ª Semana	Morro porque não morro!	Pregação ao vivo	João Batista, Profeta do Amor Esponsal (Daniel Ramos)	Eterna é a sua misericórdi a (Daniel Ramos) 8-14 dia



BLOCO I
ITINERÁRIO PASCAL

Apresentar a maturidade do testemunho como um caminho cotidiano de graças, desafios, exigências e frutos.

SEMANA	TEMA	METODOLOGIA	RECURSO	ESTUDO BÍBLICO
3 ^a semana	Martírio e felicidade	Apresentar o caminho de cruz como sinônimo de felicidade: o caminhar já é felicidade quando buscamos a santidade.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Eterna é a sua misericórdia (Daniel Ramos) 15-21 dia
4 ^a semana	Martírio e frutos	Destacar os frutos da árvore da cruz possível e presente na Eucaristia, nos acontecimentos e nas relações.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Eterna é a sua misericórdia (Daniel Ramos) 22-28 dia
5 ^a semana	Martírio cotidiano	Destacar a imprescindibilidade e a cotidianidade do Amor na experiência de cruz e ressurreição no caminho de santidade (kenosis, koinonia e diaconia).	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Eterna é a sua misericórdia (Daniel Ramos) 29-35 dia
6 ^a semana	Martírio e Ressurreição	Aprofundar o que é em nossa espiritualidade, a Ressurreição-Fruto da Árvore da Cruz-Amor, colhendo os frutos de uma vida nova através de uma resposta evangélica à cruz dos tempos hodiernos.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Eterna é a sua misericórdia (Daniel Ramos) 36-42 dia
7 ^a semana	Martírio e graça	Conhecer e concretizar a vivência das 3 grandes graças que no carisma Shalom são necessárias para se trilhar o caminho de santidade até o fim.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Eterna é a sua misericórdia (Daniel Ramos) 43-49 dia
8 ^a semana	Martírio e combate	Aplicar a vivência das três grandes graças da coragem, renúncia e disposição aos combates próprios da	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Eterna é a sua misericórdia



		radicalidade do testemunho.		(Daniel Ramos) 50-57 dia
9 ^a semana	Martírio e vida nova	Perseverar nas atitudes interiores por onde se cultiva a vida nova.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Eterna é a sua misericórdia (Daniel Ramos) 58-60 dia

BLOCO II MARTYRIA E PAZ <i>Apresentar a vivência concreta de aspectos que forjam o homem interior para a maturidade do testemunho.</i>				
BLOCO II MARTYRIA E PAZ <i>Apresentar a vivência concreta de aspectos que forjam o homem interior para a maturidade do testemunho.</i>				
SEMANA	TEMA	METODOLOGIA	RECURSO	ESTUDO BÍBLICO
10 ^a semana	Reconhecer o velho	Levar os pastores a tomar consciência do que significa o "velho" para reconhecer, em sua própria vida, o que ainda precisa deixar Deus transformar o velho em novo.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Espada de Dois Gumes V.1 1-7 dia
11 ^a semana	Adesão à virtude	Conscientizar os pastores sobre a importância da adesão à virtude para abraçar a vida nova e a comunhão com Deus.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Espada de Dois Gumes V.1 8-14 dia
12 ^a semana	O remédio do Novo	Levar as ovelhas a tomarem consciência que o remédio para o caminho pleno de suas vidas é abraçar o "novo" que Deus tem preparado para eles, com toda disposição.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Espada de Dois Gumes V.1 15-21 dia
13 ^a semana	Deixar-se formar	Levar as ovelhas a se tornarem dóceis à ação formativa de Deus para que o "novo" verdadeiramente aconteça em suas vidas.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Espada de Dois Gumes V.1 22-28 dia



14 ^a semana	Violência de coração	Levar as ovelhas a se abrirem e se lançarem na violência de coração com a finalidade de crescerem em santidade e em comunhão com o Senhor.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	Espada de Dois Gumes V.1 29-35 dia
------------------------	----------------------	--	-------------------------------	--



BLOCO III ORAÇÃO COMO FONTE E SUSTENTO DA MARTÍRIA <i>Apresentar a dimensão sobrenatural e encarnada que leva à maturidade do testemunho.</i>				
SEMANA	TEMA	METODOLOGIA	RECURSO	ESTUDO BÍBLICO
15ª semana	A oração profunda em Teresa de Jesus	Aprofundar experiência de Santa Teresa, apresentada pelo Frei carmelita Maximiliano Herraiz García, grande teresianista, profundo conhecedor de sua vida e seus escritos.	Oficina da Vida – chave de leitura de Santa Teresa (Meyr Andrade)	Espada de Dois Gumes V.1 36-42 dia
16ª semana	Vida Interior	Aprofundar no estudo do magistério teresiano, o que Teresa entende como “Castelo Interior” despertando nos irmãos o desejo pelo zelo da vida interior.	Oficina da Vida – chave de leitura de Santa Teresa (Meyr Andrade)	Espada de Dois Gumes V.1 Pt.2 1-7 dia
17ª semana	Amor esponsal e santidade	Levar a uma compreensão de que, tanto nos ensinamentos de Teresa, como nos Escritos Shalom, não há possibilidade de união com Cristo sem que esta, também esteja associada à sua vida de oferta de amor a Deus e aos irmãos.	Oficina da Vida – chave de leitura de Santa Teresa (Meyr Andrade)	Espada de Dois Gumes V.1 Pt.2 8-14 dia
18ª semana	Livre para o pastor (tema discernido pelo pastor segundo as necessidades do grupo)		Oficina da Vida – chave de leitura de Santa Teresa (Meyr Andrade)	Espada de Dois Gumes V.1 Pt.2 15-19 dia

BLOCO IV COMPAIXÃO PARA COM O HOMEM COMO FRUTO DA INTIMIDADE COM DEUS <i>Apresentar a evangelização como sinal concreto de discipulado e testemunho fecundo.</i>				
SEMANA	TEMA	METODOLOGIA	RECURSO	ESTUDO BÍBLICO
19ª semana	A oração em São Francisco de Assis	Conhecer os principais aspectos da oração em São Francisco de Assis e como ele a vivia para ser instrumento da Paz que vem da experiência com Deus.		Espada de Dois Gumes V.2 1-7 dia
20ª semana	Compaixão pelo homem que não conhece a Deus	Conhecer a maneira pela qual a contemplação fomentou a compaixão pelos homens, fruto da oração, em São Francisco de Assis.		Espada de Dois Gumes V.2 8-14 dia



21ª semana	Penitência em São Francisco	Apresentar o conceito e vivência da penitência em São Francisco e a sua necessária vivência para o testemunho de seguimento de Jesus e seu anúncio.		Espada de Dois Gumes V.2 15-21 dia
22ª semana	Amor esponsal e Esponsalidade e missionariedade	Conhecer a vivência do amor esponsal em São Francisco e seu concreto transbordamento na missionariedade.		Espada de Dois Gumes V.2 22-28 dia
23ª semana	Evangelização como fruto da experiência de Deus (contemplação + unidade) na espiritualidade Shalom.	Apresentar a maneira pela qual contemplação e unidade se associam à evangelização no Carisma Shalom.		Espada de Dois Gumes V.2 29-35 dia
24ª semana	Batalha espiritual no seguimento de Jesus	Apresentar a realidade da batalha espiritual, suas armas e frutos, segundo a espiritualidade Shalom.		Espada de Dois Gumes V.2 36-42 dia
25ª semana	A critério do pastor	Desenvolver a capacidade de verificar a qualidade da caminhada, os passos dados, confirmando e fortalecendo o crescimento pessoal e do grupo. Ou atualizar o programa previsto para esta fase.		Espada de Dois Gumes V.2 43-49 dia



BLOCO V
TESTEMUNHAS DE CRISTO HOJE

Conhecer concretos testemunhos de santidade e radicalidade cristã nos desafios dos tempos atuais.

SEMANA	TEMA	METODOLOGIA	RECURSO	ESTUDO BÍBLICO
26ª semana	Os mártires do século XX	Conhecer alguns testemunhos de fé vividos nos séculos XX e XXI, mostrando que a fé "heroica" não foi vivida apenas por cristãos de um passado distante, mas que, até os dias de hoje, esta mesma fé é provada e comprovada em vários âmbitos da vida comum.		Espada de Dois Gumes V.2 50-57 dia
27ª semana	Santa Gianna Beretta Molla	Apresentar no matrimônio e no amor maternal uma autêntica via de santificação bem como um forte testemunho de altruísmo e sacrifício tão necessário contra as ideologias contra a vida e a feminilidade que atingem a sociedade atual.		Espada de Dois Gumes V.2 58-64 dia
28ª semana	Chiara Lucce Badano	Mostrar através da vida de Chiara Luce Badano como a enfermidade pode se tornar um caminho de santificação quando acolhido com alegria e simplicidade.		Espada de Dois Gumes V.2 65-72 dia
29ª semana	Bem-Aventurado Pier Giorgio Frassati	Mostrar como um jovem comum pode, em meios as suas atividades, responder ao chamado à santidade no serviço aos mais necessitados, e também mostrar as amizades como um grande bem no caminho de santificação de todo ser humano.		Espada de Dois Gumes V.2 73-79 dia
30ª semana	São Giuseppe Moscati	Apresentar a profissão como um meio de santificação quando este é vivido por amor a Deus e serviço ao próximo.		Espada de Dois Gumes V.2 80-86 dia
31ª semana	Jacques Fesch	Apresentar como Deus pode suscitar a santidade mesmo nas situações de pecado que a graça pode tudo transformar e santificar qualquer pecador.		Espada de Dois Gumes V.2 87-93 dia
32ª semana	Cardeal François-Xavier Nguyễn Van Thuân	Encontrar na vivência da fé a razão de uma viva esperança contagiante mesmo nas situações mais desfavoráveis.		Espada de Dois Gumes V.2 94-100 dia
33ª semana	A atualidade do martírio	Renovar as disposições para o seguimento de Jesus através do testemunho sobre a atualidade do martírio vivido na guerra Cristera pelos cristãos do México na década de 20.		Espada de Dois Gumes V.2 101-107 dia



BLOCO V

CHORAR COM OS QUE CHORAM, SOFRER COM OS QUE SOFREM

Conhecer concretos de testemunhos de compaixão e caridade para com os sofrimentos do homem de hoje.



SEMANA	TEMA	METODOLOGIA	RECURSO	ESTUDO BÍBLICO
34ª semana	Sofrer com os que sofrem	Aprofundar a vivência prática de uma concreta compaixão para com o homem de hoje como fruto da maturidade do testemunho no seguimento de Jesus.		Espada de Dois Gumes V.2 108-114 dia
35ª semana	A pobreza do desconhecimento de Deus	Destacar a evangelização como caridade para com a pobreza do desconhecimento de Deus.		Espada de Dois Gumes V.2 115-121 dia
36ª semana	Unir-se aos sofrimentos de todos os homens pela oferta de vida	Destacar a caridade universal para com todos os povos e públicos, à luz do testemunho de São João Paulo II.		Espada de Dois Gumes V.2 122-128 dia
37ª semana	A oração nos une aos sofrimentos dos homens.	Destacar a misericórdia para com os sofrimentos da miséria moral, à luz do testemunho de Santa Faustina.		Espada de Dois Gumes V.2 129-137 dia
38ª semana	Os filhos de Deus se unem aos sofrimentos do seu povo.	Destacar a caridade para com os sofrimentos da pobreza material, à luz do testemunho de Santa Teresa de Calcutá.		Liturgia Diária
39ª semana	Paz a vós!	Destacar a compaixão para com os sofrimentos da miséria espiritual, à luz da missão evangelizadora do Carisma Shalom.		Liturgia Diária
40ª semana	O Evangelho, luz para os sofrimentos do mundo	Destacar a ousadia de levar o conhecimento de Deus a todos os âmbitos da vida cotidiana, secular e profissional, à luz do testemunho do São José Maria Escrivá.		Liturgia Diária
41ª semana	A Igreja se une aos sofrimentos do seu povo	Destacar a caridade pastoral no sacramento da reconciliação, à luz do testemunho de São Pe. Pio.		Liturgia Diária

BLOCO

INTRODUTÓRIO

Apresentar a experiência de João Batista como fio condutor das fases anteriores no Caminho da Paz até o ingresso na Martyria e teologia dos santos (forma dos santos viverem a fé e de relacionar-se com Deus) segundo o tripé da vocação.



BLOCO INTRODUTÓRIO

Apresentar a experiência de João Batista como fio condutor das fases anteriores no Caminho da Paz até o ingresso na Martyria e teologia dos santos (forma dos santos viverem a fé e de relacionar-se com Deus) segundo o tripé da vocação.

SEMANA	TEMA	OBJETIVO	LEITURA	EB
1ª semana	João Batista: amigo e testemunha	Recapitulação das fases anteriores do Caminho da Paz, à luz do testemunho de João Batista (batismo no ventre de Isabel, encontro com Jesus, missão e martírio).	João Batista, Profeta do Amor Esposal (Daniel Ramos)	Eterna é a sua misericórdia (Daniel Ramos)
2ª semana	Morro porque não morro!	Destacar do testemunho de Santa Teresa d'Ávila, a sede de morrer para unir-se a Deus (contemplação) e a alegria de viver por Ele e para Ele neste mundo (ação), como uma graça própria no seguimento de Jesus.	João Batista, Profeta do Amor Esposal (Daniel Ramos)	Eterna é a sua misericórdia (Daniel Ramos)



BLOCO INTRODUTÓRIO – 1ª SEMANA

TEMA

João Batista: amigo e testemunha

OBJETIVO

Recapitulação das fases anteriores do Caminho da Paz, à luz do testemunho de João Batista (batismo no ventre de Isabel, encontro com Jesus, missão e martírio).

MATERIAL

DVD "João Batista: amigo e testemunha" (Daniel Ramos)

METODOLOGIA

- Hoje inicia-se uma nova fase no Caminho da Paz, a última, mas não ainda o fim do caminho. Dando as boas-vindas à nova fase, na qual se vai tratar da teologia dos santos (forma dos santos viverem a fé e de relacionar-se com Deus) segundo o tripé da vocação, apresente o significado do termo Martyria.
- Inicie a formação apresentando o começo da nova fase, seu objetivo e percurso, duração, temas em linhas gerais (a partir da grade da fase), conteúdos específicos, para que todos tenham uma visão ampla dessa etapa. Não deixe de apresentar a leitura e o estudo bíblico da fase, fazendo incentivo à oração, à Lectio divina, à unidade e ao apostolado. A maturidade dessas vivências caracteriza especialmente essa etapa.
- Dê início a formação de hoje que visa apresentar a experiência de João Batista como fio condutor das fases anteriores no Caminho da Paz até o ingresso na Martyria.
- Apresente de forma comentada o tema e o objetivo desta formação, dê início a exibição do DVD "João Batista: amigo e testemunha" (Daniel Ramos).
- Após o dvd, divida os membros em 4 grupos. Os grupos devem receber o nome das fases do Caminho da Paz até a atual. Assim:

Grupo 1 – Kerygma / Grupo 2 – Filoteia / Grupo 3 – Metanóia / Grupo 4 – Koinonia / Grupo 5 – Martyria

- Cada grupo deve, à luz da pregação do dvd, pesquisar nos Evangelhos a passagem sobre a vida de João Batista na experiência que diz respeito à sua equipe. Assim:
- ✓ Grupo 1 – Kerygma (batismo no Espírito Santo): *"Ele será grande diante do Senhor e não beberá vinho nem cerveja, e desde o ventre de sua mãe será cheio do Espírito Santo"* (Lc1,15)
- ✓ Grupo 2 – Filoteia (vida de oração): *"o amigo do Esposo está presente e O ouve"* (Jo3,30)
- ✓ Grupo 3 – Metanóia (conversão mais profunda): *"Produzi fruto digno de arrependimento"* (Mt3,9)
- ✓ Grupo 4 – Koinonia (unidade, sentido de pertença): *"João enviou-lhe alguns dos seus discípulos"*
- ✓ Grupo 5 – Martyria (maturidade do testemunho): *"João, o homem a quem decapitei, ressuscitou dos mortos!"* (Mc6,16)
- Ajude-os com pistas a encontrar a passagem bíblica relacionada à experiência de João Batista, segundo o nome da sua equipe; cada grupo deve ler atentamente e partilhar sobre a experiência correspondente à fase do Caminho da Paz que lhe coube discutir e selecionar 1 testemunho sobre os frutos dessa fase para ser dado diante de todos no plenário.
- Encerre a formação com 1 testemunho de cada equipe sobre os frutos de cada uma das fases do Caminho da Paz, à luz dos conteúdos aprofundados hoje.



BLOCO INTRODUTÓRIO – 2ª SEMANA

TEMA

Morro porque não morro!

OBJETIVO

Destacar do testemunho de Santa Teresa d'Ávila, a sede de morrer para unir-se a Deus (contemplação) e a alegria de viver por Ele e para Ele neste mundo (ação), como uma graça própria no seguimento de Jesus.

MATERIAL

DVD "A necessária ruptura com o mundo" (Moysés Azevedo – CACV sobre Santa Teresa)

METODOLOGIA

- Após recapitular brevemente a semana anterior, apresente o nome e o objetivo da formação de hoje, de forma clara e comentada, especialmente a necessária ruptura com o mundo como fruto de uma experiência com o Amor e não como moralismo, destacando do testemunho de Santa Teresa d'Ávila a sede de morrer para unir-se a Deus e também a sua alegria de viver por Ele e para Ele neste mundo.
- À luz dessa verdadeira teologia que é o testemunho dos santos, dê início à exibição do dvd "A necessária ruptura com o mundo" (Moysés Azevedo – CACV sobre Santa Teresa).
- Após o dvd, faça um momento de partilha direcionada, com a seguinte pergunta:

*A minha vida neste mundo reflete a minha sede de unir-me a Deus eternamente no céu?
Tenho uma vida gasta por amor a Ele sobre esta terra?*

- Esse momento da partilha deve ser dedicado à testemunhos concretos do seguimento de Jesus, das vivências que refletem a sede, a busca e o acolhimento da graça para crescer na amizade com Ele.
-
- Evite que as partilhas se percam em coisas abstratas, "ideais", sem a consistência de um seguimento real, encarnado. Zele para que a ênfase nas fraquezas não sejam também o centro da partilha, tornando o momento de testemunhos num momento de queixumes e falta de esperança.
-
- Encerre este momento com uma oração onde se peça a renovação do nosso batismo no Espírito.
-

Meyr Andrade

BLOCO I

ITINERÁRIO PASCAL

Apresentar a maturidade do testemunho como um caminho cotidiano de graças, desafios, exigências e frutos.

BLOCO I
ITINERÁRIO PASCAL

Apresentar a maturidade do testemunho como um caminho cotidiano de graças, desafios, exigências e frutos.

SEMANA	TEMA	OBJETIVO	LEITURA	EB
--------	------	----------	---------	----



3ª semana	Martírio e felicidade	Apresentar o caminho de cruz como sinônimo de felicidade: o caminhar já é felicidade quando buscamos a santidade.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
4ª semana	Martírio e frutos	Destacar os frutos da árvore da cruz possível e presente na Eucaristia, nos acontecimentos e nas relações.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
5ª semana	Martírio cotidiano	Destacar a imprescindibilidade e a cotidianidade do Amor na experiência de cruz e ressurreição no caminho de santidade (kenosis, koinonia e diaconia).	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
6ª semana	Martírio e Ressurreição	Aprofundar o que é em nossa espiritualidade, a Ressurreição-Fruto da Árvore da Cruz-Amor, colhendo os frutos de uma vida nova através de uma resposta evangélica à cruz dos tempos hodiernos.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
7ª semana	Martírio e graça	Conhecer e concretizar a vivência das 3 grandes graças que no carisma Shalom são necessárias para se trilhar o caminho de santidade até o fim.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
8ª semana	Martírio e combate	Aplicar a vivência das três grandes graças da coragem, renúncia e disposição aos combates próprios da radicalidade do testemunho.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
9ª semana	Martírio e vida nova	Perseverar nas atitudes interiores por onde se cultiva a vida nova.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	

FASE MARTYRIA – 3ª SEMANA

TEMA

Martírio e felicidade

OBJETIVO



Apresentar o caminho de cruz como sinônimo de felicidade: o caminhar já é felicidade quando buscamos a santidade.

MATERIAL

ANEXO ROTEIRO PARA PREGAÇÃO
ANEXO CAMINHAR JÁ É FELICIDADE

METODOLOGIA

- Inicie a formação apresentando o começo de um novo bloco: apresente o nome e o objetivo do mesmo de forma clara e comentada.
- Em seguida, apresente o tema e o objetivo da formação de hoje.
- Distribua o anexo CAMINHAR JÁ É FELICIDADE e leiam juntos o trecho do Escrito Obra Nova que abre o artigo:

"É um caminho de e para a felicidade. Este caminho, no entanto, é como o caminho de Jesus: exige coragem, sacrifício, renúncia, pois é caminho de cruz para que a cada dia possamos colher a Ressurreição. É um caminho de felicidade, mas nem por isto deixará de ter as barreiras, dificuldades, sofrimento. Diria até que, exatamente por ser um caminho de felicidade, tudo isto irá existir". (ON01)

- Só então dê início a pregação que deve seguir os seguintes pontos do ANEXO ROTEIRO PARA PREGAÇÃO (3ª semana).
- Finalize a formação conversando com eles sobre as perguntas abaixo, encontradas no anexo CAMINHAR JÁ É FELICIDADE:
 - a) Seria este o pensamento corrente sobre cruz e felicidade?
 - b) Sem uma experiência pessoal com o Ressuscitado que passou pela Cruz, quem seria capaz de entender que cruz, felicidade, santidade e ressurreição são sinônimos?
 - c) Sem a contemplação deste Ressuscitado, quem encontraria sentido para este caminho pascal?
 - d) Onde se encontraria força para permanecer nele?
- Encerre esse momento com uma oração onde renove o compromisso com a sabedoria que vem da Cruz.



ANEXO / ROTEIRO PARA PREGAÇÃO – 3ª SEMANA

A pregação deve seguir o roteiro abaixo com base no anexo CAMINHAR JÁ É FELICIDADE. Comente de forma prática e vivencial cada ponto selecionado para esta formação. Nenhum item abaixo deve deixar de ser apresentado e comentado na sua cotidianidade, com exemplos que envolvam as vivências concretas (famílias, estudo, relações, profissão, engajamento, etc.).

✓ Esta Obra, como vimos, não é estática, mas um caminho de vida e dinamismo, caminho *de felicidade* (isto é, ao caminhar já se é feliz; o caminhar é, já, a felicidade) e *para a felicidade* (o que significa que a felicidade é sua consequência, seu ponto de chegada). Fique claro, porém, que o “de” felicidade é indispensável ao “para” a felicidade.

✓ É um só caminho e que as duas coisas (caminhar e felicidade) aconteciam ao mesmo tempo.

✓ Há uma continuidade, isto é, a felicidade se vai encontrando enquanto se percorre o caminho.

✓ Deixar claro, que o caminho “de felicidade” era tão absolutamente o mesmo que o caminho “para” a felicidade, que esta não era uma recompensa a ser colhida no final, mas um fruto, uma consequência natural do caminho “de” felicidade. Em outras palavras, a cruz é sinal de vitória e já introduz o cristão na felicidade, pois, como diz o Apóstolo: «quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo» (Gl 6,14).

O caminho de cruz:

- É caminho semelhante ao de Jesus: exige a coragem de Jesus, o sacrifício de Jesus, a renúncia de amor e obediência de Jesus, traz, como fruto, a ressurreição
- É um caminho de e para a felicidade não somente nossa, mas da humanidade e de todo homem
- É caminho indispensável para colher a ressurreição, isto é, a felicidade, a santidade

O caminho de felicidade:

- É como o de Jesus: exige coragem, sacrifício, renúncia, morte
- É caminho da felicidade da Cruz para a felicidade da Ressurreição
- É a Ressurreição como fruto da Cruz

ANEXO CAMINHAR JÁ É FELICIDADE

"É um caminho de e para a felicidade. Este caminho, no entanto, é como o caminho de Jesus: Exige coragem, sacrifício, renúncia, pois é caminho de cruz para que a cada dia possamos colher a Ressurreição. É um caminho de felicidade, mas nem por isto deixará de ter as barreiras, dificuldades, sofrimento. Diria até que, exatamente por ser um caminho de felicidade, tudo isto irá existir". (ON01)

Mas, qual o sujeito da frase?

O primeiro desafio a ser enfrentado no trecho acima é descobrir o sujeito da primeira sentença. É a vocação? É a obra nova? É o caminho? É a ardorosa vontade de Deus? É tudo isso junto?

Pelas vezes em que falhei em tentar convencer o Moisés a colocar um sujeito claro na frase, digo com toda segurança que o sujeito da primeira sentença é, sim, tudo isso junto. Os gramáticos buscarão a lógica, os linguistas estruturalistas tentarão dissecar a frase. Respeito. É seu trabalho. Garanto, porém, que não conseguirão. No máximo, poderão tentar fazer uma inserção: "Este caminho, que é caminho de e para a felicidade, é como o caminho de Jesus". Informo, porém, que eu mesma tentei esta construção com o Moisés e ouvi dele que não era a mesma coisa, que a frase perderia a força e que não se estava referindo somente ao caminho, mas a todo o resto.

Uma vez suplantado o problema do sujeito indefinível e inclassificável, resta o que é essencial. Deus nos oferece gratuitamente, como fruto do seu amor misericordioso manifestado em seu poder criador, algo novo, maravilhoso, desconhecido a nós. Sabemos somente que Ele mesmo fará desta Obra Nova um monumento para a Sua Glória, ao qual acorrerão, todos os povos, em busca de conhecê-lo e adorá-lo, conforme nos havia prometido no Retiro da Taíba.

Duas preposições + uma ideia = um novo caminho

Esta Obra, como vimos, não é estática, mas um caminho de vida e dinamismo, caminho *de felicidade* (isto é, ao caminhar já se é feliz; o caminhar é, já, a felicidade) e *para a felicidade* (o que significa que a felicidade é sua consequência, seu ponto de chegada). Fique claro, porém, que o "de" felicidade é indispensável ao "para" a felicidade.

Também aqui, em mais de uma revisão, tentei convencer o Moisés a colocar algo mais claro como "de felicidade e para a felicidade". Ele recusou minha proposta dizendo que era um só caminho e que as duas coisas aconteciam ao mesmo tempo e ele queria enfatizar isso. Além deste fato, queria dar a ideia de continuidade, isto é, a felicidade que se vai encontrando enquanto se percorre o caminho.

Queria ainda deixar claro, que o caminho "de felicidade" era tão absolutamente o mesmo que o caminho "para" a felicidade, que esta não era uma recompensa a ser colhida no final, mas um fruto, uma consequência natural do caminho "de" felicidade. É impressionante como a graça de Deus supera em muito toda lógica da linguagem. Quem diria que uma sentença sem sujeito e com apenas 8 palavras escondesse tanta história e contivesse tanta sabedoria?

Caminho de felicidade = caminho de cruz

Além da história e da sabedoria das quais acabamos de falar, a identidade entre felicidade e cruz traz-nos um significado todo novo do que seja a cruz e do que seja a felicidade. Tal significado é precioso para entendermos o espírito do fundador e a espiritualidade do nosso Carisma. Na verdade, este significado só poderá ser profundamente compreendido a partir da dimensão cristológica fundamental do nosso Carisma: o evento de Jo 20,19-29, no qual Cristo, nossa paz¹ é o Ressuscitado que passou pela Cruz, comunica-nos a Paz e nos envia aos Tomés do mundo de hoje.

Para quem vive imerso na mentalidade do mundo, este caminho poderia representar um escândalo, como bem preconiza nosso Frontispício². Para quem teve uma experiência pessoal com Cristo Vivo na pessoa do Ressuscitado que passou pela Cruz é o segredo da vida e da santidade.



Vejamos:

O caminho de cruz:

- é caminho semelhante ao de Jesus: exige a coragem de Jesus, o sacrifício de Jesus, a renúncia de amor e obediência de Jesus, traz, como fruto, a ressurreição
- é um caminho de e para a felicidade não somente nossa, mas da humanidade e de todo homem
- é caminho indispensável para colher a ressurreição, isto é, a felicidade, a santidade

O caminho de felicidade:

- é como o de Jesus: exige coragem, sacrifício, renúncia, morte
- é caminho da felicidade da Cruz para a felicidade da Ressurreição
- é a Ressurreição como fruto da Cruz

Seria este o pensamento corrente sobre cruz e felicidade? Sem uma experiência pessoal com o Ressuscitado que passou pela Cruz, quem seria capaz de entender que cruz, felicidade, santidade e ressurreição são sinônimos? Sem a contemplação deste Ressuscitado, quem encontraria sentido para este caminho pascal? Onde se encontraria força para permanecer nele? Somente unidos ao Ressuscitado que passou pela Cruz e dela traz as marcas gloriosas temos como acolher, abraçar, percorrer e perseverar neste caminho novo!

Aqui se esboçam os primeiros traços da dinâmica pascal deste escrito e de nossa vocação: a dinâmica pascal como caminho indispensável para a Paz, para a ressurreição, para a felicidade, para a esponsalidade com Jesus, para a santidade.

A cruz pela cruz, sofrimento pelo sofrimento, obviamente nem traz e nem é felicidade, porque não traz e não é ressurreição. A cruz, neste caso, é morta. É estéril como ponto de partida.

No entanto, quando se parte da Pessoa do Ressuscitado, a *Sua* Cruz, o *Seu* Caminho Pascal e se percorre com *Ele* e *Nele*, a participar de sua felicidade em dar-se inteiramente, o mesmo caminho que *Ele* percorreu e percorre em cada Eucaristia, encontra-se a felicidade, a ressurreição, o amor esponsal, a paz. Neste caso, a cruz passa a ser viva, passa a gerar a vida, passa a ser lugar onde se encontra o Ressuscitado, que com ela se confunde enquanto lugar de amor. Neste caso, a cruz passa a ser... árvore!

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)



FASE MARTYRIA – 4ª SEMANA

TEMA

Martírio e frutos

OBJETIVO

Destacar os frutos da árvore da cruz possível e presente na Eucaristia, nos acontecimentos e nas relações.

MATERIAL

ANEXO FRUTOS DA CRUZ

ANEXO CRUZ ÁRVORE

METODOLOGIA

- Após apresentar o tema e o objetivo desta formação, distribua o ANEXO FRUTOS DA CRUZ e leiam todos juntos apenas o trecho inicial intitulado **Cruz Felicidade**, nos primeiros parágrafos.
- Em seguida, devem ser lidas todas as passagens bíblicas abaixo que apresentam o arquétipo “árvore”, mencionadas pela autora no trecho selecionado para esta formação.
- Peça que cada um abra uma passagem de modo que pessoas diferentes as leiam em alta voz para todos:

- ✓ Antigo Testamento: Gn2,8-17 ; Dt 21,22-23 ; Gn 3,6-22 ; Ex 14,10-18 ; Ex 15,22-25 ; Ez 47,6-12
- ✓ Evangelhos: Mc 11,12-14 ; Lc 13, 6-9

- Destaque, segundo o texto, Jesus na árvore da cruz “não mais como figura, mas *acontecimento*”:

"O que representa a cruz à luz da ressurreição? (...) É o lugar (...) onde o novo Adão disse sim a Deus por todos e para sempre. Onde o novo Moisés, com o madeiro, abriu o novo Mar Vermelho e, com sua obediência, transformou as águas amargas da rebelião nas águas doces da graça e do batismo. Onde "Cristo nos resgatou da maldição da lei fazendo-se por nós maldito" (Gl 3,13). A cruz é força de Deus e sabedoria de Deus (ICor 1,24) É a nova árvore da vida plantada no meio da praça da cidade (cf. Ap 22,2).

- Em seguida, de forma comentada, aprofunde as VIVÊNCIAS sublinhadas no ANEXO CRUZ ÁRVORE.
 - Seja prático, comente de forma clara e concreta as vivências que são o terreno por excelência onde a cruz deita suas raízes e esbanja seus frutos (sacramentos, relações e os acontecimentos ordinários, família, compromissos, trabalho, etc.).
 - Dê alguns minutos para que cada um escute em oração um propósito sobre colher a ressurreição como um fruto da cruz amada e acolhida no cotidiano.
 - Finalize com a partilha de alguns propósitos.
-

ANEXO FRUTOS DA CRUZ

Cruz felicidade

Não me recordo de ter ouvido o Moisés pregar sobre cruz como sinônimo de sofrimento estéril. Para ele, na vida, nos ensinamentos, pregações e escritos, cruz é sempre sinônimo de amor e felicidade. Amor do Pai, que entregou seu Filho. Amor do Filho que se entregou e entregou o Espírito. Amor das almas esposas que, na vocação, se entregam com e no Esposo pela Igreja e pela humanidade. Amor eucarístico de entrega diária e ilimitada de amor ao irmão. Amor missionário de entrega diária e definitiva de amor aos que não conhecem a Deus ou estão afastados Dele e que são, portanto, vítimas da pior das pobreza.

Quando, no *Obra Nova*, descreve o caminho "de e para a felicidade" diz que ele "é como o caminho de Jesus: exige coragem, sacrifício, renúncia", é "caminho de cruz", de felicidade, de barreiras, de dificuldades, sofrimento feliz e fecundo. Desta Cruz, que transforma em Árvore, colhe-se o fruto diário da Ressurreição. Assim, com "R" maiúsculo, para indicar que é nossa ressurreição na Ressurreição de Cristo, a ressurreição prometida como fruto da Eucaristia⁶, como me explicou na época, ao ser perguntado do porquê da letra maiúscula.

O "sofrimento" que experimentamos como resultado de nossas renúncias por amor, explica o Moisés, não vem da cruz, nem da renúncia em si, mas de nossa carne "que range porque não quer ser contrariada"⁷.

A alegria que experimentamos como resultado dessas mesmas renúncias de amor é a alegria da Ressurreição, fruto da Cruz. É fruto da luta de amor dos violentos de que nos vai falar no parágrafo 3.

A Cruz é, desta forma, não um sinal, mas um local. Um campo de batalha onde se trava o combate pelo amor e contra o pecado, confiantes na sua força sobrenatural, advinda do Esposo Guerreiro que neste mesmo local travou sua luta contra o pecado e o venceu pela entrega de amor.

Esta Cruz, e a dinâmica de vida que ela esconde, é a única felicidade verdadeira: a da morte por amor. É este o grande escândalo que o mundo precisa contemplar nas nossas vidas. É esta a única violência que liberta, a única morte que é dinâmica de vida. É este o nosso caminho!

Cruz Árvore

Raniero Cantalamessa, ecoando os Padres da Igreja, percorre em sua meditação o uso bíblico do arquétipo da árvore, que atravessa toda a história da salvação. No Antigo Testamento, está presente *como figura* no Jardim do Éden como árvore da vida e árvore do conhecimento do bem e do mal, "diante da qual se consuma a rebelião; no Deuteronômio, onde significa maldição⁸; na madeira da Arca de Noé; no bastão com o qual Moisés golpeou as águas do Mar Vermelho e no arbusto com que transformou em água potável as salobras águas de Mara"⁹.

Há ainda as árvores de Ezequiel, a dar frutos e folhas medicinais durante todo o ano às margens do rio que jorra do Templo; as figueiras dos Evangelhos; as árvores da Nova Jerusalém, todas figuras da Cruz e de nossa reação a seu convite ao amor.

Cantalamessa refere-se à Cruz de Jesus, agora não mais figura, mas *acontecimento*, e à Cruz da Eucaristia e da Liturgia como *sacramento* e *mistério*.¹⁰

Este extraordinário pregador, tão próximo à nossa comunidade e a quem tanto devemos, continua a nos ensinar sobre a Cruz como árvore e aproxima-se bastante de nossa vocação ao contemplá-la à luz da ressurreição:

Que representa a árvore da cruz na vida de Jesus, ou seja, não mais em figura, mas como uma realidade histórica? Representa o instrumento de sua condenação, de sua total destruição como homem, o ponto mais baixo de sua kénosis. (...)

E o que representa a cruz à luz da ressurreição? (...) É o lugar (...) onde o novo Adão disse sim a Deus por todos e para sempre. Onde o novo Moisés, com o madeiro, abriu o novo Mar Vermelho e, com sua obediência, transformou as águas amargas da rebelião nas águas doces da graça e do batismo. Onde "Cristo nos resgatou da maldição da lei fazendo-se por nós maldito" (Gl 3,13). A cruz é força de Deus e sabedoria de Deus (ICor 1,24) É a nova árvore da vida plantada no meio da praça da cidade (cf. Ap 22,2). (...) [Na cruz] Deus venceu definitivamente o mal, sem destruir com ele a liberdade que o produziu. (...) Na cruz, Jesus "queria fazer em si mesmo dos dois povos uma única humanidade, nova pelo restabelecimento da paz (...) aniquilando na cruz a inimizade" (cf. Ef 2,15s). Cristo, na cruz, aniquilou a inimizade, não o inimigo.¹¹



Em nosso Escrito, esta Árvore, que nasce *como caminho* às margens dos arroios e das águas do deserto, dá um fruto com múltiplos significados: a Ressurreição.

Como as árvores de Ezequiel e do Apocalipse, esse fruto é perene e pode ser colhido a cada dia, a cada vez que lutamos a luta pelo amor, pela caridade, no campo de guerra contra nós próprios que é a cruz e vencemos com a força do Ressuscitado que pela Cruz passou.

Como no episódio de Mara, torna, com seu amor, doce e frutífera a de outra forma amarga e desafiante vida comunitária e demais relacionamentos humanos.

Como a Nova Árvore do Bem e do Mal, dá-nos a possibilidade de um desfecho oposto ao “não a Deus e sim ao pecado” dos nossos primeiros pais, ecoado pelos quatro cantos do mundo de hoje. Por sua força e em união com o Ressuscitado que por ela passou, podemos, no uso de nossa liberdade e inflamados de amor por Ele, dizer “sim a Deus e não ao pecado”.

Como a árvore do sacramento e mistério eucarístico, une-nos ao Ressuscitado e nos dá, Nele, a vitória sobre o pecado, o velho que nos habita, alimentando-nos pela Ressurreição de cada dia, para o restante do nosso caminho.¹²

O *Obra Nova* traz a árvore da cruz para dentro das casas comunitárias, das famílias, das células comunitárias, do trabalho, do relacionamento, do comportamento de cada dia, do apostolado, da missão. Toda morte a si mesmo por amor, segredo para passar, com o Ressuscitado, por Sua Cruz, traz, indefectivelmente, a cada dia, a Ressurreição.

Cantalamessa nos diz, com razão, que, à luz da ressurreição, a cruz é o lugar em que o Novo Adão diz “sim” a Deus para sempre. Nosso fundador nos diz, também com razão que, à luz do Ressuscitado que por ela passou, a cruz é o lugar de luta das almas esposas, junto ao Esposo, morrendo de amor a Ele e aos irmãos a cada dia para com Ele e Nele colher, diariamente, o fruto deste amor. Que alegria poder celebrar isso em nossas Completas!

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)



ANEXO CRUZ ÁRVORE

"Como as árvores de Ezequiel e do Apocalipse, esse fruto é perene e pode ser colhido a cada dia, a cada vez que lutamos a luta pelo amor, pela caridade, no campo de guerra contra nós próprios que é a cruz e vencemos com a força do Ressuscitado que pela Cruz passou.

Como no episódio de Mara, torna, com seu amor, doce e frutífera a de outra forma amarga e desafiante vida comunitária e demais relacionamentos humanos.

Como a Nova Árvore do Bem e do Mal, dá-nos a possibilidade de um desfecho oposto ao "não a Deus e sim ao pecado" dos nossos primeiros pais, ecoado pelos quatro cantos do mundo de hoje. Por sua força e em união com o Ressuscitado que por ela passou, podemos, no uso de nossa liberdade e inflamados de amor por Ele, dizer "sim a Deus e não ao pecado".

Como a árvore do sacramento e mistério eucarístico, une-nos ao Ressuscitado e nos dá, Nele, a vitória sobre o pecado, o velho que nos habita, alimentando-nos pela Ressurreição de cada dia, para o restante do nosso caminho.¹²

O Obra Nova traz a árvore da cruz para dentro das casas comunitárias, das famílias, das células comunitárias, do trabalho, do relacionamento, do comportamento de cada dia, do apostolado, da missão. Toda morte a si mesmo por amor, segredo para passar, com o Ressuscitado, por Sua Cruz, traz, indefectivelmente, a cada dia, a Ressurreição.

Nosso fundador nos diz, também com razão que, à luz do Ressuscitado que por ela passou, a cruz é o lugar de luta das almas esposas, junto ao Esposo, morrendo de amor a Ele e aos irmãos a cada dia para com Ele e Nele colher, diariamente, o fruto deste amor."

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)



FASE MARTYRIA – 5ª SEMANA

TEMA

Martírio cotidiano

OBJETIVO

Destacar a imprescindibilidade e a cotidianidade do Amor na experiência de cruz e ressurreição no caminho de santidade (kenosis, koinonia e diaconia).

MATERIAL

ANEXO MARCAS GLORIOSAS

ANEXO NO SIM DE CADA DIA

METODOLOGIA

- Inicie a formação abrindo para 1 ou 2 testemunhos sobre os propósitos feitos na semana anterior, como foram vividos.
- Apresente agora o tema e o objetivo da formação de hoje.
- Você deve introduzir a partilha em grupo a seguir só após comentar, à luz do ANEXO MARCAS GLORIOSAS, sobre a essencialidade do amor na experiência da cruz e ressurreição cotidiana, o quanto tudo depende do amor com o qual respondemos e vivemos a cruz de cada dia. **NÃO DEIXE DE FAZÊ-LO!**
- Em seguida, divida o grupo em 3 equipes/duplas (dependendo do número de membros), distribua o ANEXO NO SIM DE CADA DIA e os nomeie assim:
 - ✓ Grupo 1: KENOSIS (contemplação, entrega e obediência perfeitamente abandonada à vontade do Pai)
 - ✓ Grupo 2: KOINONIA (unidade com a humanidade que sofre pelo pecado e pelo desconhecimento de Deus e com a vontade do Pai)
 - ✓ Grupo 3: DIACONIA (evangelização)
- Oriente que todos leiam o anexo e discutam à luz do texto sobre o tema do seu grupo. As reflexões devem ser concretas e sempre no campo do seu tema por grupo. Assim:

COMO VIVER POR AMOR E COM AMOR OS DESAFIOS NA EXPERIENCIA DE
CONTEMPLAÇÃO/UNIDADE/EVANGELIZAÇÃO
QUE FAZEM PARTE DO NOSSO CAMINHO DE SANTIDADE?

- Em plenário, cada grupo/dupla deve apresentar o resultado das suas reflexões.
 - Encerre a formação elegendo comunitariamente um propósito sobre o tema de cada grupo (kenosis/contemplação, koinonia/unidade e diaconia/evangelização), para ser vivido por todos como um propósito comum.
-



ANEXO MARCAS GLORIOSAS

“O Moisés costuma referir-se a estas chagas como “joias, diamantes”, afirmando que toda marca ou ferida que tivermos vivido por amor se transformarão, pelo poder da ressurreição de Cristo, em marcas gloriosas. Toda marca causada por uma renúncia de amor será, pela ressurreição de Cristo e pela nossa pequena passagem pela morte (renúncia) de amor de cada dia, transformada em marca de ressurreição. As marcas no corpo de Jesus são, portanto, acima de tudo, marcas da Passagem. Remetem ao fato de Jesus Ressuscitado ter um corpo bem real⁷, gerado, a partir de sua entrega, pela Passagem da morte para a vida e com tal poder que as chagas transparecem a glória da vida plena:

Por meio da Sua encarnação, vida e morte na Cruz, Jesus deu Sua vida por nós, amando-nos e nos resgatando para o Pai. A sua oferta na cruz **gerou** a Ressurreição e, com ela, a plenitude de vida para nós.

A livre entrega da vida gera ressurreição. Assim com Jesus, assim com os que o amam, assim com os que são chamados a viver a vocação Shalom.”

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)



ANEXO NO SIM DE CADA DIA

COMO VIVER POR AMOR E COM AMOR OS DESAFIOS NA EXPERIENCIA DE CONTEMPLAÇÃO/UNIDADE/EVANGELIZAÇÃO QUE FAZEM PARTE DO NOSSO CAMINHO DE SANTIDADE?

“Bento XVI presenteou-nos com uma afirmação que traduz muito da visão de cruz e ressurreição de nossa vocação. Tal trecho é citado na *Carta à Comunidade 2005*²⁰:

*Quando fala da cruz que temos de carregar, não o faz pelo prazer da tortura ou um moralismo estreito. É o impulso do Amor, que sai de si mesmo, que não se preocupa consigo mesmo, mas que se abre aos demais para pôr-se a serviço da verdade, da justiça, do bem. Cristo nos mostra Deus e, deste modo, a verdadeira grandeza do homem.*²¹

Na verdade, para quem, como nós, é chamado à vivência do amor esponsal como cerne de sua vocação, o Amor impulsiona e justifica toda cruz, passagem para a vida e ressurreição.

Cruz que é constante movimento de amor

Como já se pode vislumbrar, a Cruz, para nós, não é um objeto estático e sem vida no qual dois pedaços de madeira se entrecruzam. Para nossa espiritualidade, a cruz é movimento, é cruz viva, testemunha, impulso e lugar teológico de *kénosis*, *koinonia* e *diaconia*; de contemplação (entrega e obediência perfeitamente abandonada à vontade do Pai), unidade (com a humanidade que sofre pelo pecado e pelo desconhecimento de Deus e com a vontade do Pai) e evangelização.

É o dinamismo através do qual se realiza, na vida de cada dia, a dança do amor esponsal. É o movimento que gera a inflamação do amor que sempre ama.

É, ainda, uma “passagem viva que carrega”, pois, sendo árvore viva de amor e de vida, não é matéria morta, mas vida e amor sempre em movimento.

É atestado vivo e glorioso da Páscoa de Cristo através das suas marcas deixadas nas chagas gloriosas e, portanto, vivas.

É passagem viva e gloriosa para a nossa Páscoa em Cristo e através Dele.

É testemunho vivo de amor e acesso vivo à fonte da Paz.

É itinerário vivo de vivo amor para a Ressurreição.

A Cruz Viva está presente nas chagas que, como explica o Moisés, Jesus fez questão de conservar em seu Corpo Glorioso. Para nós, longe de ser sinal de morte, é sinal de vida, de liberdade, de vitória, de felicidade.

Longe de ser morte, é vida. Longe de ser morta, é viva. Longe de ser um evento de quase 2000 anos atrás, é vida, modo de vida, mentalidade de vida, livre opção de vida que somos chamados a viver agora, em cada minuto, para, a cada dia, pelo itinerário do amor, colher a Ressurreição e a Paz.

Sim, a cruz, para nós – aquela que somos chamados a tomar a cada dia – unida à de Cristo, é árvore de onde brota o fruto bendito da Ressurreição, nossa e da humanidade inteira.

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)



FASE MARTYRIA – 6ª SEMANA

TEMA

Martírio e Ressurreição

OBJETIVO

Aprofundar o que é em nossa espiritualidade, a Ressurreição-Fruto da Árvore da Cruz-Amor, colhendo os frutos de uma vida nova através de uma resposta evangélica à cruz dos tempos hodiernos.

MATERIAL

ANEXO TRINÔMIO SINÔNIMO

METODOLOGIA

- Apresente de forma clara e comentada o tema e o objetivo da formação de hoje.
- Divida os membros em 3 grupos/duplas (de acordo com o número de pessoas) e os nomeie assim:

GRUPO 1: FELICIDADE

GRUPO 2: RESSURREIÇÃO

GRUPO 3: SANTIDADE

- Oriente que cada grupo converse sobre o que é concretamente cada uma dessas experiências (cada grupo deve conversar sobre o seu tema) diante da cruz dos tempos atuais, listando com sinônimos que completem a seguinte afirmação (15 min):

Felicidade/ressurreição/santidade é _____

- Em plenário, cada grupo apresenta o fruto da sua discussão comparando as respostas, de modo que se perceba como sinônimo felicidade/ressurreição/santidade, como no fundo as 3 experiências significam a mesma coisa (15 min).
- Dirija o plenário comparando as listas feitas por cada grupo, sempre conferindo se cada palavra listada por um grupo cabe como sinônimo no tema dos outros 2 grupos. Por exemplo:

G1 - FELICIDADE	G2 - RESSURREIÇÃO	G3 - SANTIDADE
<i>Amar</i>	<i>Amar</i>	<i>Amar</i>
<i>Etc.</i>	<i>Etc.</i>	<i>Etc.</i>

RESSURREIÇÃO	G3 - SANTIDADE	G1 - FELICIDADE
<i>Rezar</i>	<i>Rezar</i>	<i>Rezar</i>
<i>Etc.</i>	<i>Etc.</i>	<i>Etc.</i>

G3 - SANTIDADE	G1 - FELICIDADE	RESSURREIÇÃO
<i>Conversão</i>	<i>Conversão</i>	<i>Conversão</i>
<i>Etc.</i>	<i>Etc.</i>	<i>Etc.</i>

- Distribua o ANEXO TRINÔMIO SINÔNIMO para cada membro para que todos leiam juntos, destacando no texto a resposta do seu grupo (15 min).
- Finalize a formação com partilha geral sobre a leitura.

ANEXO TRINÔMIO SINÔNIMO



"Ressurreição como sinônimo de felicidade e santidade

Nosso caminho de felicidade e para ela é o mesmo de Jesus. A passagem pela cruz é, portanto, indispensável:

*Deus nos chamou a esta magnífica vocação. É um caminho de e para a felicidade. Este caminho, no entanto, é como o caminho de Jesus: exige coragem, sacrifício, renúncia, pois é caminho de cruz para que a cada dia possamos colher a Ressurreição. É um caminho de felicidade, mas nem por isto deixará de ter as barreiras, dificuldades, sofrimento. Diria até que, exatamente por ser um caminho de felicidade, tudo isto irá existir.*³

O caminho da vocação é o mesmo de Jesus: um caminho cruz, de felicidade e para a felicidade. Tal caminho colhe a Ressurreição como fruto e traz uma pungente profecia para nosso mundo hedonista: a felicidade plena da ressurreição supõe, necessariamente, o sofrimento inerente ao amor e encontra seu sentido ao ser vivido por amor, como o de Jesus na cruz. Também o imediatismo de nossa época é contestado pelo fato de que é necessária uma caminhada muitas vezes alongada pelas barreiras, dificuldades e dores. O egoísmo comodista hodierno, por sua vez, é contrastado pela exigência de coragem, sacrifício e renúncia para colher a ressurreição.

A felicidade, que, como se vê pelo texto, é identificada com ressurreição, não é, para a vocação Shalom, ausência de dificuldades, barreiras ou dores. A felicidade é fruto de um caminho de cruz no qual estas estão presentes e explicitamente citadas. A frase *Diria até que, exatamente por ser um caminho de felicidade, tudo isso irá existir* poderá surpreender o leitor desavisado, pois supõe o sofrimento pessoal e comunitário como consequência da radical opção por Jesus e pela vivência de Sua Caridade.

Ao longo dos anos, em suas pregações e conversas informais, sempre foi marca do fundador repetir o trinômio "ressurreição–felicidade–santidade" como sinônimos. A ressurreição colhida pela *kénosis* por amor, na Caridade de Cristo, como ele costuma dizer, é sinônimo de felicidade autêntica e ambas são sinônimo de santidade. Tal santidade, assim como a felicidade descrita em *Obra Nova*, não é fruto de nossos méritos, mas dom gratuito do Espírito do Ressuscitado que passou pela Cruz. É belo e gera entusiasmo e louvor contemplar a coerência de pensamento e entendimento que, ao longo de tantos anos, nos conclama a viver nosso chamado."

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)



FASE MARTYRIA – 7ª SEMANA

TEMA

Martírio e graça

OBJETIVO

Conhecer e concretizar a vivência das 3 grandes graças que no carisma Shalom são necessárias para se trilhar o caminho de santidade até o fim.

MATERIAL

ANEXO CORAGEM

ANEXO RENÚNCIA

ANEXO DISPOSIÇÃO

METODOLOGIA

- Apresente o tema e o objetivo de hoje, dividindo em seguida os membros em 3 grupos/duplas, de acordo com o número de membros. Assim:

Grupo 1 – CORAGEM

Grupo 2 – RENÚNCIA

Grupo 3 – DISPOSIÇÃO

- Entregue para cada grupo o anexo correspondente ao seu tema e oriente a partilha em grupo sobre como VIVER CONCRETAMENTE a graça que é o tema do seu grupo, com exemplos concretos, além dos que podem ser encontrados no próprio texto, as experiências vivenciadas por cada um.

- Oriente que os grupos, ainda à luz do texto e do tema do seu grupo, discutam sobre as seguintes perguntas:

Onde adquirimos esta graça?

Como cultivamos esta graça?

Como devemos usar esta graça?

- Encerre com um momento em plenário onde sejam ouvidos alguns membros sobre as graças partilhadas nos grupos.

- Finalize a formação destacando a vida de oração, a vida sacramental, o serviço e o testemunho de radicalidade evangélica como fontes dessas três grandes graças e incentivando-os a beber das mesmas. Não deixe de fazê-lo!
-

ANEXO CORAGEM

“Coragem

Como temos visto, a coragem, renúncia e disposição são três graças imprescindíveis para vivenciar a vocação e trilhar o caminho de e para a felicidade, sabendo que o Senhor nos dará a vitória. Caso a coragem não exista, como nos diz o texto:

É melhor não aventurar-se para que não destrua a si próprio e não destrua os outros, e não se seja pedra de tropeço naquilo que com tanto amor Deus está construindo.

Neste trecho, o Moisés refere-se, evidentemente, em primeiro lugar aos que estavam ao seu lado naquele momento desafiante de nossa história. De coragem, porém, precisaremos sempre, em qualquer momento de nossa vida vocacional e de cristãos. Coragem para pensar diferente da maioria, coragem para dizer sempre a verdade, coragem para proclamar o Evangelho, coragem para obedecer a Deus, coragem para lutar contra o pecado.

É óbvio que a fonte da coragem é o amor. Ele é sua raiz. Contemplamos este fruto do amor em Jesus crucificado. O amor a que nos referimos não é somente o amor humano, mas sobretudo ao amor a Deus, ao Amor Esposal que nos une ao Esposo em intimidade e reciprocidade.

É este amor que nos impele a arriscar tudo e até a nossa vida pelo bem de quem amamos, pelo bem de cada homem e de toda a humanidade, pelo bem da Igreja e da vocação, pela maior glória de Deus. É este amor que nos impulsiona a ter tudo por perda com relação a Cristo². É ele que nos leva a tudo crer, tudo esperar, tudo suportar³, especialmente de quem já nos ofendeu seriamente e por muitas vezes. É ele que nos leva a deixar tudo para seguir Jesus em qualquer lugar e em qualquer apostolado onde o serviço ao Evangelho e à Igreja nos chamar.

A coragem a que alude repetidamente o fundador é, também, fruto da fé. Precisariamos de muitos livros para contar os testemunhos de fé que nosso fundador vive e nos leva a viver com ele. Aprendemos que nossa fé realmente precisa ser como a de Maria ao ter a coragem de dizer sim a uma missão e vocação não somente desconhecidas e únicas, mas também impossíveis; que devemos crer como ela ao afastar-se da cena e dizer “fazei tudo o que ele vos disser”, deixando Deus fazer livremente a Sua obra; crer e confiar na ressurreição de cada dia como ela confiou na Ressurreição mesmo tendo diante dos olhos o filho dilacerado.

Também a coragem que vem da fé, a coragem a que somos chamados é atualizada pelo fundador 22 anos após a redação de Obra Nova:

Tenham fé e coragem de dizer 'sim' a Jesus Cristo e à Igreja, segundo o nosso Carisma.

Tenham fé e coragem de dizer 'sim' à pobreza, na partilha de vida e na comunhão de bens.

Tenham fé e coragem de dizer 'sim' à obediência, na busca absoluta da Vontade do Pai.

Tenham fé e coragem de dizer 'sim' à castidade, em um amor puro e desinteressado a Deus e aos outros, que gera a vida em abundância.

Ser diferente! Ter uma vida marcada pelo diferencial da fé e do Carisma é segurança do cultivo de um feliz e fecundo futuro para nós, para os nossos filhos, para a Igreja e para a Humanidade.”

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)

ANEXO RENÚNCIA

“Renúncia

Assim como acontece com relação à coragem, a única explicação para a renúncia é o amor, a fé e, com ambos, a esperança. Assim como da coragem, são eles a sua fonte, sua origem. Renunciar é morrer para si mesmo, para a própria vontade, até para as próprias fraquezas e limites⁴ com vistas ao bem de uma outra pessoa, da vocação e da maior glória de Deus. A renúncia é o elemento decisivo e mais característico da participação na cruz de Cristo, do caminho novo de Amor Esposal e o único que gera o fruto da ressurreição.

Acontece que, após o pecado original, a renúncia de amor não é espontânea na humanidade. Requer uma fonte divina, exige a participação do amor da Trindade, o poder do Espírito Santo. Por si só e como fim em si mesma, a renúncia é infrutífera e até masoquista. Movida pelo amor de Deus e tendo o Esposo por alvo e parceiro, torna-se sacrifício de amor e assim ingressa na economia pascal do Evangelho e da vocação Shalom.

Assim como a graça da coragem, a graça da renúncia por amor é ao mesmo tempo graça vocacional e objetivo a perseguir a cada dia. Sem esta capacidade de renúncia por amor, não há como viver a Vocação Shalom, pois sem ela não há como viver o Amor Esposal e nem como colher a ressurreição a cada dia. Sem viver a renúncia por amor e desejá-la viver cada vez mais intensamente por amor ao Amado e aos que Ele ama, não se vive o Amor Esposal, não se vive a vocação.

Renúncia por amor é uma forma de morte por amor. É nossa forma de participar na graça da *kénosis* do Esposo, Jesus, Filho de Deus, esvaziado de si, sem deixar de ser ele mesmo, por amor. Esta imitação, por sua vez, nem de longe é atitude moral ou voluntarista, mas união com a Pessoa do Amado, a quem não somente seguimos, mas também nos unimos em esponsalidade. Nossa maneira de participar da *kénosis*, do esvaziamento, empobrecimento, abaixamento de amor de Cristo, que se fez pobre para nos enriquecer com sua riqueza⁵. Nosso modo de nos configurarmos ao Ressuscitado que passou pela Cruz e dela traz as marcas gloriosas. Nosso êxodo, isto é, caminho de saída da morte do que é velho para a vida ressuscitada, nosso caminho de Amor Esposal pelo “Deus que merece todo o amor do mundo”.

Renunciar ao que é velho⁶ evoca, primordialmente, a passagem do Antigo para o Novo Testamento, da morte para a vida, do pecado para a santidade, do não-shalom para o shalom. Significa adesão à salvação em Jesus Cristo e a aceitação de Seu convite para caminhar como Ele e a Ele unido.

Mais uma vez, atualiza-nos o Escrito *Carta à Comunidade 2005*:

Sem dúvida nenhuma, este é o único caminho da Paz. Viver uma vida voltada para Deus e para os outros. Sem dúvida nenhuma, este é o caminho da felicidade: viver o Amor. Amor que é uma vida doada a Deus e aos outros, se necessário, até o sacrifício. Viver a verdade do Evangelho em toda a sua sadia novidade e radicalidade. Este amor, que gera unidade, convida-me a doar-me continuamente, partilhando o que sou e o que tenho, para configurar-me cada vez mais a Cristo:

“Ele não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus. Mas despojou-se, tomando a condição de servo. Ele se rebaixou tornando-se obediente até a morte numa cruz. Foi por isto que Deus o exaltou soberanamente.”

Viver a vida de Cristo. Amar como Cristo amou. Doar-me como Ele se doou. Viver o Evangelho em profundidade e radicalidade. Enfim, Segui-IO! Viver, na realidade própria de cada um, a pobreza de Cristo, a obediência de Cristo, a castidade de Cristo.⁸

Que enormes abismos são os da renúncia por amor! É como um salto no abismo sem fim do coração do Esposo em um amor que, exatamente por ser o mesmo de Cristo, não conhece limites nem fronteiras! Toda a criatividade dos santos, toda a renúncia de todos os santos de todos os tempos passados e futuros não chegariam à grandeza e intensidade da *kenosis* de Cristo. Dela, ainda que todas somadas, não seriam mais que um pálido reflexo. E, no entanto, cada um de nós, segundo seu próprio chamado e Carisma, tem algo desta renúncia kenótica a viver para que o mundo creia e conheça a face do Ressuscitado que dele tem misericórdia.”

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)

ANEXO DISPOSIÇÃO

“Disposição

O conceito de “disposição”, neste Escrito e no espírito do fundador, parece relacionar-se com a longa duração e dificuldade do caminhar. É a disposição de caminhar do velho para o novo com todo ardor e fervor a cada minuto da vida, tendo por fundamento e motivação a certeza da vitória em Cristo:

*Precisamos ter coragem, muita coragem para isto, precisamos renunciar ao que é velho e ter a verdadeira disposição de caminhar do velho para o novo, com todo ardor e fervor, sabendo que o Senhor nos dá a **VITÓRIA!***

Enquanto a renúncia evoca ruptura com o próprio pecado e com o mundo, a disposição evoca constância na caminhada, firmeza de ânimo e perseverança no longo êxodo em meio ao deserto adverso para a liberdade da Páscoa. Evoca, no pensamento do fundador, ação.⁹

É um conceito que complementa o de coragem e renúncia para abraçar a vontade de Deus e a cruz de amor do Esposo Ressuscitado. A cruz se abraça com coragem e através da renúncia, mas é a disposição que renova, pela persistência da fé e do amor, a esperança que impulsiona o caminhar para o calvário onde se consuma o “êxodo radical”.

Não seria este trecho da Carta à Comunidade 2005 um belo exemplo de situações concretas e duradouras que exigem a disposição?

*Nosso chamado como Comunidade de Aliança convida-nos a viver uma **vida diferente**, como sinal e testemunho. É indispensável para nós mesmos, para nossas famílias e para toda a humanidade a quem somos destinados a testemunhar, que por meio da palavra e da vida possamos manifestar que cremos no Evangelho e na Igreja. Cremos que a felicidade não está onde o mundo, com sua mentalidade, nos indica. Cremos que a verdade e a felicidade exigem de nós uma sadia radicalidade nas nossas opções e posturas na vida. Só assim seremos sal e luz. Só assim sentiremos o sabor e a incorruptibilidade de Cristo na nossa vida, com todos os frutos de vida e eternidade que isto traz.*¹⁰

Somente a disposição alimentada pelas virtudes da fé, da fortaleza, da esperança e da perseverança evita que, depois de um primeiro período de entusiasmo, voltemos aos antigos conceitos e ideias que voluntariamente deixamos.

Disposição implica, igualmente, paciência para com os desígnios de Deus, para com o Seu tempo, para com os outros e para conosco mesmos. A disposição, ligada à paciência, à perseverança e à fortaleza, encontra forças para recomençar a agir a cada queda e perseguir o alvo até o final.

Quando nos falta a disposição ocorre nos encontrarmos em situação pessoal e comunitária não poucas vezes pior do que se nos faltasse a coragem. Ao cairmos na tentação da “indisposição”, somos presas da terrível armadilha do desânimo, da desesperança, da indiferença que são, na constatação de muitos estudiosos e de nossa história, uma das armas prediletas do demônio contra os que receberam de Deus uma vocação.

Aos covardes, pede-se que vão para casa. Os indispostos, entretanto, se imiscuem no tecido comunitário como um vírus invisível. Recusam-se a participar de iniciativas novas ou que deles vá requerer esforço. Servem o Reino de forma desleixada, pouco responsável e de maneira alguma aceitam levar a termo uma tarefa mais exigente, encontrando para isso mil desculpas. Nunca estão à frente de nada – falta-lhes entusiasmo, disposição, empenho, fé, coragem e, conseqüentemente, liderança¹¹ – e não conseguem levar a bom termo tarefas que exijam um pouco mais de esforço ou pressa. Fecham-se em seu próprio setor e em seu mundo particular. Recusam-se a aprender, a tentar, a estudar para realizar uma tarefa. Esperam que alguém faça o que devem fazer. “Desaparecem” na vida comunitária e pensam mais em si mesmos que nos outros, mas não o dizem ou demonstram claramente, preferindo, por vezes, utilizar subterfúgios. Seu triste estado “emperra” o apostolado e traz não pouco mal-estar à vida comunitária. Como se diz popularmente, “vão levando” a vida assim e assim, “levando” a vocação, enterrando no campo, enrolando no lenço da indiferença e não participação o precioso talento do Carisma com que Deus os criou.”

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)



FASE MARTYRIA – 8ª SEMANA

TEMA

Martírio e combate

OBJETIVO

Aplicar a vivência das três grandes graças da coragem, renúncia e disposição aos combates próprios da radicalidade do testemunho.

MATERIAL

DVD "O Combate do Testemunho" (Ticiano Cavalcante)
ANEXO NÃO TENHAM MEDO DE DIZER NÃO

METODOLOGIA

- Tendo apresentado o tema e o objetivo da formação de hoje, dê início à exibição do DVD "O COMBATE DO TESTEMUNHO" (TICIANO CAVALCANTE).
 - Após o DVD, divida-os em pequenos grupos/duplas e distribua o anexo NÃO TENHAM MEDO DE DIZER NÃO.
 - Todos devem ler e fazer um propósito à luz da pregação e do texto que inspiram concretamente como combater para testemunhar o seguimento de Jesus.
 - Em plenário, os grupos devem apresentar seu propósito de amor para todos.
 - Encerre a formação fazendo um compromisso de intercessão mútua sobre todos os propósitos, com uma oração pedindo a graça de Deus para realizá-lo.
 - Oriente ao final que a próxima reunião do grupo iniciará com testemunhos sobre os propósitos acolhidos nesta oração, à luz da formação de hoje.
-

ANEXO NÃO TENHAM MEDO DE DIZER NÃO

"Medo e vacilação hoje

Além do que nos diz o primeiro Escrito da vocação – sempre atual porque inspirado pelo Espírito Santo especialmente para nós – o que é, hoje, o ter ou não ter medo, o ter ou não ter um coração tímido e vacilante? Ainda uma vez o Escrito *Carta à Comunidade 2005* atualiza *Obra Nova*:

"Não tenham medo de dizer 'não' ao sensualismo que invade a vida dos jovens solteiros e até dos casais (no ver, no ler, no falar, no ouvir, no vestir, na televisão, novelas, 'reality shows', músicas, filmes e outros; no conteúdo das conversas a que nos dedicamos; nos ambientes de lazer que frequentamos e que não condizem com a consagração que livremente assumimos, etc.).

Não tenham medo de dizer 'não' à ambição desenfreada do possuir, que só deseja receber e ganhar mais e nos escraviza, tornando-nos incapazes de partilhar a nossa vida e os nossos bens em vista de minorar o sofrimento e a miséria dos nossos irmãos (sofrimento e miséria espiritual e material).

Não tenham medo de dizer 'não' ao individualismo, que nos leva a só pensarmos em nós mesmos e no nosso próprio sucesso (pessoal e familiar), indiferentes ao bem e à felicidade dos outros e da nossa vocação, julgando que este caminho pode nos levar à felicidade. Na verdade, isso só nos leva a construir uma vida cheia de divisões e conflitos interiores, que nos conduz ao triste porto da amargura, da solidão e da infelicidade.

Não tenham medo de dizer 'não' à mentalidade de morte que invade as famílias (contracepção; rejeição do dom dos filhos em vista de uma vida mais cômoda; rejeição a dar sentido ao sofrimento humano querendo abreviar a vida por meio da eutanásia; mentalidades que relativizam o dom sagrado da vida, chegando a sacrificar vidas inocentes por meio de utilização de células-tronco embrionárias; aborto de anencéfalos; gravidez induzida, entre outras coisas).

Não tenham medo de confiar sua vida, seu estado de vida, sua profissão, seu futuro, sua felicidade a Deus e à construção do Seu Reino, na certeza que tudo mais virá por acréscimo.

"Quem deixa entrar Cristo, não perde nada, nada – absolutamente nada daquilo que faz a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade se escancaram as portas da vida. Só nesta amizade nós experimentamos aquilo que é belo e aquilo que nos liberta. (...) Não tenham medo de Cristo! Ele não tira nada, e doa tudo. Quem se doa a Ele, recebe o cêntuplo. Sim, abri, escancarai as portas a Cristo – e encontrareis a verdadeira vida. Amém⁷." ⁸

Uma vez que tais medos são incompatíveis com nossa vocação, o Esposo, que se dá sem medidas, deseja nos libertar definitivamente desses medos, que são como redes invisíveis a nos impedir de usufruir inteiramente da esponsalidade com Ele."

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)



FASE MARTYRIA – 9ª SEMANA

TEMA

Martírio e vida nova

OBJETIVO

Perseverar nas atitudes interiores por onde se cultiva a vida nova.

MATERIAL

DVD "A Batalha no deserto e no Pomar" (Edinardo Oliveira Jr)

ANEXO A BATALHA PELO NOVO

METODOLOGIA

- Inicie a formação de hoje fazendo um momento breve de partilha comunitária sobre a vivência dos propósitos feitos em oração à luz da formação, na semana anterior.
 - Em seguida apresente o tema e o objetivo da formação de hoje de forma clara e comentada.
 - Distribua o anexo A BATALHA PELO NOVO para cada um dos membros do grupo e leiam juntos o texto.
 - Após a leitura e motivados por ela, dê início à exibição do DVD "A batalha no deserto e no pomar" (Edinardo Oliveira Jr) que trata exatamente da perseverança nas virtudes que cultivam a vida nova, explicitando melhor o que é a renúncia, sofrimento, sacrifício, barreiras e dificuldades a que alude no parágrafo 1 do escrito Obra Nova. Explique isso antes de começar o DVD.
 - Após o DVD, ficando de dois em dois, cada membro deve dizer uma área que, à luz da formação, reconheceu ser mais fragilizada nessa batalha.
 - Encerre a formação com oração nas duplas por essa área apresentada, intercedendo pelo cultivo da vida nova com a perseverança nas virtudes na vida deste irmão.
-



ANEXO A BATALHA PELO NOVO

Nas partes precedentes dessa nossa caminhada, temos visto o quanto nosso fundador utiliza o tema da violência de coração para expressar o desafio proposto aos que são chamados a ser o novo povo do Senhor e percorrer o caminho novo de Sua Obra Nova em uma verdadeira “guerra de paz”.

De fato, no parágrafo 1, o Moisés alude a coragem, sacrifício, renúncia, cruz, barreiras, dificuldades, sofrimentos, que se referem, ao mesmo tempo, tanto a uma batalha exterior como à luta espiritual, interior. A obra que Deus quer “ardentemente” fazer é, sem dúvida, uma obra interior que transborda para o apostolado, para o exterior. A própria estrutura do texto do Escrito faz uma dimensão depender da outra, a ponto de, por vezes, não sabermos a que dimensão se está referindo o nosso fundador, para quem não há obra exterior que não seja transbordamento da obra interior¹ e não há obra interior para a qual não contribua obra exterior, que pode chegar a “induzi-la”, como vimos.

Inimigo vencido, mas não destruído

Raniero Cantalamessa, em seu livro *Fuerza de la Cruz*, comenta com imensa sabedoria:

Deus venceu definitivamente o mal sem, entretanto, destruir com ele a liberdade que o produziu. Não o destruiu derrotando-o com sua onipotência e lançando-o fora das fronteiras de seu reino, mas tomando-o sobre si, sofrendo-o, em Cristo, suas consequências e vencendo o mal pela força do bem. (...) Na cruz, Jesus “destruiu em si mesmo a inimizade” (Ef 2,15s). Destruindo a inimizade, não o inimigo.²

Para não destruir nossa liberdade, Jesus preferiu tomar sobre si o pecado que seu mau uso produz. Pela mesma razão, não destruiu o inimigo (além do que Deus não destrói suas criaturas), mas o mal. Continuamos livres. Continuamos a ter, a nos rondar, o inimigo. Continuamos a poder escolher livremente entre a vontade de Deus ou não, entre o bem e o mal. A guerra, portanto, continua, tanto mais sutil quanto mais possuímos o Esposo.

Guerra nas areias áridas do deserto

A fim de explicitar melhor o que é a renúncia, sofrimento, sacrifício, barreiras e dificuldades a que alude no parágrafo 1, o autor utilizará a metáfora da guerra em duas batalhas, que correspondem a dois momentos de nossa vida espiritual: a batalha nas areias do deserto, nos parágrafos 2 e 3 e a batalha no pomar, nos parágrafos 5 a 11.

Dir-se-ia que a batalha no deserto é esta primeira etapa da guerra, a guerra contra as coisas mais grosseiras: pecados graves, mentalidade mundana, atividades ilícitas, planos pessoais para o futuro, apego a pessoas e bens.

A batalha no pomar, ou jardim, seria a segunda e essencial etapa da guerra: a batalha para a vivência profunda do Carisma, a luta contra tudo o que é não-shalom, não vocação.

(Emmir Nogueira, Obra Nova – Caminho de e para a felicidade)

BLOCO II

MARTYRIA

E

PAZ

Apresentar a vivência concreta de aspectos que forjam o homem interior para a maturidade do testemunho.



BLOCO II MARTYRIA E PAZ <i>Apresentar a vivência concreta de aspectos que forjam o homem interior para a maturidade do testemunho.</i>				
SEMANA	TEMA	OBJETIVO	LEITURA	EB
10 ^a semana	Reconhecer o velho	Levar os pastores a tomar consciência do que significa o "velho" para reconhecer, em sua própria vida, o que ainda precisa deixar Deus transformar o velho em novo.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
11 ^a semana	Adesão à virtude	Conscientizar os pastores sobre a importância da adesão à virtude para abraçar a vida nova e a comunhão com Deus.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
12 ^a semana	O remédio do Novo	Levar as ovelhas a tomarem consciência que o remédio para o caminho pleno de suas vidas é abraçar o "novo" que Deus tem preparado para eles, com toda disposição.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
13 ^a semana	Deixar-se formar	Levar as ovelhas a se tornarem dóceis à ação formativa de Deus para que o "novo" verdadeiramente aconteça em suas vidas.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	
14 ^a semana	Violência de coração	Levar as ovelhas a se abrirem e se lançarem na violência de coração com a finalidade de crescerem em santidade e em comunhão com o Senhor.	Obra Nova (Emmir Nogueira)	



FASE MARTYRIA – 10ª SEMANA

TEMA

Reconhecer o velho

OBJETIVO

Levar os pastores a tomar consciência do que significa o “velho” para reconhecer, em sua própria vida, o que ainda precisa deixar Deus transformar o velho em novo.

MATERIAL

DVD “Reconhecer o velho que há em mim” (Germana Perdigão)

ANEXO CONCEITO DO VELHO E DO NOVO

METODOLOGIA

- Na oração inicial, abram-se ao Espírito Santo para que Ele possa conceder a graça do autoconhecimento.
 - Faça uma breve motivação inicial acerca do tema que vamos aprofundar nesse Bloco II. Convide todos a assistirem o DVD de forma atenciosa, anotando tudo o que de mais forte falou ao coração. Exiba o DVD “Reconhecer o velho que há em mim” (Germana Perdigão).
 - Dê um tempo para que eles possam preencher a tabela, de forma pessoal.
 - Sugerimos ao final uma partilha breve para fixar aquilo que ficou de mais importante.
 - Finalize o grupo de oração suplicando ao Espírito Santo que todos consigam reconhecer o velho que há em suas vidas.
-

ANEXO CONCEITO DO VELHO E DO NOVO

O QUE É O VELHO? O QUE É O NOVO?
PREENCHA AO LADO O QUE É O NOVO COMO O EXEMPLO:

O VELHO É O NÃO-SHALOM, ISTO É:	O NOVO É O SIM-SHALOM
Tudo que é não-Evangelho	Tudo que é Evangelho (destacar exemplos)
Tudo que é não-Igreja	
Tudo que é não-Magistério	
Tudo que é não-Verdade	
Tudo que é não-santidade	
Tudo que é não-amor	
Tudo que é não-cruz	
Tudo que é não-ressurreição	
Tudo que é não-verdadeiro fruto	
Tudo que é não-vontade de Deus	
Tudo que é não-oração profunda	
Tudo que é não-ascese	
Tudo que é não-obediência	
Tudo que é não formação	
Tudo que é não-paz	
Tudo que é não-felicidade	
Tudo que é não-coragem	
Tudo que é não-renúncia	
Tudo que é não-disposição	
Tudo que é não-desejo de Deus	
Tudo que é não-êxodo	
Tudo que é não-páscoa	
Tudo que é não-Maria	
Tudo que é não-Jesus	



FASE MARTYRIA – 11ª SEMANA

TEMA

Adesão à virtude

OBJETIVO

Conscientizar os pastores sobre a importância da adesão à virtude para abraçar a vida nova e a comunhão com Deus.

MATERIAL

ANEXO ADESÃO À VIRTUDE

METODOLOGIA

- Vivam a oração inicial como um momento de súplica pela adesão e crescimento no exercício das virtudes.
 - Antes de iniciar o novo tema, recorde o que foi vivido na semana passada a respeito do autoconhecimento (reconhecer o velho em si) e oriente uma partilha em duplas sobre o que o Senhor tem nos falado sobre a importância do reconhecimento do velho na nossa vida;
 - Divida-os em grupos de três para leitura e partilha do texto.
 - Após a partilha, uma pessoa de cada grupo possa partilhar para todos o que ficou mais importante.
 - Ao final, oriente-os a fazer uma partilha de como foi vivida a formação dos blocos anteriores, respondendo:
 1. Em que aspecto mais cresci?
 2. Quais os aspectos em que posso crescer mais?
 3. Elenque três propósitos concretos, no início deste novo bloco, que o ajudem a cultivar o que Deus já fez na sua vida e a crescer diante do que Deus ainda tem a lhe dar.
 - Essa revisão deve se repetir na oração pessoal dessa semana. Não deixe de orientá-los a respeito.
-



ANEXO ADEÇÃO À VIRTUDE

«²⁴Não sabeis que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio? Correi, portanto, de maneira a consegui-lo. ²⁵Os atletas se absterem de tudo; eles, para ganhar uma coroa perecível; nós, porém, para ganhar uma coroa imperecível. ²⁶Quanto a mim, é assim que corro, não ao incerto; é assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar. ²⁷Trato duramente o meu corpo e reduzo-o à servidão, a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado». (I Cor 9,24-27).

Nesta passagem o Apóstolo Paulo nos dá a conhecer o rigor e a força com os quais ele encara a vida cristã. Se os atletas que correm no estádio devem se abster de tudo, cumprir rigorosos preceitos, para poder alcançar – ou ao menos tentar – uma coroa perecível, tanto mais nós que lutamos por uma coroa imperecível, ou seja, aquela que as traças não podem corroer e os ladrões não podem roubar (cf. Mt 6,19-21). Devemos ter disciplina e meta para disponibilizarmos a nossa a ser, afim de sermos alcançados por Cristo.

Se por um lado é verdade que não somos nós que alcançamos a vida na graça – mas somos alcançados por graça divina –, por outro, a Sagrada Escritura nos dá muitos exemplos – como o de São Paulo – sobre a importância do esforço para viver a vida cristã; Jesus diz: «¹³Entrai pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. ¹⁴Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E poucos são os que o encontram» (Mt 7,13-14). A este esforço empreendido por nós com o objetivo de se realizar o bem, em colaboração com a ação da graça divina, chamamos de virtude; nos ajuda neste percurso compreendermos a etimologia do termo. Virtude vem do latim *virtus*, que é a força corpórea, a robustez, o vigor⁴. De fato, esta etimologia nos faz entender algo fundamental: para se realizar um ato de virtude é necessário a graça que nos *fortalece* para praticá-la e, ao mesmo tempo, ao praticá-la - por vezes à custa de muito esforço e luta – abrimos a Deus o nosso coração para que mais graça seja infundida e sejamos ainda mais fortalecidos.

Para entrarmos um pouco mais na compreensão das virtudes – e forçar o nosso olhar na adesão e no exercício constante das mesmas -, é necessário apresentar algumas distinções. Estas podem ser humanas ou teológicas. Dentre as humanas estão as morais e, dentre estas, as cardeais.

As virtudes nos ajudam a crescer como pessoa, como cidadão, como família humana e, tocadas e elevadas pela graça, nos tornamos verdadeiros discípulos de Jesus. De forma bastante prática e simples vamos apontar alguns tipos de virtudes. Sabemos que nenhuma virtude caminha sozinha, sendo dependentes uma das outras, por isso, é importante que as analisemos de maneira adequada, para vivê-las melhor.

«As *virtudes humanas* são atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais da inteligência e da vontade, que regulam os nossos atos, ordenam as nossas paixões e guiam o nosso procedimento segundo a razão e a fé. Conferem facilidade, domínio e alegria para se levar uma vida moralmente boa. Homem virtuoso é aquele que livremente pratica o bem»⁵.

«As virtudes morais são humanamente adquiridas. São os frutos e os germes de actos moralmente bons e dispõem todas as potencialidades do ser humano para comungar no amor divino»⁶.

Por sua vez, as virtudes cardeais, quer dizer, virtudes centrais, fundamentais, orientadoras, são perfeições habituais e estáveis da inteligência e da vontade, que regulam os nossos atos, ordenam as nossas paixões e orientam a nossa conduta em conformidade com a razão e a fé. Adquiridas e fortalecidas por meio de atos moralmente bons e repetidos, são purificadas e elevadas pela Divina Graça (CIC, § 1804, 1810-1811, 1834, 1839). As virtudes cardeais são quatro: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.

⁴ Cf. F. R. dos Santos Saraiva, Garnier, Belo Horizonte 2006¹², 1282. Por sua vez, *virtus* deriva do latim *vir*, que significa homem, varão. *Vir* pode ser facilmente recordado por causa do termo em português viril. Serve-nos saber que também em grego, um dos termos que indicam a virtude é *dynamis*, quer dizer potência, força. Cf. A. Bailly, Dictionnaire Grec-Français, Hachette, Paris 1950¹⁶, 542.

⁵ CIC 1804.

⁶ *Ibid.*



As virtudes teologais têm como origem, motivo e objetivo imediato o próprio Deus. Infundidas no homem com a Graça Santificante, elas nos tornam capazes de viver em relação com a Trindade, fundamentam e animam o agir moral do cristão, vivificando as virtudes humanas. Elas são o penhor da Presença e da Ação do Espírito Santo nas faculdades humanas (CIC, § 1812-1813, 1840-1841). As virtudes Teologais são três: Fé, Esperança e Caridade.

Este organismo espiritual, formado por estas virtudes, é fundamental para vivermos o novo, ou a novidade que Deus quer fazer em nós, ou seja, a santidade. Para isso também, é necessário estarmos dispostos a fazer morrer o velho que existe em nós. E isto evoca: Perseverança, Persistência, Insistência, Oração, Ascese, Decisão, Disposição, Renúncia, Coragem, Humildade, Docilidade à formação, ao acompanhamento pessoal, Amor e fidelidade à Vontade de Deus e Conversão à esta mesma Vontade. 'Matamos o velho' pela graça, pela oração, pela ascese vivida através da vida, através do contato com os irmãos, na formação. À medida que, perseverantemente, se mata o velho pela ascese de cada dia, vai-se deixando o novo – pura graça de Deus – florescer pela libertação que Jesus opera em nós⁷.

Portanto, precisamos abraçar o "novo" deixando tudo por ele, precisamos aderir às virtudes, dimensões ascéticas importantes, que fazem a diferença. Como você as tem vivido? Programe-se com determinação para abraçá-las e vivê-las no dia a dia.

(Germana Perdigão e Elton Alves)

⁷ Cf. M. E. Oquendo Nogueira, *Obra nova, Caminho de e para a Felicidade*, Edições Shalom, Aquiraz 2010³, 265-266.



FASE MARTYRIA – 12ª SEMANA

TEMA

O remédio do novo

OBJETIVO

Levar as ovelhas a tomarem consciência que o remédio para o caminho pleno de suas vidas é abraçar o “novo” que Deus tem preparado para eles, com toda disposição.

MATERIAL

PREGAÇÃO AO VIVO O REMÉDIO DO NOVO

METODOLOGIA

- Faça-se uma oração inicial em espírito de louvor, pois o Senhor, pela sua cruz, venceu todo “velho” e dê início à pregação ao vivo “O REMÉDIO DO NOVO”. Segundo os tópicos abaixo, o pregador deve abordar as seguintes dimensões:

1. Passagem de Jo 4 em que Jesus pede água à samaritana.
2. É Jesus que nos concede o “novo” para nossa vida. Ele nos concede a água viva que foi capaz de libertar aquela samaritana que tinha sete maridos que a tornou uma grande evangelizadora, testemunha do amor de Deus pela humanidade.
3. Esse “novo” é a nossa alegria, é o remédio para nossas dores, libertação dos nossos pecados, ressurreição para uma vida de felicidade, de realizações.
4. O “velho” nos acorrenta, torna a nossa vida medíocre, mediana, “morna”, sem tomadas de decisões importantes que elevam a nossa vida interior. O “velho” nos faz centralizados em nós mesmos, nos faz ter a idolatria de nós mesmos e do próprio desempenho, egoístas, individualistas, competitivos, infelizes, pobres.
5. O “novo” nos leva a ofertar nossa vida a Deus e aos irmãos, a viver a fraternidade, a sermos conduzidos pelo Espírito Santo, a sermos leves e livres das amarras do pecado. O “novo” amplia a nossa comunhão com Deus, o nosso amor sponsal, a sermos humildes, simples, confiantes na providência divina, seguidores de Cristo, cheios de parresia, sem acomodação, abertos ao perdão, à “misericórdia”, nos enche de ânimo, livres da mágoas e rancores, cheios de esperança, com visão espiritual de todas as coisas, pessoas e do mundo, gera um coração de “carne”, nos leva a amar as coisas de Deus, a ser fiel à oração e ao estudo da Palavra de Deus, torna-nos cheios de bons frutos e virtudes.

- Após a pregação, forme grupos de 3 e motive-os a refletirem sobre a vivência do novo hoje nos pontos abaixo, dando nome ao que eles percebem “novo” em suas vidas. Nosso “sim” ao “novo” significa não mais servir a dois senhores, mas somente a Deus e à Sua obra original e nova em nós e através de nós, livres de todo outro empenho e preocupação.

1. Ambiente profissional
2. Família
3. Saúde
4. Necessidades financeiras

- Esse momento deve ser encerrado ainda nos grupos de 3, com uma oração de intercessão, onde possam rezar uns pelos outros suplicando que o “novo” de Deus seja derramado em profusão.

FASE MARTYRIA – 13ª SEMANA

TEMA



Deixar-se formar

OBJETIVO

Levar as ovelhas a se tornarem dóceis a ação formativa de Deus para que o “novo” verdadeiramente aconteça em suas vidas.

MATERIAL

PREGAÇÃO AO VIVO DEIXAR-SE FORMAR

METODOLOGIA

- Vivam um momento de oração uns pelos outros, suplicando ao Senhor a graça de perceber a importância da formação em nossas vidas e que para isso acontecer é necessário a docilidade do coração. Abram-se às moções do Espírito Santo.
- Antes de dar início à pregação ao vivo “DEIXAR-SE FORMAR”, oriente que as ovelhas durante a pregação anotem as mensagens que mais tocarem seus corações. O pregador deve abordar as seguintes dimensões:

1. A pregação deve ter como base o Escrito Obra Nova, aprofundando especialmente os itens 8 e 9.
 2. O novo exige coragem, renúncia e disposição, a coragem não pode desfalecer, não devemos nos perturbar.
 3. Deus marcha conosco para combater contra os nossos inimigos a fim de nos dar a vitória.
 4. Precisamos crer, abraçar e desejar esse novo em nosso coração e decididamente caminhar para o colocarmos gradualmente em nosso viver.
 5. Se não existir estas três dimensões é melhor não se arriscar para que não destrua a si próprio e não destrua os outros.
 6. Esse novo só poderá ser abraçado fortemente se for de dentro para fora, isto é, se for no interior da nossa alma para que possa transbordar.
 7. É preciso ser podado em nossos galhos velhos, ou até aparentemente verdes mas que não dão frutos, para assim produzir os verdadeiros frutos.
 8. Esse novo só acontecerá se houver uma profunda vida de oração que deve ser persistente, diária, parada com Deus.
 9. Precisamos na verdade, com coragem e disposição, matar o velho que há em nós e deixar o novo florescer; deixar Jesus na oração, na vida, no contato com os irmãos e *na formação*, nos libertar.
 10. Precisamos ser dóceis ao acompanhamento pessoal e devemos desejar ser formados.
 11. Buscar a formação com todo empenho, com todo interesse, conscientes que não podemos prescindir dela, conscientes do papel que ela representa no trabalho de Deus em nossas vidas.
 12. Precisamos estar abertos a uma voz de fora, a um olhar de fora sobre as nossas vidas e decisões. É muito perigoso conduzir as nossas vidas, sozinhos.
 13. O autoconhecimento necessita da ajuda dos irmãos, sem a formação não teremos o conhecimento pleno dos nossos galhos velhos ou até aparentemente verdes.
 14. O novo deve brilhar em todos os aspectos do nosso ser e da nossa vida... por isso Deus quer nos formar, quer edificar em nós.
 15. E Deus faz isso através da oração, no dia a dia, nos nossos relacionamentos, deixando aqueles que tem a missão de serem instrumentos para nos formar executarem sua missão (os pastores ou acompanhadores pessoais).
- Após o DVD, peça que compartilhem, em duplas, sobre o que mais os tocou, na formação de hoje.

FASE MARTYRIA – 14ª SEMANA

TEMA

Violência de coração

OBJETIVO



Levar as ovelhas a se abrirem e se lançarem na violência de coração com a finalidade de crescerem em santidade e em comunhão com o Senhor.

MATERIAL

ANEXO VIOLÊNCIA DE CORAÇÃO

METODOLOGIA

- O pastor deve coordenar uma oração que conduza os irmãos a renovar a experiência da violência de coração. Retirando todo egoísmo, individualismo, medo, escravidões, etc.
 - Divida-os em grupos de 3 para lerem o ANEXO VIOLÊNCIA DE CORAÇÃO respondendo, em grupo, às questões colocadas no fim do texto.
 - Ao final, abra para uma partilha geral onde uma pessoa de cada grupo possa partilhar.
-

ANEXO VIOLÊNCIA DE CORAÇÃO

"O Reino dos céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam". (Mt 11,12b)

A violência de coração vem do amor e leva ao Amor. Temos como imagem suprema desta "violência" Jesus Cristo; Ele, por amor a Deus e por amor ao homem se entrega, renuncia a sua inclinação humana, que O faria escolher a proteção de sua própria vida. Escolhe a vontade do Pai, inclina a sua vontade humana à vontade divina, mesmo que para isso tenha tido que suar sangue. Jesus Cristo, realizando este ato supremo nos ensina o que é o amor, e ao mesmo tempo nos ensina que para amar, a violência de coração é necessária. Sem ela pensaríamos que o amor é um simples, ou nobre, sentimento. Sem a violência de coração não há conversão, não há abertura em nós para que a Vida Nova tome cada vez mais espaço em nossas vidas. Por isso Santa Tereza D'Ávila, baluarte de nossa Comunidade, nos ensina a viver e crescer na "determinada determinação". Todavia, é necessário afirmar que a violência de coração "vem do amor"; de qual amor? A resposta cristã só pode ser: do amor com o qual Cristo nos amou. Sim, sem ser tocados por este amor não podemos compreender a estreiteza do caminho que somos chamados a trilhar. Sem provar em nossas entranhas o amor de Cristo a violência de coração se torna um caminho impossível de ser trilhado. Um modo de provar deste imenso amor é nos recordarmos das maravilhas do Senhor. Por este motivo Santo Agostinho, em seu livro confissões, nos exorta que é preciso termos vivamente em nossa memória todas as graças que Deus derramou em nossas vidas. Não devemos esquecer de nenhum pequeno detalhe. Essas recordações nos ajudam, alimentam a nossa gratidão a Deus, o nosso louvor a Ele e assim, teremos a graça de também, por Ele, doar a nossa vida com todo o nosso coração.

A violência de coração provoca a cura da ferida que trazemos em nossos corações, gerada pelos acontecimentos dolorosos ou exigentes da vida e, mais particularmente, pelo nosso pecado ou o de outros.

Esta violência de coração é sempre avivada pela entrega incondicional a Deus, exatamente naquilo que mais exige de nós, naquilo que nos é mais doloroso. Os violentos de coração não medem esforços para servirem a Deus, não sabem calcular, não colocam limites em sua oferta, em dar amor. Para eles todo esforço, todo sacrifício é muito pouco diante do amor de Jesus na cruz. São completamente esquecidos de si, nada é mais importante do que Deus e os seus irmãos por mais exigente que seja a ação, ao contrário, ficam felizes e realizados porque suas vidas são elevadas ao máximo no sentido de serem convidados a darem mais do que muitos, a fazerem companhia a Jesus na cruz.

"Eu, porém, vos digo: 'Não resistais ao mau. Pelo contrário, se alguém te esbofeteia a face direita, vira-lhe também a outra. A quem quer conduzir-te ante o juiz para tomar a túnica, cede-lhe também o teu manto. Se alguém te forçar a andar mil passos, anda com ele dois mil. Dá a quem te pede; a quem quer pedir-te emprestado, não vires as costas [...] Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem". (Mt 5,41-44)

Os que vivem a vida conduzidos pela carne resistem ao homem mau, se vingam quando são ofendidos, não se deixam forçar por nada nem por ninguém, não emprestam nada nem perdoam a quem lhes deve alguma coisa, amam por interesse. Já os violentos de coração, têm como medida o amor, tudo fazem pelo amor e para o amor. Não resistem ao homem mau, dão sua face a tapas quando são injuriados, cedem e doam o que tem para os outros, não querem nada para si. Andam dois mil passos quando os forçam a andar apenas mil. As palavras de Jesus não são um convite à inércia, como se os violentos de coração fossem escravos passivos nas mãos dos tiranos. Não! Os violentos de coração, os santos, são ativíssimos no amor e escolhem não prevalecer para amar; são desapegados, humildes, dóceis, ternos, bondosos, vivem o extraordinário como se vivessem o ordinário. Preferem perder a vida do que ganhá-la, preferem fazer o bem ao invés de malefícios para o seu próprio interesse. Assumem o papel do grão de trigo que morre para produzir vida. Levam a vida felizes e livres como uma folha ao vento. Carregam milhares de fardos para que os outros sejam aliviados, sentem-se pais e mães da humanidade. Cuidam, amam, prestam serviço, são desinteressados, só querem o bem do outro. Felizes os violentos de coração porque saciam o coração de Deus que tem fome de amor!

(Germana Perdigão e Elton Alves)

QUESTÕES

1. Você teve uma experiência com o amor de Deus? Enumere as principais.
2. Como você vive essa passagem de Mateus?
3. Medite e compartilhe sobre cada ensinamento.



BLOCO III

Oração:

Fonte e Sustento

do Testemunho

Apresentar a dimensão sobrenatural e encarnada que leva à maturidade do testemunho.

BLOCO III

ORAÇÃO COMO FONTE E SUSTENTO DA MARTIRIA

Apresentar a dimensão sobrenatural e encarnada que leva à maturidade do testemunho.

SEMANA	TEMA	OBJETIVO	LEITURA	EB
--------	------	----------	---------	----



15ª semana	A oração profunda em Teresa de Jesus	Aprofundar experiência de Santa Teresa, apresentada pelo Frei carmelita Maximiliano Herraiz García, grande teresianista, profundo conhecedor de sua vida e seus escritos.	Oficina da Vida – chave de leitura de Santa Teresa (Meyr Andrade)	
16ª semana	Vida Interior	Aprofundar no estudo do magistério teresiano, o que Teresa entende como “Castelo Interior” despertando nos irmãos o desejo pelo zelo da vida interior.	Oficina da Vida – chave de leitura de Santa Teresa (Meyr Andrade)	
17ª semana	Amor esponsal e santidade	Levar a uma compreensão de que, tanto nos ensinamentos de Teresa, como nos Escritos Shalom, não há possibilidade de união com Cristo sem que esta, também esteja associada à sua vida de oferta de amor a Deus e aos irmãos.	Oficina da Vida – chave de leitura de Santa Teresa (Meyr Andrade)	
18ª semana	Livre para o pastor (tema discernido pelo pastor segundo as necessidades do grupo)		Oficina da Vida – chave de leitura de Santa Teresa (Meyr Andrade)	



FASE MARTYRIA – 15ª SEMANA

TEMA

A oração profunda em Teresa de Jesus

OBJETIVO

Aprofundar experiência de Santa Teresa, apresentada pelo Frei carmelita Maximiliano Herraiz García, grande teresianista, profundo conhecedor de sua vida e seus escritos.

MATERIAL

ANEXO SANTA TERESA DE ÁVILA, AMIGA DE DEUS E DOS HOMENS

METODOLOGIA

- Após apresentar o tema e o objetivo desta formação, como Teresa descobriu a vida de oração, e distribua o ANEXO SANTA TERESA DE ÁVILA, AMIGA DE DEUS E DOS HOMENS.
 - Divida-os em grupo de três e oriente a leitura e partilha do texto em anexo, com as perguntas abaixo:
 - 1- Em que me identifico com a experiência de Santa Teresa?
 - 2- Em que aspectos preciso crescer?
 - Ao final, abra para uma partilha geral onde cada pessoa partilhe sobre um dos itens do anexo até que todos os 10 itens sejam partilhados em plenário.
-



ANEXO SANTA TERESA DE ÁVILA, AMIGA DE DEUS E DOS HOMENS

"Por ser um grande estudioso de Santa Teresa de Ávila e de São João da Cruz, ajuda-nos a compreender que os místicos não pertencem ao ontem da Igreja, mas ao futuro, porque caminham à nossa frente. Teresa é mãe e mestra da oração, uma mestra que antes de ensinar experimentou na própria vida a amizade com Deus e depois foi comunicando esse dom a todos os que conviviam com ela.

1- Quem é Santa Teresa de Ávila?

Frei Maximiliano: Podemos distinguir três etapas na vida de Teresa de Jesus, um pouco de sua trajetória como mulher, Carmelita e Doutora da Igreja.

O primeiro período vai até os vinte anos, tempo em que ficou na casa paterna. Por volta dos quinze anos perdeu a mãe, tornando-se assim o coração da família. Era uma mulher muito inteligente, gostava de fazer amizades, e tinha o dom de unir as pessoas – esta será uma característica forte na sua espiritualidade.

Foi uma das poucas mulheres que podia ler no século XVI, e gostava muito de fazê-lo, tanto para saber mais quanto para ter o próprio pensamento e ser livre diante dos outros.

Podemos destacar também a vocação de Teresa à oração e a grande devoção à Virgem Maria, sobretudo como mãe. Ela mesma, no livro da Vida, diz que depois da morte de sua mãe colocou-se nas mãos da Virgem e a assumiu como mãe.

O primeiro período, portanto, é fortemente caracterizado pelo trabalho como "mãe" dos irmãos e do pai, em casa, e pelo relacionamento com os outros. Era uma mulher muito aberta, de uma afetividade forte, sentia-se amada e amava intensamente. Porém, uma relação de amizade lhe fez muito mal, ela o diz no livro da Vida, porque a introduziu na escravidão afetiva.

O segundo, é o maior período da sua vida: são 27 anos de vida religiosa carmelita, no Mosteiro da Encarnação, em Ávila. Podemos recordar alguns momentos muito importantes.

A escravidão afetiva durou muito ainda como religiosa, até os 39 anos de idade, quando ocorreu sua conversão definitiva – diante de uma imagem do Cristo muito ferido; disto ela mesma fala no livro da Vida.

Outro acontecimento importante, nesse tempo, foi quando a Inquisição proibiu, sobretudo às mulheres, de ler livros. Os inquisidores sabiam muito bem que a formação torna a pessoa livre, independente, autônoma. Teresa chorou muito, mas foi obediente. Isso foi em 1559.

O terceiro período dura 20 anos: de 1562 a 1582, o ano de sua morte. Esse tempo é dividido em três funções: educadora, fundadora dos mosteiros de monjas e monges, e escritora. Todos os livros que temos foram escritos durante esse período.

Podemos recordar, em 1567, o encontro com São João da Cruz. João tinha 25 anos, e ela 52. Gostou muitíssimo, diz ela, desse jovem carmelita, ao qual convida para acompanhá-la na reforma dos frades carmelitas.

Em 1577, escreveu o último livro, o livro das Moradas, tendo João da Cruz como confessor dela e da comunidade da Encarnação de Ávila. Nesse tempo, há um relacionamento muito íntimo entre eles, de amizade e acompanhamento espiritual que se tornou muito importante na vida de ambos.

2- Santa Teresa é uma mulher de amizade com Deus e com os homens. Como ela descobriu esse trato de amizade?

A descoberta da amizade com Deus é uma graça particular que tem seu fundamento na natureza de Teresa: uma mulher muito aberta, desde menina, às relações interpessoais.



É uma graça mística. Não é possível que uma menina de sete ou oito anos relacione-se com Deus na base da amizade, sobretudo num tempo em que a Igreja e os teólogos não ensinavam que Deus fosse amigo, mas juiz.

Então, essa graça da natureza foi o que dispôs Teresa à descoberta do Deus amigo, que nunca lhe falta, que fica sempre muito perto dela para dar-lhe a mão e levantá-la quando cai no pecado ou na infidelidade.

3- **Existe um método de oração teresiano?**

Não existe um método teresiano de oração. Mas podemos dizer que a amizade, o exercício da amizade divina e humana, é o seu método. E esse método inclui uma relação freqüente na fé mútua. Devemos crer em Deus e uns nos outros.

O método é, portanto, o caminho da amizade. Gosto de convidar as pessoas a pensar na amizade – naquela mais forte, mais bela – e a escrever os passos dessa amizade, ver sua história.

Não temos métodos na relação pessoal: cada amizade é uma descoberta particular, um caminho único que percorremos com aquela pessoa. O amor é a força que alimenta a vida humana e nos faz procurar uma relação mais íntima com a pessoa amada.

Se as pessoas acostumam-se a ler a própria vida, a relação com os outros em termos de amizade, vão descobrir muito bem o que é o método teresiano da oração pessoal, cada pessoa tem um caminho na relação da amizade.

4- **O senhor falou que a base de tudo é o amor. Como se deu a descoberta, a experiência do amor de Deus na vida de Teresa?**

Foi muito íntima, sem imagens, sem idéias; foi uma graça muito particular de Deus, uma graça divina e humana, porque ela sabia muito bem que possuía uma graça especial para querer e ser querida pelos outros. Esta é a maior de todas as graças: ter a capacidade de amar e ser amada pelos outros; e devemos pedir esta graça.

Isto é uma questão pessoal. Se você lê todos os livros que falam da amizade, mas não tem uma pessoa amiga, você tem apenas a idéia, mas não sabe o que é a amizade. Com Deus é a mesma coisa: eu posso ter idéias geradas nas leituras e conversas com teólogos, mas conhecer Deus é possível somente pela relação pessoal, isto é, pela oração.

5- **Que conselho o senhor daria aos jovens de hoje que querem ler Santa Teresa? Como devem começar?**

Os místicos não são fáceis de se ler, sobretudo para os jovens de hoje, que não têm tempo nem psicologia para sentar-se e ler tranquilamente, já que têm a televisão [o celular], a música...

Portanto, aconselho em primeiro lugar conhecer alguma coisa da vida de Teresa. Depois, é bom ler alguns textos-chave, que elucidam e explicam os escritos. Não é fácil, nem bom, ler Teresa da primeira à última página.

Outra coisa importante é estar profundamente abertos, porque os escritos dos místicos, como Teresa e João da Cruz, são uma comunicação de experiência.

Os livros mais fáceis são Fundações e Caminho de Perfeição... mas insisto sempre nos textos-chave.

6- **O que Santa Teresa pode dizer aos homens e mulheres do terceiro milênio?**

Pode dizer muito! Santa Teresa queria ser uma pessoa livre, independente. Sem liberdade, não podemos ter bons relacionamentos. Então, para ser autônoma, independente, a santa procurou a formação pessoal: ler, estudar, dialogar com pessoas que conhecem, por exemplo, a Teologia, a Bíblia, para que o relacionamento com elas a ajudasse a ter as próprias idéias e não depender de ninguém.



A santa diria também aos homens e mulheres do terceiro milênio que não podemos falar de valores individuais, porque a pessoa é, essencialmente, social, comunitária. Não posso ser eu mesmo sem a relação com os outros. Eu sou o que são as minhas relações com os outros. Portanto, uma pessoa deve abrir-se ao diálogo. Como cristãos, temos a urgente necessidade de lembrar que Jesus faz comunidade. Não é possível seguir Jesus sozinho, mas com os outros. E a Igreja, a comunidade, não pode fechar-se sobre si mesma. Acredito que Santa Teresa estaria muito contente com o documento do Concílio Vaticano II sobre as relações da Igreja com o mundo, porque era uma mulher aberta ao diálogo.

A experiência da relação com os outros nos faz entrar em nós mesmos para descobrir as imensas riquezas que Deus nos dá. Então, que cultivemos a relação com os outros, porque é disso que mais precisamos para crescer.

7- O matrimônio espiritual de que fala Santa Teresa é apenas para os religiosos e religiosas, ou é também para os leigos que vivem no mundo?

O matrimônio espiritual é o símbolo das relações de Deus com a humanidade, é a partilha mais profunda entre duas pessoas. É a máxima individualização e a máxima comunhão. Não se pode estabelecer uma relação de comunhão se não permaneço "eu" mesmo e o outro não permanece "ele" mesmo. Então, a relação mútua, recíproca, nos faz indivíduos unidos. É a plenitude do amor: acolher o outro e deixá-lo ser ele mesmo e dar-nos a ele com todo o nosso ser. É a relação mais íntima, mais profunda.

Devemos dizer aos cristãos que Deus é amor. E, por ser amor, não chama ninguém a uma vida medíocre, Ele chama todos à plenitude, e a plenitude de vida é uma plenitude de relação. E quando fala de relação com Deus, a santa – como João da Cruz, como a Tradição da Igreja – fala do matrimônio espiritual, que é a história da relação humana mais íntima, mais significativa.

Então, Deus chama todos, sem distinção de leigos, religiosos... Deus chama todos a viver o amor, simplesmente. Porque a nossa vocação é amar tanto quanto somos amados.

8- Santa Teresa, insistindo muito na oração, não corre o risco de beirar a alienação?

Uma pessoa que crê no amor não pode ser alienada senão de si mesma. A alienação de si mesma é a exigência interna do amor. Quando amo, saio de mim mesmo para colocar meu amigo, minha amiga, no centro da minha vida.

O amor, unicamente ele, faz a alienação positiva, realizadora da pessoa. Por isso Santa Teresa insiste tanto nas obras. Se tenho uma relação íntima contigo, não posso deixar de amar e de fazer o bem a todas as pessoas que tu amas. Teus amigos são meus amigos. Com Deus é a mesma coisa: se tenho uma relação de amizade com Ele, não posso deixar de estar em comunhão com todas as pessoas que Ele ama.

9- O que o senhor pensa sobre esse tempo novo na Igreja, de leigos consagrados, Movimentos e Comunidades?

Os leigos são para mim a graça maior no conjunto da Igreja pós-Conciliar. Mas existe uma preocupação acerca da formação desses Movimentos e da sua inserção na Igreja Católica, através da inserção nas Igrejas particulares.

Segundo os nossos místicos, a formação – intelectual, moral e espiritual – é o mais importante para a sobrevivência dos Movimentos e Comunidades. Devem ser livres, ser eles mesmos, buscar a especificidade do seu carisma; e que sejam abertos ao conjunto da Igreja, não se fechando sobre si mesmos; tenham também uma profunda relação com aqueles que chamamos místicos, que ensinam a ter o máximo de carisma e o mínimo de estrutura. Quando a vida é fraca, tendemos a multiplicar as estruturas; quando a vida é rica, não precisamos de tantas estruturas.

10- O senhor poderia citar três pensamentos de Santa Teresa e de João da Cruz de sua preferência?

De São João da Cruz: "A saúde da pessoa é o amor"; "De Deus alcançamos tudo o que esperamos"; "Com Deus estamos unidos, segundo a nossa fé; quanto mais caímos, mais unidos estamos a Deus".



De Teresa de Jesus: "A amizade é a mais verdadeira realização da pessoa"; "A amizade com Deus e a amizade com os outros é uma mesma coisa, não podemos separar uma da outra"; "Quem ama, faz sempre comunidade; não fica nunca sozinho".

Partilha:

Em que me identifico com a experiência de Santa Teresa?

Em que aspectos preciso crescer?

(Frei Maximiliano Herráiz, OCD, em entrevista à Revista Shalom Maná/2012)



FASE MARTYRIA – 16ª SEMANA

TEMA

Vida Interior

OBJETIVO

Aprofundar no estudo do magistério teresiano, o que Teresa entende como "Castelo Interior" despertando nos irmãos o desejo pelo zelo da vida interior.

MATERIAL

DVD "O Castelo Interior" (Ana Geórgia Menezes)

METODOLOGIA

- Tendo apresentado o tema e o objetivo da formação de hoje, dê início à exibição do DVD "O Castelo Interior" (Ana Geórgia Menezes).
 - Após assistir o DVD, nos mesmos grupos de três da semana anterior, compartilhem uma experiência de graças e outra de desafio na vida interior.
 - Encerre a formação, ouvindo de cada grupo, uma experiência de cada (graça e desafio), alternadamente.
-



FASE MARTYRIA – 17ª SEMANA

TEMA

Amor esponsal e santidade

OBJETIVO

Levar a uma compreensão de que, tanto nos ensinamentos de Teresa, como nos Escritos Shalom, não há possibilidade de união com Cristo sem que esta, também esteja associada à sua vida de oferta de amor a Deus e aos irmãos.

MATERIAL:

DVD "Amor Esponsal em Santa Teresa d'Avila" (Ana Geórgia Menezes)

METODOLOGIA:

- Vivam um momento de oração uns pelos outros, suplicando ao Senhor a graça de serem renovados no amor esponsal. Abram-se às moções do Espírito Santo.
 - Oriente-os a anotarem, durante a pregação em DVD, as mensagens que mais tocarem seus corações.
 - Após assistir o DVD, abra um momento de partilha geral, onde todos possam partilhar brevemente sobre a formação aplicada hoje.
-



FASE MARTYRIA – 18ª SEMANA

TEMA

LIVRE (tema a cargo do Pastor do Grupo)

OBJETIVO

- Desenvolver a capacidade de verificar a qualidade da caminhada, os passos dados, confirmando e fortalecendo o crescimento pessoal e do grupo.
- ou atualizar o programa previsto para esta fase.

MATERIAL

De acordo com a necessidade de recapitulação ou atualização (em submissão presente manual).

METODOLOGIA

A cargo do pastor

ESQUEMA DA FORMAÇÃO

- Essa semana está reservada para o objetivo descrito acima. Deverá ser utilizada para rever alguma das formações anteriores ou repor alguma semana que esteja atrasada por motivos pastorais locais.
- Finalize a formação com uma oração de ação de graças ao Senhor pela Sua obra acontecida nas nossas vidas.

ORIENTAÇÃO AO PASTOR

- Fraternidade – 5 minutos
 - Oração e Louvor – 45 minutos
 - Partilha sobre a oração – 10 minutos
 - Formação: 45 minutos
-

BLOCO IV

Compaixão para com o homem como fruto da intimidade com Deus

Apresentar a evangelização como sinal concreto de discipulado e testemunho fecundo.



BLOCO IV				
COMPAIXÃO PARA COM O HOMEM COMO FRUTO DA INTIMIDADE COM DEUS				
<i>Apresentar a evangelização como sinal concreto de discipulado e testemunho fecundo.</i>				
SEMANA	TEMA	OBJETIVO	LEITURA	EB
19ª semana	A oração em São Francisco de Assis	Conhecer os principais aspectos da oração em São Francisco de Assis e como ele a vivia para ser instrumento da Paz que vem da experiência com Deus.		
20ª semana	Compaixão pelo homem que não conhece a Deus	Conhecer a maneira pela qual a contemplação fomentou a compaixão pelos homens, fruto da oração, em São Francisco de Assis.		
21ª semana	Penitência em São Francisco	Apresentar o conceito e vivência da penitência em São Francisco e a sua necessária vivência para o testemunho de seguimento de Jesus e seu anúncio.		
22ª semana	Amor esponsal e Esponsalidade e missionariedade	Conhecer a vivência do amor esponsal em São Francisco e seu concreto transbordamento na missionariedade.		
23ª semana	Evangelização como fruto da experiência de Deus (contemplação + unidade) na espiritualidade Shalom.	Apresentar a maneira pela qual contemplação e unidade se associam à evangelização no Carisma Shalom.		
24ª semana	Batalha espiritual no seguimento de Jesus	Apresentar a realidade da batalha espiritual, suas armas e frutos, segundo a espiritualidade Shalom.		
25ª semana	A critério do pastor	Desenvolver a capacidade de verificar a qualidade da caminhada, os passos dados, confirmando e fortalecendo o crescimento pessoal e do grupo. Ou atualizar o programa previsto para esta fase.		



FASE MARTYRIA – 19ª SEMANA

TEMA

A oração em São Francisco de Assis

OBJETIVO

Conhecer os principais aspectos da oração em São Francisco de Assis e como ele a vivia para ser instrumento da Paz que vem da experiência com Deus.

MATERIAL

ANEXO HOMILIA PAPA FRANCISCO

METODOLOGIA:

- Inicie a formação apresentando o começo de um novo bloco: apresente o nome e o objetivo do mesmo de forma clara e comentada.
- Em seguida, apresente o tema e o objetivo da formação de hoje.
- Distribua o ANEXO HOMILIA PAPA FRANCISCO e divida-os em grupos de três, onde farão a leitura do mesmo. Oriente-os a pesquisarem no texto, anotando tudo, os seguintes pontos:
 1. São Francisco, um homem feito oração
 2. Oração de gratidão e louvor
 3. Oração de súplica
 4. Comportamento de São Francisco na oração
- Cada grupo deve relacionar sempre a sua pesquisa com a experiência de ousar no testemunho, meditando e respondendo a pergunta abaixo, através do versículo bíblico "*Prega a palavra, insiste oportuna e importunamente*" (II Tm 4,2):

Como dispor a nossa vida concretamente para ser instrumento da Paz que vem de Deus?

- Ao final, abra uma partilha geral onde uma pessoa de cada grupo, à luz dos pontos pesquisados, apresente suas VIVÊNCIAS desse versículo bíblico, segundo a partilha com a pergunta acima.
-



ANEXO HOMILIA PAPA FRANCISCO

Homilia Durante a visita pastoral do Papa Francisco à Assis. Sexta-Feira, 4 de outubro de 2013

Visita Pastoral a Assis Missa na Praça São Francisco de Assis Sexta-feira, 4 de outubro de 2013

"Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos" (Mt 11, 25).

Paz e bem a todos! Com esta saudação franciscana agradeço-vos por terem vindo aqui, nesta praça, cheia de história e de fé, para rezarem juntos.

Hoje também eu, como tantos peregrinos, vim aqui para bendizer o Pai por tudo aquilo que quis revelar a cada um destes "pequenos" de que fala o Evangelho: Francisco, filho de um rico comerciante de Assis. O encontro com Jesus o levou a despojar-se de uma vida confortável e despreocupada para casar-se com a "Mãe Pobreza" e viver como verdadeiro filho do Pai que está nos céus. Esta escolha, por parte de São Francisco, representava um modo radical de imitar Cristo, de revestir-se Daquele que, rico que era, fez-se pobre para enriquecer-nos por meio da sua pobreza (cfr Cor 8, 9). Em toda a vida de Francisco, o amor pelos pobres e a imitação de Cristo pobre são dois elementos unidos de modo indissociável, as duas faces de uma mesma moeda.

O que testemunha São Francisco a nós, hoje? O que nos diz, não com as palavras – isto é fácil – mas com a vida?

1. A primeira coisa que nos diz, a realidade fundamental que nos testemunha é esta: ser cristãos é uma relação vital com a Pessoa de Jesus, é revestir-se Dele, é assimilação a Ele.

De onde parte o caminho de Francisco rumo a Cristo? Parte do olhar de Jesus na cruz. Deixar-se olhar por Ele no momento em que doa a vida por nós e nos atrai para Ele. Francisco fez esta experiência de modo particular na pequena Igreja de São Damião, rezando diante do crucifixo, que também eu pude venerar hoje. Naquele crucifixo, Jesus não aparece morto, mas vivo! O sangue escorre das feridas das mãos, dos pés e dos lados, mas aquele sangue exprime vida. Jesus não tem os olhos fechados, mas abertos, grandes: um olhar que fala ao coração. E o crucifixo não nos fala de derrota, de fracasso; paradoxalmente nos fala de uma morte que é vida, que gera vida, porque fala de amor, porque é Amor de Deus encarnado, e o Amor não morre, antes, vence o mal e a morte. Quem se deixa olhar por Jesus crucificado é recriado, transforma-se uma "nova criatura". Daqui parte tudo: é a experiência da Graça que transforma, o ser amado sem mérito, mesmo sendo pecadores. Por isto Francisco pode dizer, como São Paulo: "Quanto a mim, não pretendo, jamais, gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Gal 6,14).

Nós nos dirigimos a ti, Francisco, e te pedimos: ensina-nos a permanecer diante do Crucifixo, a deixar-nos guiar por Ele, a deixar-nos perdoar, recriar pelo seu amor.

2. No Evangelho, escutamos estas palavras: "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 28-29).

Esta é a segunda coisa que Francisco nos testemunha: quem segue Jesus, recebe a verdadeira paz, aquela que só Ele, e não o mundo, pode nos dar. São Francisco é associado por muitos à paz, e é justo, mas poucos seguem em profundidade. Qual é a paz que Francisco acolheu e viveu e nos transmite? Aquela de Cristo, passada através do amor maior, aquela da Cruz. É a paz que Jesus Ressuscitado deu aos discípulos quando apareceu em meio a eles (cfr Jo 20, 19.20).

A paz franciscana não é um sentimento "piegas". Por favor: este São Francisco não existe! E nem é uma espécie de harmonia panteísta com as energias do cosmo... Também isto não é franciscano! Também isto não é franciscano, mas é uma ideia que alguns construíram! A paz de São Francisco é aquela de Cristo, e a encontra quem "toma sobre si o seu jugo", isso é, o seu mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei (cfr Gv 13,34; 15,12). E este jugo não se pode levar com arrogância, com presunção, com soberba, mas somente se pode levar com mansidão e humildade de coração.

Dirigimo-nos a ti, Francisco, e te pedimos: ensina-nos a sermos "instrumentos da paz", da paz que tem a sua origem em Deus, a paz que nos trouxe o Senhor Jesus.

3. Francisco inicia o Cântico assim: "Altíssimo, onipotente, bom Senhor... Louvado sejas, com todas as criaturas" (FF, 1820). O amor por toda a criação, pela sua harmonia! O Santo de Assis testemunha o



respeito por tudo aquilo que Deus criou e como Ele o criou, sem experimentar sobre a criação para destruí-la; ajudá-la a crescer, a ser mais bela e mais similar àquilo que Deus criou. E, sobretudo, São Francisco testemunha o respeito por tudo, testemunha que o homem é chamado a proteger o homem, que o homem esteja no centro da criação, no lugar onde Deus – o Criador – o quis. Não instrumento dos ídolos que nós criamos! A harmonia e a paz! Francisco foi homem de harmonia, homem de paz. Desta Cidade da Paz, repito com a força e a mansidão do amor: respeitemos a criação, não sejamos instrumentos de destruição! Respeitemos cada ser humano: cessem os conflitos armados que ensanguentam a terra, silenciem-se as armas e então o ódio dê lugar ao amor, a ofensa ao perdão e a discórdia à união. Ouçamos o grito daqueles que choram, sofrem e morrem por causa da violência, do terrorismo ou da guerra, na Terra Santa, tão amada por São Francisco, na Síria, no Oriente Médio, em todo o mundo.

Dirigimo-nos a ti, Francisco, e te pedimos: alcançai-nos de Deus o dom que neste nosso mundo nos seja harmonia, paz e respeito pela Criação!

Não posso esquecer, enfim, que hoje a Itália celebra São Francisco como seu Patrono. Eu dou as felicitações a todos os italianos, na pessoa do Chefe do governo, aqui presente. Exprime-o também o tradicional gesto da oferta do óleo para a lâmpada votiva, que este ano é da Região da Umbria. Rezemos pela nação italiana, para que cada um trabalhe sempre pelo bem comum, olhando para aquilo que une mais do que para aquilo que divide.

Faço minha a oração de São Francisco por Assis, pela Itália, pelo mundo: "Peço-te então, ó Senhor Jesus Cristo, pai das misericórdias, de não querer olhar à nossa ingratidão, mas de recordar-te sempre da superabundante piedade que [nesta cidade] mostraste, a fim de que seja sempre o lugar e a casa daqueles que verdadeiramente te conhecem e glorificam o teu nome bendito e gloriosíssimo nos séculos dos séculos. Amém" (Espelho de perfeição, 124: FF, 1824). "

(https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20131004_omelia-visita-assis.html)



FASE MARTYRIA – 20ª SEMANA

TEMA

Compaixão pelo homem que não conhece a Deus

OBJETIVO

Conhecer a maneira pela qual a contemplação fomentou a compaixão pelos homens, fruto da oração, em São Francisco de Assis.

MATERIAL

ANEXO FIORETTI

METODOLOGIA

- Tendo apresentado tema e objetivo, inicie a pregação ao vivo com base nos seguintes pontos do ANEXO FIORETTI.
 1. Introdução (significado do verbete “compaixão, nos dicionários”).
 2. Revisar alguns pontos da oração em São Francisco
 3. Utilizando os Fioretti (pequenos contos sobre a vida de São Francisco) - Apresentar de que maneira se manifestava essa compaixão pelo homem em Francisco e suas características: Fé indissolúvel na conversão de cada homem; Cuidado pelas necessidades dos outros e transbordamento da misericórdia de Deus.
 - Após a pregação, introduza um momento de partilha geral orientada pelas seguintes perguntas:
 1. *Por qual razão a **EXPERIÊNCIA** da oração suscitou em São Francisco uma compaixão pelo homem que não conhecia a Deus?*
 2. *Através de quais **AÇÕES** São Francisco expressou a sua compaixão pelo homem distante de Deus?*
 3. *O que podemos **IMITAR** de sua experiência?*
 - Encerre o momento elegendo uma AÇÃO por meio da qual vocês vão IMITAR o testemunho de São Francisco, à luz da sua EXPERIÊNCIA que vocês leram e compartilharam.
-



ANEXO FIORETTI

Verbetes compaixão:

– Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis.

Compaixão (com·pai·xão) *substantivo feminino*. (do latim *compassione*).

1. Dor que nos causa o mal alheio.
2. Participação da dor alheia com o intuito de dividi-la com o sofredor.
3. Sentimento piedoso de simpatia para com a tragédia pessoal de outrem, acompanhado do desejo de minorá-la;
4. Participação espiritual na infelicidade alheia que suscita um impulso altruísta de ternura para com o sofredor.

OS FIORETTI (PEQUENOS CONTOS SOBRE A VIDA DE SÃO FRANCISCO)

Como São Francisco converteu três ladrões homicidas, e se fizeram frades; e da nobilíssima visão que viu um deles, o qual foi santíssimo frade.

S. Francisco foi uma vez pelo deserto do burgo do Santo Sepulcro, e passando por um castelo que se chama Monte Casal, veio ter com ele um jovem nobre e delicado e disse-lhe: "Pai, tenho muita vontade de ser um dos vossos frades".

Respondeu S. Francisco: "Filho, és jovem, delicado e nobre, talvez não possas suportar a pobreza e a aspereza nossas". E ele disse: "Pai, não sois homem como eu? Como as suportais vós, assim o poderei com a graça de Cristo". Agradou muito a S. Francisco esta resposta: pelo que, bendizendo-o, imediatamente o recebeu na Ordem e lhe pôs o nome de Frei Ângelo.

E portou-se este jovem tão graciosamente, que pouco tempo depois S. Francisco o fez guardião do convento chamado Monte Casal. Naquele tempo frequentavam a região três famosos ladrões, os quais faziam aí muito mal; os quais vieram um dia ao dito convento dos frades e pediram ao dito Frei Ângelo que lhes desse de comer. O guardião respondeu-lhes deste modo, repreendendo-os asperamente: "Vós, ladrões e cruéis homicidas, não vos envergonhais de roubar as fadigas dos outros; mas ainda, como presunçosos e impudentes, quereis devorar as que são mandadas aos servos de Deus; que não sois talvez dignos de que a terra vos sustente; porque não tendes nenhuma reverência aos homens e a Deus que vos criou.

"Ide cuidar de vossa vida e não me apareçais outra vez". Pelo que eles perturbados se partiram com grande raiva. E eis que S. Francisco chega de fora com um saco de pão e um vaso de vinho que ele e o companheiro tinham esmolado: e contando-lhe o guardião como os havia expulsado, S. Francisco fortemente o repreendeu, dizendo-lhe: "Tu te comportaste cruelmente; porque melhor se levam os pecadores a Deus com doçura do que com cruéis repreensões: donde nosso mestre Jesus Cristo, cujo Evangelho prometemos observar, disse que osãos não têm necessidade de médico, mas os enfermos; e que não tinha vindo para chamar a penitência os justos, mas os pecadores; e por isso ele frequentes vezes comia com eles.

E porque obraste contra a caridade e contra o santo Evangelho de Cristo, ordeno-te pela santa obediência que imediatamente apanhes este saco de pão e este vaso de vinho, e que vás atrás deles solicitamente por montes e por vales até os encontrar, e lhes apresentes de minha parte todo este pão que mendiguei e este vinho; e depois te ajoelhou-se diante deles, dizendo-lhes humildemente toda a culpa de tua crueldade; e depois lhes rogues de minha parte que não mais façam mal, mas temam a Deus, e não ofendam ao próximo e se eles fizerem isso prometo de prover-lhes em suas necessidades e de dar-lhes continuamente de comer e de beber. E quando isto lhes tiveres dito, volta aqui humildemente".

Enquanto o dito guardião foi cumprir o mandado de S. Francisco, ele se pôs em oração e pedia a Deus que abrandasse os corações daqueles ladrões e os convertesse à penitência. Aproximou-se deles o obediente guardião e apresentou-lhes o pão e o vinho; e fez e disse o que S. Francisco lhe impôs. E como



aprouve a Deus, comendo aqueles ladrões a esmola de S. Francisco, juntos começaram a dizer: "Ai de nós, míseros desventurados! Que duras penas do inferno nos esperam, que vamos não somente roubando o próximo e batendo e ferindo, e ainda mais matando; e no entanto por tantos males e tão celeradas coisas, que fizemos, nenhum remorso de consciência nem temor de Deus sentimos.

E eis este santo frade vem a nós e por algumas palavras que nos disse justamente por causa de nossas malícias, nos disse humildemente a sua culpa; e além disso nos trouxe pão e vinho e tal liberal promessa do santo pai. Verdadeiramente esses frades são santos de Deus os quais merecem o paraíso, e nós somos filhos da eterna danação, e merecemos as penas do inferno e cada dia aumentamos nossa perdição, e não sabemos se, pelos pecados que temos cometido até hoje, acharemos a misericórdia de Deus". Estas, e semelhantes palavras disse um deles e os outros disseram: "Certamente dizes a verdade: mas que devemos fazer?" "Vamos, disse este, a S. Francisco; e se ele nos der esperança de que podemos achar misericórdia em Deus de nossos pecados, façamos o que ele mandar, e possamos livrar as nossas almas das penas do inferno".

Este conselho agradou aos outros, e os três de acordo se dirigiram logo a S. Francisco e disseram-lhe assim: "Pai, nós, por muitos celerados pecados que cometemos, não cremos poder achar misericórdia em Deus, mas, se tiveres alguma esperança que Deus nos receba em sua misericórdia, eis-nos, estamos prontos a fazer o que disseres e fazer penitência contigo". Então S. Francisco, recebendo-os caritativamente e com benignidade, confortou-os com muitos exemplos; e os deixando certos da misericórdia de Deus, prometeu-lhes alcançá-la de Deus, mostrando-lhes que a misericórdia de Deus é infinita: e se nós tivéssemos infinitos pecados, ainda a misericórdia de Deus é maior, segundo o Evangelho; e o apóstolo S. Paulo disse: "Cristo bendito veio a este mundo para resgatar os pecadores".

Por quais palavras e semelhantes ensinamentos os ditos três ladrões renunciaram ao demônio e às suas operações, e S. Francisco os recebeu na Ordem, e começaram a fazer grande penitência: dois deles pouco viveram após a conversão e foram ao paraíso. Mas o terceiro, sobrevivendo e repensando em seus pecados, deu-se a fazer tal penitência, que, durante quinze anos contínuos, exceto as Quaresmas comuns, as quais fazia com os outros frades, o resto do tempo, sempre três dias na semana jejuava a pão e água, andava sempre descalço e só trazia uma túnica às costas, e nunca dormia depois de Matinas.

Por esse tempo S. Francisco passou desta mísera vida. Tendo, pois, ele continuado por muitos anos com tal penitência, eis que uma noite, após Matinas, lhe veio tanta tentação de sono, que por maneira nenhuma podia resistir ao sono e vigiar como soía. Finalmente, não podendo resistir ao sono nem orar, foi ao leito para dormir: e logo que repousou a cabeça foi arrebatado e levado em espírito a um monte altíssimo no qual havia um abismo profundíssimo, e daqui e dali penhascos lascados e aguçados e escolhos desiguais sobressaíam dos rochedos; e o aspecto deste abismo era medonho de ver-se.

E o anjo que conduzia esse frade o empurrou e o lançou por este abismo abaixo: o qual, entrechocando-se e espedaçando-se de escolho em escolho, chegou por fim ao fundo do abismo desmantelado e pulverizado, conforme lhe parecia e jazendo mal acomodado no chão, disse-lhe aquele que o conduzia: "Levanta-te, que é preciso fazer ainda viagem maior". Respondeu-lhe o frade: "Pareces-me muito indiscreto e cruel homem, porque me vês a morrer da queda que me fez em pedaços e me dizes: 'Levanta-te'". E o anjo, aproximando-se dele e tocando-lhe os membros, os sarou perfeitamente a todos e o curou.

E depois lhe mostrou uma planície cheia de pedras agudas e cortantes e de espinhos e de abrolhos, e disse-lhe que por toda aquela planura lhe era necessário passar a pés nus até que chegasse ao fim, no qual se via uma fornalha ardente em que devia entrar. E havendo o frade atravessado toda aquela planície com grande agonia e pena, o anjo lhe disse: "Entra nessa fornalha, porque isto te convém fazer". Respondeu ele: "Ai de mim, quanto me tens sido cruel guia, que me vês quase morto por causa desta angustiosa planície, e agora, para repouso, me mandas entrar nesta fornalha ardente!" E olhando ele viu em torno à fornalha muitos demônios com forcados de ferro nas mãos, com os quais, porque ele hesitava em entrar, o atiraram dentro subitamente.



Entrado que foi na fomalha, olha e vê um que fora seu compadre, o qual ardia inteiramente, e lhe perguntou: "Ó compadre desventurado, como vieste aqui?" E ele respondeu: "Segue um pouco mais adiante e acharás minha mulher, tua comadre, a qual te dirá a causa da nossa danação". Indo o frade um pouco além, eis que aparece a dita comadre toda abrasada e metida numa medida de trigo toda de fogo; e ele lhe perguntou: "Ó comadre desventurada e mísera, por que vieste a um tão cruel tormento?" E ela lhe respondeu: "Porque no tempo da grande fome, a qual S. Francisco havia predito, meu marido e eu falsificávamos o trigo e a aveia que vendíamos nesta medida, por isso me abrasei dentro desta medida". E ditas estas palavras, o anjo que conduzia o frade tirou-o da fomalha e depois lhe disse: ``Prepara-te para uma horrível viagem que tens de fazer".

E ele se lamentava dizendo: "Ô duríssimo condutor, que não tens compaixão de mim! Vês que estou quase todo queimado da fomalha e ainda me queres levar a uma viagem perigosa". Então o anjo o tocou e ele ficou são e forte: depois o levou para uma ponte que se não podia atravessar sem grande perigo; porque ela era muito frágil e estreita, muito escorregadia e sem parapeito, e embaixo passava um rio terrível, cheio de serpentes e de dragões e de escorpiões, e lançava um grandíssimo fedor; e o anjo lhe disse: "Passa por esta ponte, que por tudo te convém passar".

Respondeu ele: "E como poderei passar sem cair neste perigoso rio?" Disse o anjo: "Vem atrás de mim e põe o pé onde vires que ponho o meu, e assim passarás bem". Passou este frade atrás do anjo, como lhe havia ensinado, até ao meio da ponte: e estando assim no meio, o anjo voou e partindo-se dele foi para um monte altíssimo, muito longe da ponte. E ele considerou bem o lugar para onde o anjo voara; mas ficando sem guia e olhando para baixo, via aqueles animais tão terríveis com as cabeças fora da água e com as bocas abertas, prontos para devorá-lo se caísse; e estava com tanto temor que não sabia o que fazer ou o que dizer; porque não podia voltar atrás ou seguir adiante.

Pelo que, vendo-se em tal tribulação e que não tinha outro refúgio senão em Deus, debruçou-se e abraçou a ponte e com todo o coração e com lágrimas recomendou-se a Deus que pela sua santíssima misericórdia o quisesse socorrer. E feita a oração pareceu-lhe que lhe começavam a nascer asas; pelo que com grande alegria esperava que elas crescessem, para poder voar além da ponte aonde voara o anjo. Mas, depois de algum tempo, pelo grande desejo que tinha de passar a ponte, pôs-se a voar; e porque as asas não estavam bastante crescidas, caiu sobre a ponte e as penas lhe caíram: pelo que de novo se abraçou com a ponte, como antes, e recomendou-se a Deus.

E terminada a oração, ainda lhe pareceu ter asas; e como da primeira vez não esperou que elas crescessem perfeitamente; por isso, metendo-se a voar antes do tempo, caiu ainda sobre a ponte e as penas lhe caíram. Vendo assim que caía pela pressa de voar antes do tempo, começou a dizer consigo mesmo: "Na verdade, se tiver asas terceira vez, esperarei que elas estejam tão grandes até poder voar sem cair". E estando a pensar assim, viu-se a terceira vez com asas; e esperou muito tempo até que elas ficaram bem grandes, e pareceu-lhe que pelo primeiro e segundo e terceiro crescimento de asas, tinha esperado bem cento e cinquenta anos ou mais.

Finalmente levanta-se pela terceira vez com todo o esforço, toma o voo e voou para o alto ao lugar aonde tinha voado o anjo e, batendo à porta do palácio em que ele estava, o porteiro perguntou-lhe: "Quem és tu que vieste aqui?" Respondeu ele: "Eu sou frade menor". Disse o porteiro: "Espera, que eu vou chamar S. Francisco para ver se te conhece". Indo aquele a S. Francisco, ele começou a olhar as maravilhosas paredes do palácio; e eis, lhe pareciam aquelas paredes transluzirem tanta claridade, e ele via claramente os coros dos santos e o que dentro se fazia. E estando ele estupefato a olhar assim, eis que vêem S. Francisco e Frei Bernardo e Frei Egídio e, atrás deles, tal multidão de santos e santas que tinham seguido a vida deles, que quase parecia inumerável. Chegando, disse S. Francisco ao porteiro: "Deixa-o entrar, porque ele é dos meus frades".

E logo que entrou sentiu tanta consolação e tanta doçura, que esqueceu todas as tribulações que tinha tido, como se não houvessem existido. E então S. Francisco, levando-o para dentro, mostrou-lhe muitas coisas maravilhosas e depois lhe disse: "Filho, é necessário que voltes ao mundo, e aí ficas sete dias, durante os quais te prepararás diligentemente com toda a devoção; porque, depois de sete dias, eu irei por ti, e então virás comigo para este lugar de bem-aventurados". E S. Francisco trazia um manto



maravilhoso adornado de estrelas belíssimas, e seus cinco estigmas eram como cinco estrelas belíssimas e de tanto esplendor que iluminavam todo o palácio com seus raios.

E Frei Bernardo tinha à cabeça uma coroa de estrelas belíssimas, e Frei Egídio estava adornado de maravilhoso lume; e muitos outros santos frades conheceu, os quais no mundo nunca tinha visto. Despedido, pois, por S. Francisco, voltou, ainda que de má vontade, ao mundo. Despertando e estremunhando e voltando a si, os frades tocavam a Prima: de sorte que só tinha durado esta visão entre Matinas e Prima, ainda que lhe parecera durar muitos anos.

E contando em ordem ao seu guardião toda essa visão, dentro de sete dias começou a sentir febre, e no oitavo dia veio a ele S. Francisco, como lhe prometera, com grandíssima multidão de gloriosos santos e conduziu a alma dele ao reino dos bem-aventurados à vida eterna.

Como S. Francisco miraculosamente curou o leproso de alma e corpo; e o que a alma lhe disse subindo ao céu

O verdadeiro discípulo de Cristo, monsião S. Francisco, vivendo nesta miserável vida, com todo seu esforço se empenhava em seguir a Cristo perfeito mestre; de onde advinha frequentes vezes, por divina inspiração, que, de quem ele sarava o corpo, Deus na mesma hora lhe sarava a alma, tal como se lê de Cristo.

Pelo que servia não só voluntariamente os leprosos, mas havia também ordenado que os frades de sua Ordem, andando ou parando pelo mundo, servissem aos leprosos pelo amor de Cristo, o qual quis por nós ser considerado leproso: adveio em um lugar próximo ao em que morava S. Francisco, servirem os frades em um hospital a leprosos e enfermos, no qual havia um leproso tão impaciente e insuportável e arrogante que cada um acreditava certamente, e assim o era, estar possuído do demônio.

Porque aviltava com palavras e pancadas tão cruelmente a quem o servisse, e, o que era pior, com ultrajes blasfemava contra Cristo bendito e sua Santíssima Mãe, a Virgem Maria, que por nenhum preço se encontrava quem o pudesse ou quisesse servir. E ainda que os frades procurassem suportar pacientemente as injúrias e vilanias para aumentar o mérito da paciência, no entanto não podiam em sua consciência sofrer as contra Cristo e sua mãe, resolvendo por isso abandonar o dito leproso: mas não o quiseram fazer sem falar antes, conforme a Regra, com S. Francisco, o qual vivia então em um convento próximo dali. E tendo-lhe explicado, S. Francisco foi procurar aquele leproso perverso; e aproximando-se dele, saúda-o, dizendo: "Deus te dê a paz 15, irmão meu caríssimo".

Respondeu o leproso com arrebatamento: "E que paz posso ter eu de Deus que me tirou a paz e todos os bens e me fez todo podre e asqueroso?" E S. Francisco disse: "Filho, tem paciência; porque as enfermidades do corpo nos são dadas por Deus neste mundo para a salvação da alma, pois são de grande mérito quando suportadas em paz". Responde o enfermo: "E como posso suportar com paciência o tormento contínuo que me aflige de dia e de noite? E não somente me aflige essa enfermidade, mas muito pior fazem os teus frades que me deste para me servir, e não me servem como devem". Então S. Francisco, conhecendo pela divina revelação que este leproso estava possuído do espírito mau, foi e se pôs em oração e suplicou devotamente a Deus por ele.

E terminada a oração, volta a ele e diz-lhe: "Filho, quero servir-te eu, porque não estás contente com os outros". "Está bem, disse o enfermo; que me podes fazer mais do que os outros?" Responde S. Francisco: "Farei o que quiseres". Disse o leproso: "Quero que me laves todo o corpo; porque tenho cheiro tão ruim, que nem mesmo eu me posso suportar". Então S. Francisco mandou ferver água com muitas ervas aromáticas: depois lhe tira a roupa e começa a lavá-lo com as suas mãos, enquanto outro irmão punha-lhe água em cima.

E por divino milagre, onde S. Francisco tocava com suas mãos, desaparecia a lepra e a carne ficava perfeitamente curada. E quando começou a carne a sarar, também começou a alma a sarar; donde o leproso, vendo-se começar a curar, começou a ter grande compunção e arrependimento dos seus



pecados e a chorar amarissimamente: de modo que, enquanto o corpo se limpava por fora da lepra pela lavagem com água, a alma se limpava por dentro do pecado pela contrição e pelas lágrimas. E ficando completamente sarado quanto ao corpo e quanto à alma, humildemente reconheceu sua culpa e disse chorando em altas vozes: "M de mim, que sou digno do inferno pelas vilanias e injúrias que fiz e disse aos frades e pela impaciência e pelas blasfêmias que disse contra Deus".

E perseverou por quinze dias em amargo pranto por seus pecados e em pedir misericórdia a Deus, confessando-se ao padre inteiramente. E S. Francisco, vendo um milagre tão expressivo, o qual Deus tinha operado pelas mãos dele, agradeceu a Deus e partiu-se, indo daí a terras muito distantes: porque por humildade queria fugir de toda a glória humana, e em todas as suas operações só procurava a honra e a glória de Deus e não a própria. Pois, como foi do agrado de Deus, o dito leproso, curado do corpo e da alma, após quinze dias de penitência, enfermou de outra enfermidade: e armado com os santos sacramentos da santa madre Igreja, morreu santamente; e sua alma, indo ao paraíso, apareceu nos ares a S. Francisco, que estava em uma selva em oração, e disse-lhe: "Reconheces-me?" "Quem és?", disse S. Francisco.

E ele disse: "Sou o leproso, o qual Cristo bendito sarou por teus méritos, e hoje vou à vida eterna, pelo que rendo graças a Deus e a ti. Bendito sejam tua alma e teu corpo e benditas as tuas palavras e obras: porque por ti muitas almas se salvarão no mundo: e saibas que não há dia no mundo no qual os santos anjos e os outros santos não dêem graças a Deus pelos santos frutos que tu e a Ordem tua fazeis em diversas partes do mundo: e portanto toma coragem e agradece a Deus e fica com a sua bênção". E ditas estas palavras subiu para o céu; e S. Francisco ficou muito consolado. Em louvor de Cristo. Amém.

CURA DE UM COXO EM TOSCANELA E DE UM PARALÍTICO EM NARNI

65. Pregando sempre o reino de Deus e visitando regiões distantes uma depois da outra, chegou Francisco a uma cidade chamada Toscanela. Tendo lançado nessa cidade a semente da vida, recebeu hospedagem de um soldado que tinha um filho único, coxo e débil no corpo inteiro. Embora tivesse alguns anos de vida e passada já a idade de aleitamento, permanecia no berço. Seu pai, vendo o homem de Deus tão rico em santidade, lançou-se a seus pés com humildade, pedindo-lhe a saúde do filho. Julgando-se inútil e indigno de tanta virtude e de fazer uma graça tão grande, o santo se recusou por muito tempo. Afinal, vencido pela constância dos pedidos, começou fazendo uma oração, impôs a mão sobre o menino, abençoou-o e o levantou. Imediatamente, para alegria de todos os que estavam presentes, a criança ficou em pé, curada no nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, e começou a andar por todos os cantos da casa.

66. Numa ocasião em que o homem de Deus, Francisco, esteve em Narni e ali passou alguns dias, um homem da cidade, chamado Pedro, estava de cama, paralisado. Tinha estado assim durante cinco meses, sem poder usar membro nenhum, sem poder levantar-se de maneira alguma nem mesmo se mover. Tendo perdido toda colaboração dos pés, das mãos e da cabeça, só conseguia mexer a língua e abrir os olhos. Mas, tendo ouvido que São Francisco estava em Narni, mandou um recado ao bispo da cidade pedindo que por amor de Deus mandasse o servo de Deus Altíssimo, confiante de que seria libertado da doença que o prendia só pela presença e visão do santo. Foi isso que aconteceu.

Quando São Francisco chegou e lhe fez um sinal da cruz da cabeça aos pés, a doença foi imediatamente debelada e ele foi restituído à saúde anterior.

(Fontes Franciscanas. Disponível em < <http://www.franciscanos.org.br/>)



FASE MARTYRIA – 21ª SEMANA

TEMA

Penitência em São Francisco

OBJETIVO

Apresentar o conceito e vivência da penitência em São Francisco e a sua necessária vivência para o testemunho de seguimento de Jesus e seu anúncio.

MATERIAL

ANEXO PENITÊNCIA EM SÃO FRANCISCO

METODOLOGIA

- Após introduzir de forma bem comentada o tema e o objetivo dessa formação, inicie comunitariamente leitura do ANEXO PENITÊNCIA EM SÃO FRANCISCO.
- Ao final da leitura, divida o grupo em 2 equipes:

EQUIPE 1 – CONVERSÃO DO MUNDO

EQUIPE 2 – CONVERSÃO PESSOAL

- Cada grupo deve conversar concreta e detalhadamente sobre o tema que coube à sua equipe, na perspectiva de como uma vida de penitência pode auxiliar nas transformações necessárias dessas duas realidades (eu / mundo). Assim:

EQUIPE 1: *Como a penitência pode ajudar na conversão do mundo?*
EQUIPE 2: *Como a penitência pode ajudar na minha conversão pessoal?*

- Cada grupo deve eleger uma penitência na intenção do tema da sua equipe (penitência pela conversão pessoal dos membros do grupo / penitência pela conversão do mundo) que deverá ser vivenciada ao longo da semana e partilhada na próxima reunião.
 - Encerre com partilha geral.
-



ANEXO PENITÊNCIA EM SÃO FRANCISCO

*A penitência como compaixão*⁸

Francisco era exigente consigo mesmo, mas por amor, tinha compaixão para com os limites dos irmãos que o Senhor lhe deu. Geralmente animava os irmãos a serem compassivos com eles mesmos, sem perder a coerência com a radicalidade da vocação. Fez todas as coisas por amor de Deus.

No livro "Espelho de Perfeição", cap. 27, seus companheiros contam: "No tempo em que Francisco começou a ter irmãos e morava com eles em Rivotorto, perto de Assis, uma vez, por volta da meia noite, enquanto estavam repousando, um frade começou a gritar: "Morro, morro!" Todos despertaram assustados e amedrontados. Francisco se levantou e disse: "Irmãos, levantai-vos e acendei uma luz". E, acesa a luz, perguntou: "Quem foi que disse 'morro'?" E um frade respondeu: "Fui eu". "Que tens, irmão? De que morres?", perguntou-lhe o santo. "Morro de fome", respondeu o frade. Então Francisco mandou preparar a mesa e o fez sentar-se e, como homem cheio de caridade e delicadeza, comeu com ele, para que não se envergonhasse de comer sozinho; em seguida, ordenou a todos os frades que fizessem o mesmo. Estes frades e todos os demais, porque não estavam verdadeiramente convertidos ao Senhor, excediam-se nas penitências e mortificações do corpo. Depois da refeição, disse Francisco: "Meus irmãos vos exorto a estudar cada um a própria compleição, porque, embora alguns possam sustentar-se com menos alimentos do que outros, não quero que aquele que tem necessidade de uma alimentação mais substancial os imite. Cada um, conhecendo o próprio estado físico, dê ao seu corpo o sustento necessário para servir ao espírito. Assim como nos devemos guardar do excesso de alimentos, prejudicial ao corpo e à alma, devemos também nos guardar de uma abstinência excessiva, pois assim deseja o Senhor: '*A misericórdia e não o sacrifício*' (Mt 12,7)". Acrescentou: "Aquilo que acabei de fazer, irmãos caríssimos, isto é, o de comer com nosso irmão a fim de que não se envergonhasse de comer sozinho, foi inspirado pela necessidade e caridade, mas vos asseguro de que o repetirei no futuro, pois não seria honesto nem digno de um religioso. Exijo, portanto, e ordeno que cada um propicie a seu corpo o que lhe for necessário e suficiente na medida em que o permitir a nossa pobreza".

Francisco valorizava as pessoas acima de qualquer ato de penitência. Ele deixava a cada um a escolha de decidir o quanto queria sacrificar a Deus, não obrigava nenhum irmão a fazer um sacrifício que estivesse acima de suas forças. É importante seguir a pobreza de Jesus e de sua Mãe, mas é mais importante seguir o amor deles, que mesmo não tendo pecado, levaram uma vida de penitentes por amor a Deus e aos homens.

Uma outra coisa importante: é necessário não julgar os outros. O espírito é o da Palavra e não o da letra. Se nossos sacrifícios nos deixam orgulhosos, melhor não os fazer.

Na Regra Bulada 2:17, diz: "*Eu os admoesto e exorto a que não desprezem nem julguem os homens que virem usar vestes delicadas e coloridas (cf. Mt 11,8), tomar alimentos e bebidas finas, mas, antes, julgue e despreze cada qual a si mesmo*". Era importante para Francisco juntar uma admoestação contra o julgar os outros logo depois daquela referente ao tipo de hábito de tecido rústico para si e para os seus seguidores, um hábito de penitência, mas admoestava-os a não julgar aqueles que se vestiam com roupas elegantes.

Mesmo se Francisco era condescendente sobre atos de mortificação para com os irmãos, ele sustentava a importância de duas coisas apenas: trabalhar duramente e jejuar. Na Regra Bulada 3,5-8, Francisco pede para se jejuar da festa de Todos os Santos ao Natal, nos quarenta dias da Quaresma, toda sexta-feira e também um jejum opcional, que começaria no dia da Epifania. Com grande entusiasmo, é como se para os frades fosse quase sempre jejum. Isso porque, obviamente Francisco tinha visto um grande valor no jejum.

Qual é este valor? A pobreza. A falta de alimento ou de qualquer outra coisa que o corpo deseja, faz-nos apreciar aquilo que temos e agradecer pelos benfeitores, que são instrumentos da providência de Deus. O jejum coloca o nosso corpo em "um estado de necessidade, de desejo" e se nossos corpos estão neste estado, é mais fácil que nossas almas estejam também nesta mesma condição. Lembra-nos de que não somos autossuficientes. Com a nossa fome de comida fica mais fácil recordar a nossa fome de Deus. Somos necessitados dos outros e de Deus.

Tem também um aspecto social no jejum. Jejuar não significa fazer uma dieta. Fazemos uma dieta para nós mesmos, ou por motivos médicos. O jejum é qualquer coisa que fazemos por Deus e pelos

⁸ PAIVA, Verônica. A Penitência em São Francisco de Assis. Fortaleza, Edições Shalom, 2009.



outros. Is 58,6: *"O jejum que aconselho é aquele em que alguém divide o pão com os afamados"*. A dimensão social deve incluir elementos de partilha com os pobres. Francisco não só fez jejum, mas foi também pessoalmente até pessoas que tinham lepra, as pessoas que tinham fome de comida e de contato humano.

Hoje temos a oportunidade de descobrir o tesouro que Francisco descobriu sob este ato de auto renúncia. Isto talvez seja aquilo que ele queria: a personalização de jejum, através da compaixão.

Recordemos então quais são os elementos importantes dos atos penitenciais até agora: o jejum, o serviço, a obediência, o combate aos ídolos, a compaixão, o não julgar, a pobreza, o apreciar aquilo que temos, a gratidão pelos benfeitores (providência), o valorizar as pessoas, a compaixão para com os outros, por amor de Deus.

A penitência – Relação com Deus

Jejuar é parte da vida de penitência, mas não é tudo. Certamente Francisco e seus irmãos medievais praticaram tantíssimos atos de auto renúncia, mas, para uma verdadeira vida de penitência, queriam muito mais. Para descobrir isto, devemos começar como Francisco sempre começou, pelo Evangelho.

Esser – Grau em 1963, fizeram um estudo profundo dos escritos franciscanos. No seu livro *Antwort der Liebe* (Resposta de Amor) dizem: "Francisco entendeu a penitência e a entendeu fazendo penitência no sentido do Evangelho, literalmente uma mudança interior (a do coração), uma renovação completa e contínua da pessoa que caminha para Deus".

No início do seu Testamento, Francisco recorda a ação de Deus que na sua vida o levou à conversão: *"Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frade Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse ainda nos meus pecados, parecia-me deveras insuportável ver os leprosos. O Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu usei de misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto, demorei só bem pouco tempo e deixei o mundo"*.

São Francisco, já no fim de sua vida, avalia o início da sua conversão como ponto de partida da sua vida de penitência. Porque estava ainda em seus pecados, os leprosos lhe davam repugnância, medo, não faziam parte do seu mundo e nem das pessoas que o admiravam e eram por ele admiradas. Era-lhes simplesmente insuportável ver a sombra de um leproso pelas estradas e sempre que os avistava ao longe, desviava o caminho para não os encontrar. Inácio Larrañaga em seu livro "O Irmão de Assis" assim diz: "...mas o Senhor o tomou pela mão e o levou para o meio deles. Então tratou-os com misericórdia e com carinho. Quando se despediu deles, recorda com emoção em seu oito de morte, o que antes lhe causava tão vida repugnância havia se transformado numa doçura imensa não só para a alma, mas também para o corpo". Segundo o autor, "o que explica esta mudança misteriosa é a presença de Jesus, vivamente sentida em seu interior... Jesus ocupada o primeiro lugar da consciência... e era por isso que Francisco não sentia o fedor dos tecidos comidos pela lepra, mas apenas a doçura emanada de Jesus, aquele por quem ele se metia entre os leprosos e a quem abraçava em sua pessoa".

O Senhor o deixou entre os leprosos e ele não resistiu à graça, mas se deixou conduzir para a experiência que seria, segundo ele mesmo, o ponto alto da sua conversão. Mudança aconteceu quando ele se encontrou junto com eles. Se procurarmos o significado da palavra "entre", encontramos *"em meio a"*, mas talvez entre as definições sugeridas, o *"familiar com"* seja a mais adequada. Francisco se familiarizou com as pessoas que um tempo repudiava. Aprendeu um novo modo de vê-los, superando o medo. "Usei de misericórdia com eles" – penitência, metanóia, conversão – mudança de pensamento. Começar a fazer penitência para Francisco foi usar de misericórdia para com os leprosos, ficar no meio deles, dando frutos concretos de conversão: cuidou deles, lavou suas feridas, abriu totalmente o coração para eles.

Aprendeu com eles – início da sua mudança de vida. Uma vida de penitência, uma vida de metanóia no sentido evangélico, parece possível somente quando permitimos à graça de Deus de superar os nossos medos e os nosso pré-julgamentos e assim nos tornarmos familiares com as pessoas ou com as coisas que antes havíamos evitado. O melhor modo de superar os nossos medos é o de nos familiarizarmos com eles, de enfrenta-los, de passar tempo com eles, com o coração aberto para que Deus nos liberte.

Fazer-nos aprender a mentalidade do Reino, que é amor, é o objetivo da formação de Deus, que usa todas as pedagogias para nos converter. A conversão pertence ao coração, ao centro das decisões, não é só um fazer, mas uma mudança interior.

Esser – Grau, no livro já citado, dizem: "A vida de penitência é a nossa grata resposta ao chamado de Deus, à sua misericórdia para conosco". Francisco ouviu este chamado e depois a sua resposta foi esta



vida de penitência. No Testamento, Francisco fala de mudança interior, uma conversão, *"um novo modo de ver"* todas as coisas. O que permitiu a Francisco ver a mesma coisa com olhos novos? A abertura total do seu coração à ação da graça de Deus, através de longas horas de contemplação em lugares solitários, antes mesmo de sair do mundo. Foi deixando que o amor de Deus invadisse seu coração, curando suas feridas, suas fraquezas, libertando-o dos sonhos de vaidade e de ambição, que ele passou a ver em si mesmo, as pessoas e a criação como parte de um mesmo e grande Amor.

Esta vida de metanóia não é possível porque temos muito medo. De quê? Quem são os nossos leprosos? E se deixássemos Deus vir conosco e nos conduzir para enfrentarmos os nossos medos, passar um tempo com eles, tornarmos-nos familiares a eles e aprender com eles, iniciando uma nova etapa na nossa vida? Tudo isto nos dá a possibilidade de fazermos uma auto avaliação e identificar o quanto temos crescido na nossa vida de penitência – metanóia- conversão.

A quem estamos servindo? O que bloqueia a nossa penitência? São perguntas que devemos fazer e responder com sinceridade deixando-nos guiar pelo Espírito do Senhor, porque só Ele torna possível a nossa penitência de cada dia, a nossa saída de nós mesmos para centralizarmos-nos em Deus e na nossa luta contra os nossos ídolos.

Francisco usa a palavra penitência nos seus escritos 21 vezes: 13 nas Regras, 1 no Testamento e 6 nas Cartas.

Na Primeira Carta aos Fieis 1,10, diz: *"Em nome do Senhor! Todos aqueles que amam o Senhor 'de todo coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças' (cf. Mt 12,30) e amam o próximo como a si mesmos (cf. Mt 22,39), odiando seus corpos com seus vícios e pecados, recebendo o corpo e o o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e produzindo frutos dignos de penitência: Ó como são felizes e benditos os que assim fazem e assim perseverarem, porque 'sobre eles repousará o Espírito do Senhor' (cf. Is 11,2) que neles fará morada (cf. Jo 14,23). Estes são filhos do Pai celeste (cf. Mt 5,45), fazem as obras do Pai, são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo" (cf. Mt 12,50).* Nós nos tornamos mães, irmãos, e esposos de Deus através da docilidade ao Espírito Santo, seguindo a vontade de Deus, levando o Senhor nos nossos corações e para os outros, através do trabalho e do amor. Esta é a verdadeira vida de penitência que Francisco abraçou e esperou para os seus seguidores. Trata-se, sobretudo, do amor para com Deus e para com os outros.

Essex – Grau, na obra já citada, dizem: "Todo aqueles que entre neste caminho de penitência deve absolutamente e sem qualquer condição, esquecer-se de si mesmo, até o ponto de viver só para Deus. A verdadeira meta da vida de penitência é uma relação pessoal com Deus, uma experiência vivida só para Ele".

Às vezes, Francisco usa a palavra penitência no sentido canônico, ou seja, a penitência ministrada pelo sacerdote no sacramento da Confissão. Encontramos este sentido principalmente nas Regras. Mas outras vezes, as suas palavras indicam uma vida vivida em penitência, uma vida de metanoia (como na Carta aos Custódios). A vida de penitência para Francisco era o caminho para a salvação. Para ele, morrer nesta vida de penitência era já o céu."



FASE MARTYRIA – 22ª SEMANA

TEMA

Amor esponsal e Missionariedade

OBJETIVO

Conhecer a vivência do amor esponsal em São Francisco e seu concreto transbordamento na missionariedade.

MATERIAL

DVD “Amor Esponsal em São Francisco”

METODOLOGIA

- Na oração inicial, motive uma abertura ao Espírito Santo para que Ele possa inflamar nossos corações nessa esponsalidade que somos chamados a viver.
 - Faça uma breve motivação inicial acerca do tema que vamos aprofundar hoje, apresentando tema e objetivo da formação.
 - Dê início à exibição do DVD “Amor Esponsal em São Francisco” orientando todos a assistirem de forma atenciosa, anotando tudo o que de maneira mais forte tocar seu coração.
 - Encerre com um momento de partilha sobre como vivenciar de modo real, encarnado e constante o amor esponsal por Jesus, tornando a vida ordinária uma terra de missão.
-



FASE MARTYRIA – 23ª SEMANA

TEMA

Evangelização: fruto da experiência com Deus

OBJETIVO

Apresentar a maneira pela qual contemplação e unidade se associam à evangelização no Carisma Shalom.

MATERIAL

Bibliografia Complementar:

DIAS, Gabriela. Pescadores De Homens – Evangelizar Com Ousadia. Aquiraz: Edições Shalom. 2014.

CHAGAS JUNIOR, Joao W.R. Uma Obra Nova Para Um Novo Tempo – Espiritualidade Da Comunidade Católica Shalom. Aquiraz: Edições Shalom. 2009. Pg. 138 – 142.

METODOLOGIA

- Apresentando o tema e objetivo, inicie a formação de hoje comentando sobre a importância da oração para o concreto fruto da evangelização.
 - Só então inicie o testemunho ao vivo de um irmão da Comunidade de Vida/Aliança sobre rezar e, unido ao corpo comunitário, evangelizar.
 - Caso por questão de não ser ter uma pessoa, ou pelo horário do grupo, etc., não seja possível um testemunho ao vivo, selecione do livro "Pescadores de homens" (Gabriella Dias) um ou mais testemunhos sobre o tema da formação (rezar e evangelizar como um corpo) e dê uma pregação à luz do texto, explorando sempre no testemunho a dimensão da ORAÇÃO, UNIDADE E EVANGELIZAÇÃO, atendendo ao objetivo da formação de perceber *como contemplação e unidade se associam à evangelização no Carisma Shalom*.
 - Relançando a pergunta "*como contemplação e unidade se associam à evangelização no Carisma Shalom?*", a fim de gerar compromisso, escute-os sobre como isso se aplica à vida de engajamento no grupo.
 - Encerre reservando alguns minutos para perguntas, respostas e/ou testemunhos.
-



FASE MARTYRIA – 24ª SEMANA

TEMA

Batalha espiritual no seguimento de Jesus

OBJETIVO

Apresentar a realidade da batalha espiritual, suas armas e frutos, segundo a espiritualidade Shalom.

MATERIAL

DVD "Batalha espiritual no seguimento de Jesus segundo a Espiritualidade Shalom" (Edinaldo Oliveira Jr)

METODOLOGIA

- Tendo apresentando e comentado o tema, seu objetivo e importância, dê início à exibição do DVD "Batalha espiritual no seguimento de Jesus segundo a Espiritualidade Shalom" (Edinaldo Oliveira Jr).
- Em seguida, partilhem comunitariamente sobre os seguintes pontos:
 1. *Que aspectos da batalha espiritual foram novos para mim?*
 2. *Com quais armas posso enfrentar a batalha espiritual em minha vida?*
 3. *Quais batalhas enfrentamos comunitariamente?*
 4. *Quais as batalhas em relação à evangelização?*
 5. *Como podemos vencer as batalhas na evangelização?*
- Encerre a formação elegendo um propósito comunitário para o aspecto de como vencer as batalhas na evangelização.
- A vivência desse propósito deve ser partilhada na próxima reunião do grupo e fomentada até que seja uma experiência cada vez mais profunda.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

JUNIOR, Edinaldo de Oliveira. A PAZ E A ESPADA - O combate espiritual segundo a espiritualidade Shalom. Aquiraz: Edições Shalom: 2012.



FASE MARTYRIA – 25ª SEMANA

TEMA

LIVRE (tema a cargo do Pastor do Grupo)

OBJETIVO

Desenvolver a capacidade de verificar a qualidade da caminhada, os passos dados, confirmando e fortalecendo o crescimento pessoal e do grupo ou atualizar o programa previsto para esta fase.

MATERIAL

De acordo com a necessidade de recapitulação ou atualização (em submissão presente manual).

METODOLOGIA

A cargo do pastor

ESQUEMA DA FORMAÇÃO

- Essa semana está reservada para o objetivo descrito acima. Deverá ser utilizada para rever alguma das formações anteriores ou repor alguma semana que esteja atrasada por motivos pastorais locais.
- Finalize a formação com uma oração de ação de graças ao Senhor pela Sua obra acontecida nas nossas vidas.

ORIENTAÇÃO AO PASTOR

- Fraternidade – 5 minutos
 - Oração e Louvor – 45 minutos
 - Partilha sobre a oração – 10 minutos
 - Formação: 45 minutos
-



BLOCO VI

TESTEMUNHAS

DE CRISTO

HOJE

Conhecer concretos testemunhos de santidade e radicalidade cristã nos desafios dos tempos atuais.



BLOCO V
TESTEMUNHAS DE CRISTO HOJE

Conhecer concretos testemunhos de santidade e radicalidade cristã nos desafios dos tempos atuais.

SEMANA	TEMA	OBJETIVO	LEITURA	EB
26ª semana	Os mártires do século XX	Conhecer alguns testemunhos de fé vividos nos séculos XX e XXI, mostrando que a fé "heroica" não foi vivida apenas por cristãos de um passado distante, mas que, até os dias de hoje, esta mesma fé é provada e comprovada em vários âmbitos da vida comum.		
27ª semana	Santa Gianna Beretta Molla	Apresentar no matrimônio e no amor maternal uma autêntica via de santificação bem como um forte testemunho de altruísmo e sacrifício tão necessário contra as ideologias contra a vida e a feminilidade que atingem a sociedade atual.		
28ª semana	Chiara Luce Badano	Mostrar através da vida de Chiara Luce Badano como a enfermidade pode se tornar um caminho de santificação quando acolhido com alegria e simplicidade.		
29ª semana	Bem-Aventurado Pier Giorgio Frassati	Mostrar como um jovem comum pode, em meios as suas atividades, responder ao chamado à santidade no serviço aos mais necessitados, e também mostrar as amizades como um grande bem no caminho de santificação de todo ser humano.		
30ª semana	São Giuseppe Moscati	Apresentar a profissão como um meio de santificação quando este é vivido por amor a Deus e serviço ao próximo.		
31ª semana	Jacques Fesch	Apresentar como Deus pode suscitar a santidade mesmo nas situações de pecado que a graça pode tudo transforma e santificar qualquer pecador.		
32ª semana	Cardeal François-Xavier Nguyễn Van Thuân	Encontrar na vivência da fé a razão de uma viva esperança contagiante mesmo nas situações mais desfavoráveis.		
33ª semana	A atualidade do martírio	Renovar as disposições para o seguimento de Jesus através do testemunho sobre a atualidade do martírio vivido na guerra Cristera pelos cristãos do México na década de 20.		



FASE MARTYRIA – 26ª SEMANA

TEMA

Os mártires do Século XXI

OBJETIVO

Conhecer alguns testemunhos de fé vividos nos séculos XX e XXI, mostrando que a fé "heroica" não foi vivida apenas por cristãos de um passado distante, mas que, até os dias de hoje, esta mesma fé é provada e comprovada em vários âmbitos da vida comum. Desta maneira, contemplamos vidas ordinárias se tornando extraordinárias pela graça de Deus.

MATERIAL

ANEXO MEMÓRIA DOS MÁRTIRES CRISTÃOS DO XX

METODOLOGIA

- Apresente o tema e o objetivo do novo BLOCO TESTEMUNHAS DE CRISTO HOJE, que tem como objetivo conhecer concretos testemunhos de santidade e radicalidade cristã nos desafios dos tempos atuais.
 - Comente que iniciamos um novo bloco formativo onde acompanharemos de perto algumas pessoas que viveram cheias de coerência e radicalidade, homens e mulheres do nosso tempo que em diversas atividades e situações encontraram Cristo e deram testemunhos da sua Fé. Entre estes encontraremos jovens, casados, profissionais, santos e pessoas em processo de canonização. Com eles seremos levados a aprofundar a fé no ordinário de nossas vidas.
 - Apresente o tema e o objetivo da formação de hoje e, antes de iniciar a pregação com o ANEXO MEMÓRIA DOS MÁRTIRES CRISTÃOS DO XX, introduza sobre despertar o desejo de uma vida que seja condizente com nossa profissão de fé, levando-nos até a santidade que o amor a Jesus Cristo nos convida, contemplando que esta santidade é um dom dado por Deus, acessível a todos que o acolhem com coragem, sem deixar de ser uma missão a cumprir e que atinge e transforma a todos ao redor.
 - Encerre a formação discutindo sobre como a frase "*Santidade é viver com amor e oferecer o testemunho cristão nas situações de todos os dias*" (Papa Francisco – Twitter 19/10/2016) pode ser transformada num concreto propósito para o grupo a partir da pregação.
-



ANEXO MEMÓRIA DOS MÁRTIRES CRISTÃOS DO XX

MEMÓRIA DOS MÁRTIRES CRISTÃOS DO SÉCULO XX

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Basílica de São Bartolomeu na Ilha Tiberina

Segunda-feira, 7 de Abril de 2008

Queridos irmãos e irmãs

Podemos considerar este nosso encontro na basílica de São Bartolomeu na Ilha Tiberina como uma peregrinação à memória dos mártires do século XX, numerosos homens e mulheres, conhecidos e desconhecidos, que ao longo do século XX, derramaram o seu sangue pelo Senhor. Uma peregrinação guiada pela Palavra de Deus que, como lâmpada para os nossos passos, luz sobre o nosso caminho (cf. *S/119*, 105), ilumina com a sua luz a vida de cada crente. Este templo foi propositadamente destinado, pelo meu Predecessor João Paulo II, a ser lugar da memória dos mártires do séc. XX e por ele foi confiado à Comunidade de Santo Egídio, que este ano dá graças ao Senhor pelo quadragésimo aniversário do seu início. Saúdo com afecto os Senhores Cardeais e os Bispos que quiseram participar nesta liturgia. Saúdo o Prof. Andrea Riccardi, fundador da Comunidade de Santo Egídio, e agradeço-lhe as palavras que me dirigiu; saúdo o Prof. Marco Impagliazzo, Presidente da Comunidade, o Assistente, D. Matteo Zuppi, assim como D. Vincenzo Paglia, Bispo de Terni-Narni-Amelia.

Neste lugar cheio de memórias perguntamo-nos: por que estes nossos irmãos mártires não procuraram salvar a qualquer preço o bem insubstituível da vida? Por que continuaram a servir a Igreja, apesar das graves ameaças e intimidações? Nesta basílica, onde estão conservadas as relíquias do apóstolo Bartolomeu e onde se veneram os despojos de Santo Adalberto, sentimos ressoar o eloquente testemunho de quantos, não só ao longo do século passado, mas desde o início da Igreja vivendo o amor ofereceram no martírio a sua vida a Cristo. No ícone colocado sobre o altar-mor, que representa algumas destas testemunhas da fé, sobressaem as palavras do Apocalipse: "Estes são os que vieram da grande tribulação" (*Ap 7*, 13). Ao ancião que pergunta quem sejam e de onde vêm os que estão vestidos de branco, é respondido que são os que "lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro" (*ibid.*). É uma resposta à primeira vista estranha. Mas na linguagem cifrada do Vidente de Patmos isto contém uma referência clara à cândida chama do amor, que levou Cristo a derramar o seu sangue por nós. Em virtude daquele sangue, fomos purificados. Amparados por aquela chama também os mártires derramaram o seu sangue e purificaram-se no amor: no amor de Cristo que os tornou capazes de se sacrificarem por sua vez no amor. Jesus disse: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos" (*Jo 15*, 13). Cada testemunha da fé vive este amor "maior" e, a exemplo do Mestre divino, está pronto para sacrificar a vida pelo Reino. Deste modo tornamo-nos amigos de Cristo; assim conformamo-nos com Ele, aceitando o sacrifício até ao extremo, sem pôr limites ao dom do amor e ao serviço da fé.

Detendo-se em frente dos seis altares, que recordam os cristãos vítimas da violência totalitária do comunismo, do nazismo, os que foram mortos na América, na Ásia e na Oceânia, na Espanha e no México, em África, percorremos idealmente muitas vicissitudes dolorosas do século passado. Muitos morreram no cumprimento da missão evangelizadora da Igreja: o seu sangue misturou-se com o dos cristãos autóctones aos quais foi comunicada a fé. Outros, muitas vezes em condições de minoria, foram mortos por ódio à fé. Por fim muitos foram imolados por não abandonar os necessitados, os pobres, os fiéis que lhes estavam confiados, não temendo ameaças nem perigos. São Bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, fiéis leigos. São tantos! O Servo de Deus João Paulo II, na celebração ecuménica jubilar para os novos mártires, realizada a 7 de Maio de 2000 no Coliseu, disse que estes nossos irmãos e irmãs na fé constituem como que um grande afresco da humanidade cristã do século XX, um afresco de Bem-Aventuranças, vivido até ao derramamento de sangue. E costumava repetir que o testemunho de Cristo até ao derrame de sangue fala com voz mais forte do que as divisões do passado.

É verdade: aparentemente parece que a violência, os totalitarismos, a perseguição, a brutalidade cega se revelem mais fortes, fazendo silenciar a voz das testemunhas da fé, que podem humanamente parecer derrotadas pela história. Mas Jesus ressuscitado ilumina o seu testemunho e compreendemos assim o sentido do martírio. Afirmo a propósito Tertuliano: "*Plures efficimur quoties metimur a vobis: sanguis martyrum semen christianorum*" Nós multiplicamo-nos todas as vezes que somos ceifados por vós: o sangue dos mártires é semente de novos cristãos" (*Apol.*, 50, 13; *CCL* 1, 171). Na derrota, na humilhação de quantos sofrem por causa do Evangelho, age uma força que o mundo não conhece:



"quando me sinto fraco exclama São Paulo é então que sou forte"(2 Cor 12, 10). É a força do amor, inerte e vitorioso também na derrota aparente. É a força que desafia e vence a morte.

Também este século XXI iniciou no sinal do martírio. Quando os cristãos são verdadeiramente fermento, luz e sal da terra, tornam-se também eles, como aconteceu com Jesus, objeto de perseguições; como Ele são "sinal de contradição". A convivência fraterna, o amor, a fé, as opções em favor dos mais pequeninos e pobres, que marcam a existência da Comunidade cristã, suscitam por vezes uma repulsa violenta. Como é útil então olhar para o testemunho luminoso de quem nos precedeu no sinal de uma fidelidade heróica até ao martírio! E nesta antiga basílica, graças aos cuidados da Comunidade de Santo Egídio, é conservada e venerada a memória de tantas testemunhas da fé, que foram vítimas em tempos recentes. Queridos amigos da Comunidade de Santo Egídio, olhando para estes heróis da fé, esforçai-vos também vós por imitar a coragem e a perseverança no serviço ao Evangelho, especialmente entre os pobres. Sede construtores de paz e de reconciliação entre quantos são inimigos ou se combatem. Alimentai a vossa fé com a escuta e a meditação da palavra de Deus, com a oração quotidiana, com a participação activa na Santa Missa. A amizade autêntica com Cristo será fonte do vosso amor recíproco. Amparados pelo seu Espírito, podereis contribuir para a construção de um mundo mais fraterno. A Virgem Santa, Rainha dos Mártires, vos ampare e ajude a serdes autênticas testemunhas de Cristo. Amém!



FASE MARTYRIA – 27ª SEMANA

TEMA

SANTA GIANNA BERETA MOLLA

OBJETIVO

Apresentar no matrimônio e no amor maternal uma autêntica via de santificação bem como um forte testemunho de altruísmo e sacrifício tão necessário contra as ideologias contra a vida e a feminilidade que atingem a sociedade atual.

MATERIAL

DVD "Santa Gianna Beretta Molla" (Savana Biondo)

ANEXO A CRIANÇA, SALVAI-A

METODOLOGIA

- Tendo recapitulado o objetivo do BLOCO TESTEMUNHAS DE CRISTO HOJE, apresente o tema e o objetivo dessa formação que apresentará o testemunho heroico de Santa Gianna Beretta Molla.
 - Leiam juntos o ANEXO A CRIANÇA, SALVAI-A e, só então, dê início à exibição do DVD "Santa Gianna Beretta Molla" (Savana Biondo).
 - Após o dvd, partilhem comunitariamente sobre o parágrafo do texto que trata sobre a sua coragem de seguir o Evangelho radicalmente através da sua exigência de perder a vida, dando-a pela filha:
 - *"Alguns dias antes do parto, sempre com grande confiança na Providência, demonstra-se pronta a sacrificar sua vida para salvar a do filho: "Se deveis decidir entre mim e o filho, nenhuma hesitação: escolhei – e isto o exige – a criança. Salvai-a"."*
 - Encerre a formação com um momento de oração pedindo a Jesus a graça de libertação de toda e qualquer indisposição que nos acovarde diante do Evangelho.
-



ANEXO A CRIANÇA, SALVAI-A

"Isto o exijo – a criança. Salvai-a"

Gianna Beretta Molla, o décimo segundo filho do casal Alberto Bereta e Maria de Micheli, ambos da Ordem Terceira Franciscana, nasceu em Magenta (Milão, Itália), no dia 4 de outubro de 1922, dia de São Francisco. Desde sua primeira juventude, acolhe plenamente o dom da fé e a educação cristã, recebidas de seus ótimos pais. Esta formação religiosa ensina-lhe a considerar a vida como um dom maravilhoso de Deus, a ter confiança na Providência e a estimar a necessidade e a eficácia da oração. No dia 4 de abril de 1928, com cinco anos e meio, fez a Primeira Comunhão. Desde esse dia, mesmo muito pequena, todos os dias acompanhava sua mãe à Santa Missa. Foi crismada dois anos depois na Catedral de Bérgamo.

Durante os anos de estudos e na Universidade, enquanto se dedicava diligentemente aos seus deveres, vincula sua fé com um compromisso generoso de apostolado entre os jovens da Ação Católica e de caridade para com os idosos e os necessitados nas Conferências de São Vicente. Formou-se com louvor em medicina e cirurgia em 30 de novembro de 1949 pela Universidade de Pavia (Itália), em 1950 abre seu consultório médico em Mêsero (nos arredores de Milão). Entre seus clientes, demonstra especial cuidado para as mães, crianças, idosos e pobres.

Especializou-se em Pediatria na Universidade de Milão em 1952, mas frequentou a Clínica Obstétrica Mangiagalli, pois por seu grande amor às crianças e às mães pretendia unir-se ao seu irmão, Padre Alberto, médico e missionário no Brasil que, com a ajuda do seu outro irmão engenheiro, Francesco, construíram um hospital na cidade de Grajaú, no Estado do Maranhão. A Beata Gianna, por sua saúde frágil, foi desaconselhada pelo Bispo Dom Bernareggi em vir ao Brasil.

Enquanto exercia sua profissão médica, que a considerava como uma "missão", aumenta seu generoso compromisso para com a Ação Católica, e consagra-se intensivamente em ajudar as adolescentes. Através do alpinismo e do esqui, manifesta sua grande alegria de viver e de gozar os encantos da natureza. Através da oração pessoal e da dos outros, questiona-se sobre sua vocação, considerando-a como dom de Deus. Opta pela vocação matrimonial, que a abraça com entusiasmo, assumindo total doação "para formar uma família realmente cristã".

Em 1954 conheceu o engenheiro Pietro Molla. Noivaram em 11 de abril de 1955. Prepara-se ao matrimônio com expansiva alegria e sorriso. Na basílica de São Martinho, em Magenta, casa aos 24 de setembro de 1955, tendo a cerimônia sido presidida por seu outro irmão Padre Giuseppe. Transforma-se em mulher totalmente feliz. Em novembro de 1956, já é a radiosa mãe de Pedro Luís (Pierluigi); em dezembro de 1957 de Mariolina (Maria Zita) e, em julho de 1959, de Laura. Com simplicidade e equilíbrio, harmoniza os deveres de mãe, de esposa, de médica e da grande alegria de viver.

Na quarta gravidez, aos 39 anos em setembro de 1961 no final do segundo mês de gravidez, vê-se atingida pelo sofrimento e pela dor. Aparece um fibroma no útero. Três opções lhe foram apresentadas: retirar o útero doente, o que ocasionaria a morte e da criança, abortar o feto, ou a mais arriscada, submeter-se a uma cirurgia de risco e preservar a gravidez. Antes de ser operada, embora sabendo o grave perigo de prosseguir com a gravidez, suplica ao cirurgião "Salvem a criança, pois tem o direito de viver e ser feliz!", então, entrega-se à Divina Providência e à oração. Submeteu-se à cirurgia no dia 6 de setembro de 1961. Com o feliz sucesso da cirurgia, agradece intensamente a Deus a salvação da vida do filho. Passa os sete meses que a distanciam do parto com admirável força de espírito e com a mesma dedicação de mãe e de médica. Receia e teme que seu filho possa nascer doente e suplica a Deus que isto não aconteça.

Alguns dias antes do parto, sempre com grande confiança na Providência, demonstra-se pronta a sacrificar sua vida para salvar a do filho: "Se deveis decidir entre mim e o filho, nenhuma hesitação: escolhei – e isto o exijo – a criança. Salvai-a". Deu entrada, para o parto, no hospital de Monza, na sexta-feira da Semana Santa de 1962. Na manhã do dia seguinte, 21 de abril de 1962, nasce Gianna Emanuela. Apenas teve a filha por breves instantes nos braços. Apesar dos esforços para salvar a vida de ambos, na manhã de 28 de abril, em meio a atrozes dores e após ter repetido a jaculatória "Jesus eu te amo, eu te amo" morre santamente. Tinha 39 anos. Seus funerais transformaram-se em grande manifestação popular de profunda comoção, de fé e de oração. A santa repousa no cemitério de Mêsero, distante 4 quilômetros de Magenta, nos arredores de Milão (Itália).

"Meditata immolazione" (imolação meditada), assim Paulo VI definiu o gesto da Santa Gianna recordando, no Ângelus dominical de 23 de setembro de 1973, "uma jovem mãe da Diocese de Milão que,



para dar a vida à sua filha sacrificava, com imolação meditada, a própria". É evidente, nas palavras do Santo Padre, a referência cristológica ao Calvário e à Eucaristia.

O milagre da beatificação aconteceu no Brasil, em 1977, na cidade de Grajaú, no Maranhão, naquele hospital onde queria ser missionária, onde foi beneficiada uma jovem que tinha dado à luz. Foi Beatificada pelo Papa João Paulo II, em 24 de abril de 1994 no Ano Internacional da Família, tendo sido considerada esposa amorosa, médica dedicada e mãe heroica, que renunciou à própria vida em favor da vida da filha, na ocasião da gestação e do parto. Gianna foi canonizada no dia 16 de maio de 2004 e recebeu do papa João Paulo II o título de "Mãe de Família". Na cerimônia estavam presentes o seu marido, Pietro Molla, suas filhas Gianna Emanuela e Laura, e o filho Pierluigi.



FASE MARTYRIA – 28ª SEMANA

TEMA

CHIARA LUCE BADANO

OBJETIVO

Mostrar através da vida de Chiara Luce como a enfermidade pode se tornar um caminho de santificação quando acolhido com alegria e simplicidade.

MATERIAL

Vídeo Um desígnio maravilhoso - Beata Chiara Luce Badano

<https://www.youtube.com/watch?v=SEnxxI1Vwo0>

ANEXO CHIARA LUCE BADANO

ANEXO BEM AVENTURADA CHIARA LUCE

METODOLOGIA

- Tendo apresentado o tema e o objetivo dessa formação, dê início à exibição do vídeo “Um desígnio maravilhoso - Beata Chiara Luce Badano” (<https://www.youtube.com/watch?v=SEnxxI1Vwo0>) baixado previamente no computador (lembrando que a qualidade do som também é importante, portanto, deve-se pensar previamente qual o melhor equipamento de caixas e cabos que melhor se adeque ao ambiente do grupo).
 - Após o vídeo, faça uma partilha comunitária sobre quais sentimentos e disposições o testemunho de Chiara Luce Badano despertou no coração de cada um.
 - Encerre a formação distribuindo para leitura complementar os ANEXOS indicados no item material, e fazendo uma oração recorrendo à intercessão da Beata Chiara Luce para que cresçamos na graça de aderir dócil e alegremente à providência de Deus para a nossa santificação.
-

ANEXO CHIARA LUCE BADANO

Os 18 anos de Chiara Luce Badano

06 de agosto de 2010.

A vida de Chiara Badano, que foi declarada bem-aventurada, foi um "sim" repetido a Jesus, até a doença e a morte. Apresentamos, em dois momentos, uma entrevista com seus pais, sobre os maravilhosos 18 anos vividos juntos.

Passados mais de 20 anos a lembrança de Chiara, uma jovem vivaz, alegre, esportiva, conserva-se mais viva do que nunca nos acontecimentos e episódios contados por seus pais, Maria Teresa e Ruggero Badano. Dizia a bem-aventurada Madre Teresa de Calcutá: «Se os membros da família permanecerem unidos se amarão reciprocamente como Deus os ama individualmente». Foi o que viveu Chiara, a jovem de Sassello (Ligúria – Itália) que no próximo dia 25 de setembro será proclamada bem-aventurada no Santuário do Divino Amor, em Roma. Faleceu vítima de um câncer e a sua experiência parece encontrar suas raízes no testemunho evangélico vivido, antes de tudo, no núcleo familiar.

Sabemos que vocês desejavam muito um filho. Como viveram a chegada de Chiara em sua família?

Maria Teresa Badano: «Nós nos casamos com 26 anos e o nosso maior desejo era ter filhos, mas tivemos que esperar 11 anos. Com o nascimento de Chiara foi como se tivéssemos compreendido melhor a graça do sacramento do matrimônio, porque completava a nossa união. Chiara começou a crescer, linda e sadia, e nos dava muita alegria. Mas percebemos logo que não era filha apenas nossa, era, antes de tudo, filha de Deus, e como tal a devíamos educar, respeitando a sua liberdade».

Algum fato interessante da infância de Chiara?

Maria Teresa Badano: «Um dia, voltando da escola infantil, Chiara me pediu para ficar na casa da nossa vizinha, Gianna. Depois de mais ou menos uma hora ela chegou em casa com uma linda maçã vermelha e amarela na mão. Perguntei como a tinha ganho e ela me respondeu que tinha pegado na casa da vizinha, mas pude entender que fora sem a sua permissão. Então expliquei que ela deveria devolver e pedir desculpas. Vi que ela ficou muito preocupada, estava envergonhada, mas eu prometi que a seguiria com o olhar, do terraço de casa. Então ela tomou coragem, voltou à casa da vizinha e contou o que tinha acontecido. Depois de quinze minutos Gianna lhe trouxe uma cestinha de maçãs. "Agora você pode merendar com sua mãe" – ela disse – porque hoje ela lhe ensinou uma coisa importantíssima».

Como a filha de vocês conheceu o Movimento dos Focolares?

Ruggero Badano: «Com nove anos e meio, graças a uma gen (Geração Nova, os jovens do Movimento), que se chamava Chicca. Foi um momento fundamental para a vida de Chiara. Ela pegava um ônibus em Sassello para ir a Albisola, onde a sua nova amiga morava. Os meus pais ficavam um pouco preocupados que ela fosse sozinha, mas nós tínhamos confiança. Como ainda não conhecíamos o Movimento dos Focolares quando voltava quase sempre lhe fazíamos algumas perguntas. Mas ela dava respostas vagas, se limitava a dizer que brincavam e liam o Evangelho. Mas Chiara mesma notava algo diferente na sua amizade com Chicca. Ela dizia: "Sabe mamãe, eu acho que essa minha nova amiga é diferente daquelas com quem brinco sempre aqui"».

Como era Chiara quando adolescente?

Maria Teresa Badano: «Era uma menina cheia de vida: ela gostava de rir, cantar e dançar. Era uma jovem maravilhosa. Naquela época não havia muitos divertimentos em Sassello, no verão em geral os jovens se reuniam na sorveteria. E nós gostamos de pensar em Chiara como uma pessoa esportiva por excelência, mas não no sentido competitivo.

ANEXO BEM-AVENTURADA CHIARA LUCE

29 de outubro de 1971 – 7 de outubro de 1990

Não há nada de extraordinário ou prodigioso na vida de Chiara Badano. No entanto, nesta jovem que gostava de nadar, esquiar, ouvir música e estar com os amigos, Deus esteve sempre presente.

A começar pelo nascimento, que Ruggero e Maria Teresa Badano pediram a Deus durante 11 anos e que obtiveram, surpreendentemente, no dia 29 de outubro de 1971, em Sassello, cidade do interior da Província de Savona, na Itália.

Chiara é persistente, “fora dos esquemas” e atenta aos “mais necessitados”. Em 1981, com nove anos, participa do “Familyfest”, um grande encontro do Movimento dos Focolares. É uma revelação: «Passei a ter uma nova visão do Evangelho – escreve a Chiara Lubich – agora quero fazer deste livro o único objetivo da minha vida!».

Mas ainda cedo Chiara experimenta o sofrimento. Principalmente quando, por uma incompreensão com a professora e apesar dos seus esforços, deve repetir o primeiro ano do ensino médio. É a primeira vez que ela precisa confiar a Deus não só as alegrias, mas também os sofrimentos. Escreve a uma amiga: «De imediato eu não conseguia entregar esta dor a Jesus. Precisei de um pouco de tempo para me recuperar».

Aos dezessete anos, durante uma partida de tênis, uma dor aguda no ombro leva à trágica descoberta: um tumor dos mais graves, um osteossarcoma.

Um veredito difícil de aceitar. «Por ti, Jesus. Se tu queres eu também quero! ». As terapias são dolorosas, mas a oferta é sempre decidida. E Chiara não perde nem uma ocasião para amar. «No início tínhamos a impressão de ir ao encontro dela para sustentá-la – conta um amigo seu – mas logo percebemos que entrando no seu quarto sentíamos-nos projetados na aventura maravilhosa do amor de Deus. E não é que Chiara dissesse frases extraordinárias, ou escrevesse páginas e páginas de diário. Ela simplesmente amava».

Quanto mais a doença progride mais a experiência de Chiara torna-se intensa. Chega a rejeitar a morfina porque «tira a lucidez, e a dor é a única coisa que eu posso oferecer a Jesus. É só o que me restou».

Chiara Lubich a acompanha passo a passo: «O seu semblante tão luminoso – escreve-lhe – demonstra o amor que tem por Jesus. Não tenha medo, Chiara, de dar a Ele o seu amor, momento por momento. Ele lhe dará a força, esteja certa! “Chiara Luce” é o nome que escolhi para você; gosta dele?». (Chiara Luce = Clara Luz, ndt.).

No dia 7 de outubro de 1990 Chiara Luce deixa este mundo. Um último sorriso ao pai, Ruggero, e depois uma palavra à mãe, Maria Teresa: «Mamãe, seja feliz, porque eu o sou!». Uma grande multidão participa do funeral, e, como ela mesma havia pedido, Chiara é sepultada com um vestido branco, «como uma esposa que vai encontrar Jesus».

«Os jovens são o futuro. Eu não posso mais correr, mas quero passar a tocha para eles, como nas olimpíadas. Os jovens têm uma única vida e vale a pena usá-la bem! », ela havia dito pouco antes de morrer. Os 25 mil jovens presentes na cerimônia de sua beatificação, dia 25 de setembro de 2010, demonstram que, com a sua vida, Chiara Luce Badano testemunhou um modelo de santidade que todos podem viver.

Entrevista com sua mãe, Maria Teresa Badano:

Antes da sua doença ela viveu algum momento difícil, na adolescência?

Maria Teresa Badano: «Diria que sim. O início da escola média foi um momento de desorientação para Chiara. Primeiramente porque tínhamos nos mudado de Sassello para Savona. Muitas vezes ela dizia: “Mas mamãe, muitos estudantes viajam de ônibus. Por que temos que ir morar em Savona?”. A isso se acrescentou a incompreensão de um professor. Ele se comportava assim quase com toda a classe, mas com Chiara a situação era um pouco mais pesada. Ela procurava estudar, dava tudo de si, não com o objetivo de ser a primeira da turma, mas para poder dizer, diante de Deus: faço toda a minha parte. De fato, esse foi o seu primeiro grande sofrimento».



Como Chiara percebeu que a doença estava chegando e como a viveu?

Maria Teresa Badano: «Com 17 anos, enquanto jogava tênis. Eu vi que ela voltou para casa pálida. “Senti uma dor muito forte no ombro – ela me disse – tão forte que a raquete caiu da minha mão”. Um médico de Sassello, primo de Ruggero, nos sugeriu que a levássemos a Santa Corona. Lá recebeu os raios infravermelhos e nos garantiram que se tratava de uma distensão, que teria sarado em vinte dias, imobilizando. Mas a dor continuou, Chiara começou a fazer infiltrações nas costas, mas sem nenhuma melhora. Não ia mais jogar e mesmo quando podia ir dar um passeio com as amigas preferia ficar deitada no sofá. Durante as férias de Natal ela decidiu ligar pessoalmente para o médico e pedir para fazer outros exames. No dia seguinte já estava no hospital e se dedicava às pessoas que estavam perto dela. De modo especial a uma jovem, no quarto ao lado, que devia desintoxicar-se das drogas. Chiara lavava os cabelos dela e sempre lhe fazia companhia. Vendo que estava se cansando nós lhe pedimos que se resguardasse, mas ela nos calou com um seco: “vou ter tempo para descansar”. Com uma TAC (tomografia axial computadorizada, ndr) soubemos o que ela tinha: um osteosarcoma. Naquele momento tive a impressão de morrer. Nós nos abraçamos, eu e Ruggero, e nos dissemos: “Somente Jesus pode nos ajudar a dar o nosso sim” e pedimos, com força, que Maria tomasse as mãos de Chiara nesse novo caminho.

Em pouco tempo nos transferimos para Rovegliasco, próximo a Turim, porque ela devia começar a quimioterapia. Naquele dia eu não podia acompanhá-la, porque estava com flebite e o médico tinha me proibido qualquer movimento. Depois de duas horas intermináveis Ruggero e Chiara voltaram. Ela vinha na frente, caminhando lentamente, vestida com a sua jaqueta verde. Tinha o rosto sombrio e olhava para o chão. Perguntei como tinha sido e ela, sem me olhar, respondeu: “não diga nada agora”, e se jogou na cama com os olhos fechados. Aquele silêncio era terrível, mas eu tinha que respeitá-lo. Eu olhava para ela e pela expressão de seu rosto via toda a luta que estava travando interiormente para dizer o seu ‘sim’ a Jesus. Passaram 25 minutos. De repente ela se girou na minha direção, com o sorriso de sempre, dizendo: “Agora você pode falar”. Naquele momento eu me perguntei quantas vezes ela iria ter que repetir o seu sim, no sofrimento. Mas Chiara precisou, como eu já disse, 25 minutos, e desde então nunca mais voltou atrás».

«Estava se aproximando o seu aniversário de 18 anos. Ela mesma telefonou ao doutor Madon pedindo que se interrompesse a quimioterapia, porque já não surtia nenhum efeito. A partir daquele momento começou a sua corrida para o seu Esposo, Jesus, e ela nos dava também alguns encargos, como o de preparar a sua “festa de núpcias”. Era uma coisa linda, porque ela estava alegre... uma verdadeira maravilha».

A última saudação de Chiara, antes de ir para o Céu.

Maria Teresa Badano: «As suas últimas palavras – que não foram o seu último ato de amor, porque este foi a doação das suas córneas a dois jovens – quando se despediu, foram: “Tchau mamãe! Esteja feliz, porque eu estou feliz”.



FASE MARTYRIA – 29ª SEMANA

TEMA

BEM-AVENTURADO PIER GIORGIO FRASSATI

OBJETIVO

Mostrar como um jovem comum pode, em meio às suas atividades, responder ao chamado à santidade no serviço aos mais necessitados, e também mostrar as amizades como um grande bem no caminho de santificação de todo ser humano.

MATERIAL

Vídeo "Frassati" <https://www.youtube.com/watch?v=PvkRYAVsHFc>

ANEXO BIOGRAFIA PIER GIORGIO FRASSATI

ANEXO FRASES DE E SOBRE PIER GIORGIO FRASSATI

METODOLOGIA

- Recapitule o objetivo do BLOCO e faça uma breve partilha inicial sobre os frutos gerados até aqui com as diferentes experiências de martírio dos santos destacados nas semanas anteriores.
- Apresente o tema e o objetivo da formação indicada para este dia e dê início à exibição do vídeo "Frassati" (<https://www.youtube.com/watch?v=PvkRYAVsHFc>). Esteja atento à qualidade do som, verificando previamente qual o melhor equipamento de caixas e cabos que melhor se adequa ao ambiente do grupo.
- Após o vídeo, divida o grupo em 2 equipes, distribua o anexo BIOGRAFIA PIER GIORGIO FRASSATI e FRASES DE E SOBRE PIER GIORGIO FRASSATI para cada um, separadamente. As equipes devem partilhar nos seus grupos sobre a experiência de ALEGRIA DE SER CRISTÃO CATÓLICO e AMOR AOS POBRES. Assim:

Equipe 1: ANEXO BIOGRAFIA PIER GIORGIO FRASSATI – Alegria de ser cristão católico

Equipe 2: ANEXO FRASES DE E SOBRE PIER GIORGIO FRASSATI – Amor aos pobres

- Cada equipe deve apresentar a experiência de Pier Giorgio Frassati que coube ao seu grupo partilhar à luz do seu anexo. Caso alguma outra experiência de Pier Giorgio Frassati tenha se destacado na partilha do grupo, a mesma também poderá ser apresentada.
 - Encerre a formação, rezando com todos a oração de intercessão de Pier Giorgio Frassati e a oração pela sua canonização, presentes no final do anexo BIOGRAFIA PIER GIORGIO FRASSATI.
-
-



ANEXO BIOGRAFIA PIER GIORGIO FRASSATI

“Os que pensam que os santos são pessoas tímidas e solitárias, que desprezam esta vida só pensando na outra, ficarão surpreendidos diante da figura do beato Pedro Jorge Frassati.

Verdadeiro brincalhão, apelidado de “Robespierre” por seus amigos, com quem formou a associação denominada “Tipi Loschi”, os tipos de arruaceiros. Frassati foi um amigo dos pobres e via neles o Cristo. São especialmente os jovens, que, em sua busca por um modelo, encontram alguém com quem se identificar. Pedro Jorge fez de sua curta vida uma “aventura maravilhosa”.

Pedro Jorge Frassati nasceu em Turim, Itália, em 6 de abril de 1901. Sua mãe, Adelaide Ametis, era pintora. Seu pai, Alfredo, agnóstico, foi fundador e diretor do jornal liberal “La Stampa”. Homem influente entre os políticos italianos, desempenhou também os cargos de Senador e Embaixador da Itália na Alemanha.

Pedro Jorge estudou em casa antes de ingressar em uma escola estatal junto com sua irmã Luciana, posteriormente frequentou uma escola dirigida por jesuítas. Ali se associou à Congregação Mariana e ao Apostolado de Oração, chegando a comungar diariamente.

Pedro Jorge desenvolveu uma profunda vida espiritual que nunca deixou de compartilhar com seus amigos. A Santa Eucaristia e a Virgem Maria foram pólos de seu mundo de oração. Aos 17 anos de idade, em 1918, ingressou na Sociedade São Vicente de Paulo e dedicou a maior parte de seu tempo livre ao serviço dos doentes e necessitados, cuidando dos órfãos e dos soldados da primeira guerra mundial que voltavam para suas casas. Decidiu se graduar em engenharia mineral na Universidade Politécnica de Turim, com a finalidade de “servir melhor a Cristo entre os mineiros”, como expressou a um amigo.

Mesmo seus estudos, que considerava sua prioridade, não o apartaram da sua inflamada atividade social e política. 1919 se associou à Federação de Estudantes Católicos e à Ação Católica. Diferenciando-se das idéias políticas de seu pai, chegou a ser membro verdadeiramente ativo do Partido Popular, que promoveu os ensinamentos da Igreja Católica embasados nos princípios da “*Rerum Novarum*”. Também concebeu a ideia de unir a Federação de Estudantes Católicos à Organização Católica de Trabalhadores. “A caridade não basta: necessitamos de uma reforma social”, costuma dizer trabalhando para ambas.

Os pobres e os sofredores eram seus donos e ele foi para eles um verdadeiro servo, vivendo essa ocupação como um privilégio. Em Pedro Jorge, a caridade não consistia só em entregar algo para os demais, mas, antes em se entregar a si mesmo por inteiro. Essa caridade se sustentava diariamente com Jesus Cristo Eucaristia, com a frequente adoração noturna, com a meditação do hino da caridade de São Paulo e com férias na casa de verão da família Frassati, no vilarejo de Pollone, já que “*Se todos saem de Turim, quem vai se encarregar dos pobres?*”.

Pedro Jorge era um entusiasta esportista: um dos seus esportes favoritos o alpinismo.

As excursões que organizava com seus amigos, os “Tipi Loschi”, eram para ele uma ocasião concreta de apostolado.

Costumava ir ao teatro, à ópera e aos museus: amava a arte, a música e proclamava versos inteiros de Dante. Os veementes sermões de Savaranola e os escritos de Santa Catarina de Sena o impulsionaram a ingressar em 1922 na Terceira Ordem Dominicana. Quis se chamar Jerônimo, como o missionário dominicano e reformador do Renascimento florentino, Jerônimo Savanarola. “Sou um fervoroso admirador desse frei, que morreu como santo na fogueira” escreveu um dia a um amigo.

Tal qual seu pai, foi um vigoroso antifascista e nunca escondeu suas idéias políticas. A princípio se viu envolto em disputas contra os anticlericais, comunistas primeiro e fascista depois. Ao participar de uma demonstração organizada pela Igreja em Roma, sofreu a violência e foi preso pela polícia.

“Em Pier Giorgio vemos o homem das oito bem-aventuranças, que traz consigo a graça do Evangelho, da alegria da salvação oferecida pelo Cristo”. João Paulo II.

Seu funeral foi um triunfo, as ruas da cidade se encheram de gente que chorava sem consolo e que sua família não conhecia: eram os pobres e necessitados que ele havia atendido sem desânimo durante sete anos; muitos deles ficaram surpreendidos ao se inteirarem de que o jovem que conheciam pertencia a uma família tão poderosa. Numerosos peregrinos, em especial jovens estudantes, vão ao túmulo de Pedro Jorge para solicitar favores e coragem para seguir seu exemplo. Em 1982, como última etapa do Processo Apostólico, foram exumados seus restos mortais, encontrando-se o corpo de Pedro Jorge intacto, com um sorriso iluminado.

O Papa João Paulo II, depois de ter visitado seu túmulo em Pollone, em 1989 disse: “*Quero render homenagem a um jovem que soube ser testemunho de Cristo com singular eficácia no nosso século. Eu também conheci, na minha juventude, a benéfica influência de seu exemplo cristão*”.



Em 20 de maio de 1990, na Praça de São Pedro, diante de dezenas de milhares de fiéis, o Papa João Paulo II beatificou Pedro Jorge Frassati, considerando-o como “*O Homem das oito Bem-Aventuranças*”. Seus restos mortais foram trasladados do túmulo da família Frassati em Pollone para Catedral de Turim.

Retirado do folhetim entregue aos jovens reunidos na Jornada Mundial da Juventude em Sidney, Austrália, no ano de 2008. O mesmo possuía autorização da Associazione Pier Giorgio Frassati

Oração a Deus, com a intercessão do Bem-aventurado Pier Giorgio Frassati

Pai Celeste, nós vos agradecemos pela vida do Bem-aventurado Pedro Jorge Frassati, cujo zelo pela vida e o comprometimento à sua fé estavam unidos ao amor pelos pobres, doentes e necessitados. Que nós possamos imitar esta caridade alimentada pelo seu amor à Eucaristia, devoção à Nossa Santa Mãe e uma confiança inabalável em Vós, Pai.

Graças a seu testemunho comprometido de alegria e verdade; e fortalecido pelo Espírito Santo, Pedro Jorge viveu a vida como maravilhosa aventura provando que a santidade é possível a todos. Que nós possamos também, através de suas orações e testemunho do Evangelho, viver uma vida que alcance o alto! Nós vos pedimos por Cristo, nosso Senhor, Amem.

Bem-aventurado Pedro Jorge Frassati, rogai por nós.

Oração pela Canonização de Pier Giorgio Frassati

“Ó Deus misericordioso, que em meio aos perigos do mundo conseguistes preservar por Vossa graça o Vosso servo Pedro Jorge Frassati puro de coração e ardoroso na caridade, escutai, nós Vos pedimos, às nossas orações e, se for de Vossa vontade que ele seja glorificado pela Igreja, mostre-nos o Vosso querer, nos dando as graças que Vos pedimos, por sua intercessão. Pelos méritos de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.” (1932 Dom Maurillo, Arcebispo de Turim)



ANEXO FRASES DE E SOBRE PIER GIORGIO FRASSATI

"Jesus vem a mim a cada manhã na Santa Comunhão e eu O retribuo de uma maneira pequena visitando os pobres"(disse Pedro Jorge a um amigo)

"Ele testemunha que a santidade é possível para todos...Esforçai-vos para conhecê-lo! Eu confio vosso compromisso missionário a ele" (João Paulo II)

"Se meus estudos permitirem, quero passar dias inteiros nas montanhas, contemplando naquele ar puro a grandiosidade do Criador" (carta a Marco Beltramo, 6 de agosto de 1923)

"Impressionada, as pessoas viam esse jovem nas ruas de Turim ajudando os pobres a procurar uma casa; puxando carroças cheias com seus pertences".

Quando um amigo o perguntou como ele podia aguentar os odores e a sujeira das favelas, ele respondeu: *"Nunca esqueça que mesmo sendo a casa miserável, você está se aproximando de Cristo. Em meio aos doentes e desafortunados, vejo uma luz peculiar, uma luz que não temos."*

"Viver sem uma fé, sem um patrimônio para defender, sem um esforço constante, pela verdade, não é viver mas somente existir."(Carta a I. Bonini, 27 de fevereiro de 1925)

"Não são aqueles que sofrem violências que devem temer, mas aqueles que as praticam. Quando Deus está convosco, nós não precisamos ter medo."

"A fé dada a mim no batismo me sugere com uma voz segura: Por suas próprias forças, você nunca fará nada, mas se você tiver Deus como centro de suas ações, então sim, você alcançará o objetivo." (Carta a I. Bonini,, 15 de janeiro de 1925)

"Na oração a alma se eleva acima da tristeza da vida." (Uma dedicação em um livro dado por Pedro Jorge a um amigo)

"Quanto mais alto formos, melhor nós ouviremos a voz de Cristo."

"Nós costumávamos visitar os leprosos do Hospital de São Lázaro – nos deparamos com um jovem, 20 anos, cuja face estava destruída pela lepra...temos o dever de colocar nossa saúde a serviços daqueles que não a tem; pois agir de outra forma seria trair o dom de Deus e de Sua bondade." (T. Vigna, amiga de Pedro Jorge)

"Eu não hesitaria em dizer que o segredo da perfeição espiritual de Pedro Jorge deve ser encontrado em sua devoção a Maria...Nunca se passou um dia sem que ele estivesse aos pés de sua Mãe celestial com seu terço, sua oração favorita, entrelaçado em seus dedos..."(Marco Beltramo, amigo de Pedro Jorge)

"Eu suplico a vocês com toda a força da minha alma que se aproximem da Mesa Eucarística tanto quanto possível" (Aos jovens católicos de Pollone, 1923)

"Eu também amei assim" (Pedro Jorge sofreu por não ter conseguido concretizar seu amor por uma garota em particular e teve que entregar isso a Deus)

"E peço que reze para que Deus me dê a força cristã para suportar tudo isso serenamente e que Ele a dê toda alegria terrena e a força para finalmente alcançar o fim para o qual fomos criados."(De uma carta a I. Bonini, 28 de dezembro de 1924)

"Na vida terrena, depois dos pais e das irmãs, uma das mais bonitas formas de afeição é a amizade." (Carta a I. Bonini, 10 de abril de 1925)



"Você me pergunta se eu sou feliz. Como não poderia ser, enquanto minha fé me der força...pois o sofrimento é algo bem diferente da tristeza, que é a pior doença de todas. É quase sempre causada pela falta de fé". (Carta à sua irmã Luciana, 14 de fevereiro de 1925)

"Verso l'alto" – "Em direção ao alto" (frase profeticamente escrita por Pedro Jorge atrás de uma foto poucas semanas antes de morrer. Esse tornou seu lema.)

"A glória de Deus é o homem completamente vivo" (Santo Irineu. Adv. Haeres 4, 20)

Luciana Frassati se recorda que, nas últimas horas de sua vida, Pedro Jorge *"mal conseguia falar, mas um traço de vida permanecia em seus olhos, que estavam fixos na face de Nossa Senhora."*

"O dia de minha morte será o dia mais bonito da minha vida." (Falado rotineiramente por Pedro Jorge)

"O melhor homem do mundo está morto" (do diário de Alberto Falcheti um membro italiano do parlamento quando Pedro Jorge morreu)

"Oração e contemplação, silêncio e recepção dos sacramentos deram o tom e a substância para seus variados apostolados; e sua vida, animada pelo espírito de Deus, é transformada em uma aventura maravilhosa." (Papa João Paulo II – Roma, 20 de maio de 1990).

(Fonte: Site <http://gpggiorgiofrassati.blogspot.com.br> - quinta-feira, 10 de fevereiro de 2011)



FASE MARTYRIA – 30ª SEMANA

TEMA

SÃO GIUSEPPE MOSCATI

OBJETIVO

Apresentar a profissão como um meio de santificação quando este é vivido por amor a Deus e serviço ao próximo.

MATERIAL

ANEXO O SANTO MÉDICO JOSÉ MOSCATI

METODOLOGIA

- Inicie a formação de hoje com uma partilha comunitária sobre outros santos que não tem aparecido na grade de formação, mas que representam facilmente o objetivo do bloco. Deixe que eles falem abertamente de santos que eles conheçam ou que sejam de sua devoção e que tenham relação com o que estamos aprofundando nas últimas semanas.
- Apresente, então, o tema e o objetivo da formação de hoje, distribuindo o anexo O SANTO MÉDICO JOSÉ MOSCATI e, com leitura em pequenos grupos de 3, façam a seguinte partilha:

Vejo e acolho a minha profissão como uma via de santificação?

O que posso fazer no meu ambiente de trabalho para dar testemunho de Cristo?

O Evangelho está acima da remuneração na minha profissão?

- Em plenário, à luz do anexo sobre o testemunho de São José Moscati, partilhem sobre os dons profissionais presentes no grupo como instrumentos de evangelização.
 - Finalize a formação com uma oração de encerramento agradecendo os talentos recebidos de Deus e suplicando a intercessão de São José Moscati para dar testemunho do Evangelho através da nossa vida profissional.
-

ANEXO O SANTO MÉDICO JOSÉ MOSCATI

José Moscati, o médico santo

Giuseppe Moscati foi um leigo, médico, professor universitário, pesquisador, que se tornou santo através do exercício mesmo da sua profissão. Via os pacientes como irmãos que dele esperavam não somente o alívio do corpo, mas também o incentivo espiritual. Dedicava-se-lhes nos Hospitais e em seu consultório, procurando estar sempre em dia com a ciência a fim de melhor servir aos enfermos. Desprezado de bens materiais e de seus interesses particulares, não raro dava também dinheiro aos clientes mais necessitados, de modo que morreu pobre. Deixou notas pessoais e cartas várias, que revelam o segredo de sua nobreza de caráter ou a sua profunda vida de oração e união com Deus.

Beatificado por Paulo VI em 16/11/1975, foi canonizado em 25/10/1987, por ocasião do Sínodo Mundial dos Bispos referente aos Leigos. São José Moscati é um testemunho de como, no mundo de hoje e no exercício de uma profissão de grande relevo, pode o cristão santificar-se, tornando-se herói de virtudes, que em vida valeram a Moscati o título de "Médico santo".

A vida dos Santos é sempre um sinal que fala eloquentemente à humanidade, pois eles traduzem em termos concretos e vivenciais o que os livros apresentam em teoria; assim mostram que os mais belos ideais são viáveis e encontram, mesmo em época de materialismo, quem os ponha em prática com a graça do Senhor Jesus. Por isto os mestres de espiritualidade recomendam a todos os cristãos que periodicamente se voltem para a figura dos Santos, a fim de aprender deles, de modo vivencial, a arte da perfeição espiritual (que é também a plena humanização do indivíduo). Cada Santo tem suas peculiaridades, evidenciando que, com qualquer temperamento e em qualquer vocação dados por Deus, a pessoa pode chegar à plenitude das suas virtualidades; na verdade, ninguém é chamado ao meio-termo ou à mediocridade.

Tal foi o caso, entre outros, de Giuseppe Moscati (1880-1927), médico, professor universitário e pesquisador, que o Papa Paulo VI proclamou Bem-aventurado aos 16/11/1975 e João Paulo II canonizou aos 25/10/1987 (durante o Sínodo Mundial dos Bispos que tratava dos Leigos na Igreja). Segue um perfil da vida e da personalidade deste Santo.

1. Dados biográficos

Giuseppe Moscati, nasceu aos 25/07/1880 em Benevento (Itália), de família íntegra; o pai, Francesco Moscati, era jurista, que chegou a ser Presidente do tribunal de Benevento e Conselheiro do Tribunal de Recursos de Nápoles. A Sra. Rosa De Luca Moscati era, no dizer do filho Giuseppe, a mulher forte de que fala a S. Escritura em Provérbios 31,10-31.

Desde 1884 a família morou em Nápoles, onde também Giuseppe viveu e morreu. Fez os estudos de Humanidades em Nápoles, onde entrou para a Faculdade de Medicina em outubro de 1897, com dezessete anos de idade.

Dedicou-se ardorosamente ao estudo e à prática da Medicina, procurando sempre atualizar os seus conhecimentos. Conseguiu o Doutorado em Medicina aos 4/08/1903. Poucos meses depois, prestou concurso para trabalhar nos Hospitais de Nápoles; já o seu saber científico surpreendia os examinadores.

Em 1908 foi nomeado Assistente Ordinário no Instituto de Química Fisiológica. Conseguiu a Livre Docência desta matéria em 1911, e a de Clínica Médica Geral em 1921. Em 1919 foi promovido a Diretor de Sala nos Hospitais Reunidos de Nápoles.

Dedicou-se à pesquisa, em laboratório, sobre a ação dos amidos e da glicose no organismo humano. Publicou os resultados destes estudos em cerca de trinta relatórios e comunicações editados na Itália e no estrangeiro. Estes trabalhos o tornaram famoso e estimado tanto na sua pátria como fora desta. A convite do Governo italiano, viajou para diversos países da Europa a fim de participar de Congressos: em 1911, por exemplo, esteve em Viena (Áustria) como membro do Congresso Internacional de Fisiologia; em 1923, foi a Edimburgo (Escócia), tomando parte no Congresso Internacional de Fisiopatologia.

Morreu com a fama de sábio e santo aos 12/04/1927. Com efeito; aos 12 de abril de 1927, após a S. Missa e a Comunhão, o Prof. Moscati voltou à casa e preparou-se para seguir para o Hospital. Depois de fatigosa manhã de trabalho, dispôs-se a enfrentar a habitual fila de clientes em seu ambulatório. Mas às 15 horas retirou-se para um quarto, dizendo: "Estou-me sentindo mal". Sentou-se numa poltrona, cruzou os braços sobre o peito, reclinou a cabeça, e, sem uma palavra, expirou. Tinha 47 anos de idade.

2. A figura do médico

Giuseppe Moscati era um apaixonado da Medicina; para ele, o contato diário com os doentes era uma necessidade. Logo que se formou, começou a servir no Hospital dos Incuráveis, que ele não deixou de frequentar até o fim da sua vida. Em suas notas pessoais, encontra-se o seguinte depoimento:

"Quando rapaz, eu olhava com interesse para o Hospital dos Incuráveis, que meu pai apontava à distância, ou seja, do terraço de casa; isto me inspirava sentimentos de compaixão pela indizível dor dos enfermos, que naquele recinto procuravam alívio. Uma salutar perturbação me acometia e eu começava a pensar na caducidade de todas as coisas e as ilusões se dissipavam, como caíam as flores dos laranjais que me cercavam".

Como às flores sucedem os frutos, assim também na vida de Moscati a perda de ilusões levou-o a um empenho realista e fecundo em favor dos seus irmãos sofredores. O papel do médico, Moscati o descreveu em carta dirigida a um seu aluno recém-formado:

"Lembra-te de que, segundo a Medicina, assumiste a responsabilidade de uma sublime missão. Persevera, com Deus no coração..., com amor e compaixão para com os que são abandonados, com fé e entusiasmo, surdo aos louvores e às críticas, insensíveis à inveja, disposto unicamente à prática do bem".

Vê-se que Moscati considerava o exercício da sua profissão como a resposta a uma vocação; ele queria dedicar-se a esta com fé e amor, inspirado pelas mais puras intenções. Passava longas horas do dia e da noite no laboratório para descobrir as causas das doenças e definir os respectivos remédios; queria assim servir... e servir do melhor modo possível. A sua vida tornou-se uma resposta a Deus, que o colocou no mundo para agir segundo os planos do Criador; era também uma resposta às necessidades e aos sofrimentos dos homens. Assim escreveu ele num pedaço de papel encontrado entre outros documentos:

"Seja dor considerada não como uma oscilação ou uma contração muscular, e sim como o grito de uma alma, de um irmão, ao qual outro irmão, o médico acode com o calor do amor ou a caridade".

Em carta escrita a um médico, seu ex-aluno, pode-se ler:

"Recorda-te de que te deves ocupar não apenas com o corpo, mas também com as almas".

Com estas palavras, Moscati revelava seu zelo pela pessoa do enfermo, que frequentemente deseja encontrar no médico mais do que um profissional ou um técnico, e sim também um estímulo e reconforto. É o que aparece em outro escrito de Moscati:

"O médico acha-se em posição privilegiada, pois frequentemente está diante de pessoas que, apesar dos seus erros passados, estão dispostos a voltar aos bons princípios herdados de seus antepassados; estão ansiosas por encontrar apoio premidas pela dor. Feliz o médico que sabe compreender o mistério desses corações e inflamá-los novamente!"

"Felizes nós, médicos, muitas vezes incapazes de debelar uma doença! Felizes nós, se nos lembramos de que, além dos corpos, temo diante de nós almas imortais... em relação às quais urge o preceito evangélico de amá-las como a nós mesmos".

"Os doentes são a imagem de Jesus Cristo e aos atribulados são os diletos e preferidos de Deus".

O seu amor pelos doentes não lhe deixava tréguas: durante o dia estava nos Hospitais, na cátedra universitária, em visita aos doentes, especialmente aos mais miseráveis; e de noite dedicava bom espaço de tempo ao estudo, a fim de sempre oferecer aos pacientes e alunos o melhor que pudesse saber e adquirir. Mesmo durante o dia, quando o Prof. Moscati voltava dos Hospitais para casa, encontrava a sua residência cheia de pacientes à espera.

3. O homem de Deus

Tal dedicação não era interesseira. Muito pelo contrário. Praticava o desapego dos bens materiais. Quando julgava os emolumentos elevados demais, restituía a metade, ou mais do que isto, aos seus clientes. Do mais necessitados não cobrava honorários, dizendo que o importante era curá-los. Na sala de espera do seu consultório havia um cesto onde os clientes podiam depositar o preço da consulta. Certo dia, pouco após a guerra de 1914-18, apareceu-lhe um homem que estivera na frente de batalha. Após o atendimento, perguntou o paciente ao médico: "Quanto lhe devo, professor?" O doutor sorriu: "Pensa, antes do mais, em ficar bom. Se podes, coloca no cesto o que queres, mas, se precisas, tira aquilo que te é necessário". Não raro era Moscati quem pagava aos seus doentes: alguns destes encontravam uma



quantia em notas debaixo do travesseiro; outros, dentro do envelope portador da receita... Era um proverbial as suas iniciativas neste particular, de modo que Moscati morreu pobre.

Os seus costumes irrepreensíveis e a sua piedade valiam-lhe zombarias de muitos, que o acusavam de louco de “maníaco religioso”, pois não o podiam atacar no plano científico e profissional. Moscati não fazia caso disso. Encontra-se mesmo em suas Notas particulares a seguinte norma:

“Ama a Verdade. Mostra-te como és, sem disfarces e sem fingimento. E, se a Verdade te custar a perseguição, aceita-a; e, se te acarretar tormentos suporta-os. E, se por causa da Verdade tivesses que sacrificar a ti e a tua vida, sê forte no sacrifício” (17/10/1922).

Moscati conhecia as intrigas, as rivalidades, os comprometimentos usuais entre colegas para chegar a posições vantajosas na carreira médica. Lutou, porém, para acabar com práticas e costumes pouco honestos nos Hospitais, não somente porque degradam a figura do médico, mas também porque prejudicam a formação dos estudantes, futuros médicos, e causam danos aos próprios pacientes. Combatia, pois, o nepotismo, o protecionismo e o favoritismo nos concursos e nas promoções de carreira, que muitas vezes redundam em baixa de nível profissional e, indiretamente, em detrimento dos enfermos.

A essa retidão de costumes o médico e professor sabia associar profunda humildade; dizia que “o Senhor lhe concedera a graça de compreender que Ele é tudo e eu nada sou”. Tinha consciência de sua absoluta dependência em relação ao Senhor da vida.

O segredo dessa nobreza de caráter era a vida interior ou a união com Deus cultivadas por Moscati. Começava o dia dirigindo-se, muito cedo, à igreja de Gesù Nuovo, onde recebia a S. Eucaristia. As suas Notas pessoais revelam que ele sabia falar a Cristo com a simplicidade de uma criança, exprimindo-lhe quanto experimentava em sua alma. Quando tinha um pouco de lazer, passava muito tempo na igreja em oração e adoração.

Como se vê, Giuseppe Moscati abraçou, à luz da fé, “a sublime profissão de médico”, que ele considerava um serviço de amor apostólico e um culto prestado a Deus na pessoa dos irmãos sofredores. Durante a sua breve existência terrestre, cuidou de milhares de pessoas, para as quais foi instrumento de recuperação da saúde; os seus contemporâneos pareciam entrever em sua pessoa e em seu modo de agir um aceno à bondade do próprio Deus. Daí a palavra que de boca se propagava, quando faleceu aos 47 anos de idade: “Morreu o professor santo!”

Leigo médico, cientista e santo. Estas palavras resumem uma existência, delineiam um ideal e abrem um caminho, suscitando a imitação de quantos se achem hoje em circunstâncias de vida semelhantes.

A propósito pode-se consultar o artigo “II Médico Santo: Giuseppe Moscati”, de Paolo Molinari S. J. em “La Civiltà Cattolica” n.º 3297, 07/11/87, pp. 236-248. Destas páginas foram transcritos os textos de Moscati citados; nas mesmas é indicada ampla bibliografia.

(Revista PERGUNTE E RESPONDEREMOS, D. Estevão Bettencourt, osb, Nº 315 – Ano 1988 – p. 377)



FASE MARTYRIA – 31ª SEMANA

TEMA

JACQUES FESCH, O ASSASSINO QUE SE TORNOU SANTO

OBJETIVO

Apresentar como Deus pode suscitar a santidade nas mais diversas ocasiões, que até mesmo nas situações de pecado e trevas a graça pode tudo transformar. Despertar a confiança na ação da graça que capaz de santificar qualquer pecador.

MATERIAL

DVD "Daqui a 5 horas verei Jesus – Jaques Fesch" (Meyr Andrade)

METODOLOGIA

- A oração inicial do grupo hoje deve ser com a música "Confio em Ti" (cd Desperta de Davidson Silva), que trata exatamente da experiência vivida pelo jovem que conheceremos hoje, que está em vias de beatificação.
- Depois de rezar longamente com essa canção, apresente o tema e o objetivo da formação de hoje e dê início à exibição do dvd "Daqui a 5 horas verei Jesus – Jaques Fesch" (Meyr Andrade).
- Em seguida, partilhem comunitariamente sobre a frase abaixo:

"Todo santo tem um passado e todo pecador tem um futuro." (Papa Francisco)

- Após largo tempo para partilhas, encerre a formação cantando e rezando novamente com a canção inicial que traz o poema de Santa Teresinha do Menino Jesus e pedindo sua intercessão para confiarmos cega e absolutamente na misericórdia divina.
-



FASE MARTYRIA – 32ª SEMANA

TEMA

CARDEAL FRANÇOIS-XAVIER NGUYÊN VAN THUÂN

OBJETIVO

Encontrar na vivência da fé a razão de uma viva esperança mesmo nas situações mais desfavoráveis, esperança que é capaz de contagiar

MATERIAL

ANEXO UM SINAL DE ESPERANÇA

METODOLOGIA

Recapitule os santos das semanas anteriores e faça uma partilha inicial sobre como o testemunho deles tem ajudado num amor mais concreto à Jesus no dia-a-dia dos membros do grupo.

Tendo apresentado de forma clara e comentada o tema o objetivo da formação para este dia, distribua o anexo UM SINAL DE ESPERANÇA para cada membro e leiam comunitariamente o seu testemunho nessa pequena biografia.

ANEXO UM SINAL DE ESPERANÇA

O Cardeal François Xavier Nguyen Van Thuan nasceu em 17 de abril de 1928, em Huê, no Vietnã. Descende de uma família na qual existem vários mártires: em 1885 todos os habitantes do vilarejo de sua mãe foram brutalmente martirizados na Igreja paroquial, exceto seu avô, que naquele tempo estudava na Malásia. Os seus antepassados foram vítimas de muitas perseguições, entre 1698 e 1885. O seu bisavô paterno, junto com os outros familiares, foi forçadamente adotado por uma família não-cristã, para que perdessem sua fé. E contavam este fato ao jovem Van Thuan. Narravam-lhe que cada dia, na idade de 15 anos, caminhava a pé 30 quilômetros para levar a seu pai – preso porque era cristão – um pouco de arroz e um pouco de sal.

Sua avó, cada tarde, depois da oração em família, recitava também o rosário pelos sacerdotes. Não sabia ler nem escrever. Sua mãe Elisabeth o educou na fé cristã desde quando era bem pequeno. Cada tarde lhe ensinava as histórias da Bíblia e lhe contava os testemunhos dos mártires, especialmente dos seus antepassados. Falava-lhe muito de Santa Teresinha do Menino Jesus, pela qual ele sempre teve especial devoção. Quando o filho foi preso, sua mãe continuava a rezar para que permanecesse fiel à fé da Igreja, pronto para cumprir a vontade de Deus, perdendo aos seus algozes.

Foi ordenado sacerdote em 11 de junho de 1953. Terminou seus estudos em Roma, doutorando-se em Direito Canônico em 1959. Depois de doutorar-se, retornou ao Vietnã como professor e, depois, Reitor do seminário e Vigário Geral. Em 13 de abril de 1967, foi nomeado Bispo de Nha Trang, e sagrado em 24 de junho do mesmo ano. O seu empenho em Nha Trang foi muito intenso. Os seminaristas maiores passaram de 42 a 147 em 8 anos. Os menores passaram de 200 a 500. Assim, quando os comunistas proibiram o ingresso de novos seminaristas, a Diocese já estava provida de um considerável número de seminaristas. Merece destaque também sua dedicação para reforçar a presença dos leigos, dos jovens, dos conselhos pastorais.

Depois, foi nomeado pelo papa Paulo VI, Arcebispo Titular de Vadesi e Coadjutor de Saigon, em 24 de abril de 1975. O seu lema episcopal é "Gaudium et spes". O seu programa pastoral resumia-se em: "A Igreja no mundo contemporâneo". Pouco tempo depois, com a chegada do regime comunista, foi levado à prisão, onde permaneceu por treze anos, até 21 de novembro de 1988, sem julgamento nem sentença, passando nove anos no regime solitário, em total isolamento.

Quando os comunistas chegaram a Saigon lhe acusaram imediatamente, alegando que sua nomeação como Arcebispo era fruto de um complô entre o Vaticano e os imperialistas. Depois de três meses de tensão, foi chamado ao Palácio Presidencial, para ser preso. Eram 14 horas do dia 15 de agosto de 1975, Solenidade da Assunção de Nossa Senhora. Levava só a batina e o rosário. Não se conformou só em resignar-se, mas fez o propósito de viver a prisão "enchendo-a de amor", como ele próprio conta. Já no mês de outubro começou a escrever uma série de mensagens à comunidade cristã. Quang, um menino de 7 anos, escondido, recolhia os papéis de carta e depois levava as mensagens para casa, de modo que seus irmãos e irmãs pudessem copiar aqueles textos e difundi-los. Eis como nasceu o livro intitulado "O caminho da esperança", cuja redação foi concluída em 1980, na prisão de Giangxà, no Vietnã do Norte, lugar onde escreveu também, em segredo ao longo das noites, outros dois livros: "O caminho da esperança à luz da Palavra de Deus e do Concílio Vaticano II" e "Os peregrinos do caminho da esperança".

Na cadeia, ficou recluso no território de sua primeira Diocese, Nha Trang. A cadeia não era distante da residência Episcopal e para ele isto foi uma experiência dramática. Viveu momentos duríssimos como a sua viagem em um navio com 1500 prisioneiros famintos e desesperados. Depois, no campo de reeducação de Vin-Quang, sobre as montanhas, com outros 250 prisioneiros.

Depois viveu o longo isolamento, que durou nove difíceis anos. Vigiavam-no apenas dois guardas. No cárcere não pôde ter consigo a Bíblia. Então recolheu todos os pedaços de papel que possuía e fez uma minúscula caderneta, na qual reproduziu mais de 300 frases do Evangelho. Este Evangelho foi o seu "vademecum" cotidiano, o seu escrito precioso no qual buscava e recebia força. A celebração da Eucaristia era o momento central da sua jornada. Celebrou a Santa Missa na palma de sua mão, com fragmentos de pão, três gotas de vinho e uma gota de água. Quando foi preso recebeu a permissão de escrever uma carta para pedir aos parentes as coisas mais necessárias. Pediu então um pouco de vinho como remédio contra as doenças do estômago. Os fiéis compreenderam o significado verdadeiro do pedido e lhe mandaram rapidamente uma pequena garrafa com vinho para a Missa, com a etiqueta: "Remédio contra doenças do estômago". Para conservar o Santíssimo Sacramento, usou embalagens de



cigarros. Ali conseguiu também criar uma pequena comunidade de cristãos para a celebração da Eucaristia, que se reversavam para a adoração ao Santíssimo, à noite e pela Madrugada.

Na cadeia solitária de Hanoi, uma senhora da polícia lhe deu um pequeno peixe para cozinhar. O peixe estava envolvido em duas páginas do "L'osservatore Romano". Quando o jornal chegava a Hanoi para ir às bancas, era tomado e vendido aos mercados como papel de embalagem. E precisamente aquelas duas folhas foram usadas para embalar o peixe do Bispo Van Thuan. Discretamente, ele lavou bem aquelas duas folhas e lhe pôs a secar ao sol, conservando-lhe depois como uma relíquia. No isolamento da prisão, aquelas duas páginas eram um sinal de comunhão com Pedro. Durante o isolamento, celebrava a Santa Missa às 3 horas da tarde, a hora de Jesus agonizante sobre a Cruz. Estando só, cantava a Missa em latim, francês e vietnamita. Cantava também hinos como o "Te Deum", "Pange Lingua", "Veni Creator".

O seu testemunho de amor marcou profundamente aos guardas. Tanto que os chefes da polícia lhe pediram que ensinasse outros idiomas aos seus agentes. Assim, os seus carcereiros vieram à sua escola. Sobre as montanhas de Vinh Phù, na prisão de Vin Quang, pediu a um guarda a permissão para talhar um pedaço de madeira e fazer uma cruz. E assim foi feito. Em outra prisão, pediu ao guarda um pedaço de fio elétrico. Temendo que ele cometesse suicídio com aquele fio elétrico, o guarda lhe negou o pedido. Van Thuan explicou-lhe que desejava fazer uma corrente para trazer a sua cruz ao pescoço. Depois de três dias o guarda lhe trouxe o fio elétrico e também uma pinça para que pudesse fazer a corrente desejada. Ele trouxe aquela cruz sempre consigo, ao pescoço, também quando Cardeal.

Foi libertado em 21 de novembro de 1988, festa da Apresentação de Maria ao Templo. Enquanto preparava o almoço, foi chamado e levado em um carro ao Palácio para encontrar o Ministro-Chefe da polícia, o qual lhe pediu que manifestasse um desejo. O Bispo Van Thuan respondeu que queria ser libertado logo: "Estou aqui a bastante tempo, sob três Pontificados: Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II. E também sob o governo de quatro secretários gerais do partido comunista soviético: Breznev, Andropov, Cernenko e Gorbaciov". Uma vez libertado, foi nomeado, em Genebra, membro da Comissão católica Internacional para os Migrantes. Em 24 de novembro de 1994, ainda como Arcebispo Coadjutor de Thàn-Phô Chi Minh (Saigon), foi nomeado Vice-Presidente do Pontifício Conselho de Justiça e Paz. Em 24 de junho de 1998 foi promovido como Presidente do mesmo Pontifício Conselho.

Pregou os Exercícios Espirituais quaresmais a São João Paulo II e à Cúria Romana no ano 2000. "No primeiro ano do terceiro milênio um vietnamita pregará os Exercícios Espirituais à Cúria Romana. O senhor tem em mente algum tema", disse-lhe São João Paulo II em 15 de dezembro de 1999. "Santo Padre, fui surpreendido! Posso falar sobre a esperança", respondeu Van Thuan. E o Papa: "Traga-nos o seu testemunho!". Os Exercícios Espirituais para a Quaresma começaram em 12 de março, na Capela Redemptoris Mater, e terminaram em 18 de março de 2000. Exatamente naquele dia, 24 anos antes, ele era trasladado da prisão de Cay-vong para ser submetido ao duro isolamento na prisão de Phu-Khanh. Na conclusão do Exercícios Espirituais, o Papa disse: "Agradeço ao caríssimo François Xavier Nguyen Van Thuan, o qual com simplicidade e inspirado empenho espiritual nos guiou no aprofundamento da nossa vocação de testemunhas da esperança evangélica ao início do terceiro milênio. Testemunha ele mesmo da cruz nos longos anos de prisão no Vietnã, nos relatou fatos e episódios da sua sofridora prisão, reforçando nela a consoladora certeza que quando tudo se arruína ao nosso redor e talvez também dentro de nós, Cristo permanece nosso infalível sustento".

No Vietnã foi encarregado Presidente da Comissão Episcopal para a Comunicação Social (1967-1970) e Presidente da Comissão para o desenvolvimento (1971-1975). Em Roma, foi-lhe confiado o cargo de Consultor do Pontifício Conselho para os Leigos (1971-1978). Publicou vários livros, entre os quais "O caminho da esperança" (em doze línguas); "Os peregrinos do caminho da esperança" (em espanhol, francês e vietnamita); "O caminho da esperança à luz da palavra de Deus e do Concílio Vaticano II" (em italiano, vietnamita e francês); "Orações de esperança" (em vietnamita, francês e italiano); "Cinco pães e dois peixes" (em doze línguas); "A esperança não decepciona" (em italiano); "Testemunhas da esperança – Exercícios Espirituais para a Cúria Romana" (em seis línguas). No consistório de 21 de fevereiro de 2001, foi criado Cardeal, Diácono do título de Santa Maria della Scala, pelo Papa São João Paulo II.

Em 2001, após uma série de exames, descobriu que possui um raríssimo tipo de câncer no intestino, o que lhe proporcionou um período de longo e difícil sofrimento, vivido com alegria e esperança, até o dia 16 de setembro de 2002, quando veio a falecer, consumando o seu longo e radical testemunho de configuração a Jesus Cristo crucificado e abandonado. Suas exéquias foram celebradas no Altar central da Basílica de São Pedro, pelo Santo Padre São João Paulo II, na presença de inúmeros Cardeais, Bispo,



Sacerdotes, religiosos e milhares de fiéis de várias partes do mundo que foram prestar sua última homenagem ao heroico Servo de Deus. Foi sepultado em Roma, no Campo Verano.

Seu processo de Beatificação foi aberto pela Diocese de Roma, em 16 de setembro de 2007. Em junho de 2012, seus restos mortais foram trasladados para um dos altares laterais da Igreja de Santa Maria della Scala, da qual era titular.

Van Thuan declara-se apaixonado pelos defeitos de Jesus e os descreve no livro "Testemunhas da esperança":

OS CINCO DEFEITOS DE JESUS

PRIMEIRO DEFEITO: JESUS NÃO TEM MEMÓRIA

No calvário, no auge da indescritível agonia, Jesus ouve a voz do ladrão à sua direita: "Jesus, lembra-te de mim quando estiveres em teu reino" (Lc 23,43). Se fosse eu, teria respondido: "Não vou esquecê-lo, mas seus crimes devem ser pagos por longos anos no purgatório". No entanto, Jesus respondeu-lhe: "...hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23,43). Jesus esqueceu todos os crimes desse homem.

Semelhante atitude Jesus teve com a pecadora que banhou os seus pés com perfume... Não faz nenhuma pergunta sobre seu escandaloso passado. Simplesmente diz: "Seus inúmeros pecados estão perdoados, porque muito amor demonstrou" (Lc 7,47). A memória de Jesus não é igual à minha...

SEGUNDO DEFEITO: JESUS NÃO "SABE" MATEMÁTICA

Se Jesus tivesse se submetido a um exame de matemática, por certo teria sido reprovado... "Um pastor tinha 100 ovelhas. Uma se extravia. Ele, imediatamente, deixa as 99 no redil e vai em busca da desgarrada. Reencontra-a, coloca-a no ombro e volta feliz" (cf. Lc 15,4-7).

Para Jesus, uma pessoa tem o mesmo valor de noventa e nove e, talvez, até mais. Quem aceita tal procedimento? Sua misericórdia se estende de geração em geração...

TERCEIRO DEFEITO: JESUS DESCONHECE A LÓGICA

Uma mulher possuía 10 dracmas. Perdeu uma. Acende a lâmpada; varre a casa... procura até encontrá-la. Quando a encontra convida suas amigas para partilhar sua alegria pelo reencontro da dracma... (Lc 15,8-10) ... de fato, não tem lógica fazer festa por uma dracma... O coração tem motivações que a razão desconhece... Jesus deu uma pista: "Eu vos digo que haverá mais alegria diante dos anjos de Deus por um só pecador que se converte..." (Lc 15,10).

QUARTO DEFEITO: JESUS É AVENTUREIRO

Executivos, pessoas encarregadas do "marketing das empresas", levam em suas pastas projetos, planos cuidadosamente elaborados... Em todas as instituições, organizações civis ou religiosas não faltam programas prioritários; objetivos, estratégias...

Nada semelhante acontece com Jesus. Humanamente analisando, seu projeto está destinado ao fracasso. Aos apóstolos, que deixaram tudo para segui-lo, não garante sustento material, casa para morar, somente partilhar do seu estilo de vida. A um desejoso de unir-se aos seus, responde: "As raposas têm tocas e as aves do céu ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8,20) ...

Os doze confiaram neste aventureiro. Milhões e milhões de outros igualmente. Já vão lá mais de dois mil anos e a incalculável multidão de seguidores continua a peregrinar. Galerias enormes de santos e santas, bem-aventurados, heróis e heroínas da aventura. No Universo inteiro esta abençoada romaria continua... Vai que este aventureiro tem razão...? Neste caso, a mais fantástica viagem na "contramão" da história será a verdadeira...! "A quem iremos?"

QUINTO DEFEITO: JESUS NÃO ENTENDE DE FINANÇAS NEM ECONOMIA

Se Jesus fosse o administrador da empresa, da comunidade, a falência seria uma questão de dias. Como entender um administrador que paga o mesmo salário a quem inicia o trabalho cedo e a outro que só trabalha uma hora? Um descuido? Jesus errou a conta? ...

Por que Jesus tem esses defeitos? Porque é o Deus da Misericórdia e Amor Encarnado. Deus Amor (cf. 1Jo 4,16). Portanto, não um amor racional, calculista, que condiciona, recorda ofensas recebidas. Mas um amor doação, serviço, misericórdia, perdão, compreensão, acolhida... Em que medida? Infinita.



Os defeitos de Jesus são o caminho da felicidade. Por isso, damos graças a Deus. Para alegria e esperança da humanidade, esses defeitos são incorrigíveis.



FASE MARTYRIA – 33ª SEMANA

TEMA

A atualidade do martírio

OBJETIVO

Renovar as disposições para o seguimento de Jesus através do testemunho sobre a atualidade do martírio vivido na guerra Cristera pelos cristãos do México na década de 20.

Damos a sugestão de um momento de lazer, fora do horário do grupo de oração, para juntos assistir o filme "Cristiada".

MATERIAL

Filme "Cristiada"

ANEXO CRISTIADA

METODOLOGIA

- Apresente o tema e o objetivo dessa formação.
 - O pastor deve garantir a locação ou o download do filme com antecedência.
 - Antes da exibição, é bom fazer uma breve introdução sobre o contexto do filme, à luz do anexo CRISTIADA.
 - Dê início ao filme e encerre o momento com uma partilha geral sobre as disposições que este bloco renovou a respeito do seguimento de Jesus nos tempos atuais.
-
-



ANEXO CRISTIADA

O filme "Cristiada" apresenta a vivência de vários cristãos num contexto de perseguição que se desenrolou entre 1926 e 1929 no México. A Igreja Católica reconhece como mártires várias pessoas mortas durante a rebelião Cristera. Talvez o mais conhecido seja o beato Miguel Pro. Este padre jesuíta foi executado por um pelotão de fuzilamento em 23 de Novembro de 1927, sem direito a julgamento, acusado de que as suas atividades sacerdotais desafiavam o governo. O governo de Calles esperava utilizar imagens da execução como forma de levar os rebeldes à rendição, mas as fotos produziram o efeito contrário. Após verem as imagens, que o governo mandara imprimir em todos os jornais, os Cristeros sentiram-se inspirados pelo desejo de seguir o exemplo do padre Pro como mártires por Cristo. Foi beatificado em 1988.

Em 21 de Maio de 2000, o papa João Paulo II canonizou um grupo de 25 mártires deste período (havia sido beatificados em 2 de Novembro de 1992). Na sua maioria eram padres que não pegaram em armas, mas que se recusaram a abandonar as suas paróquias, tendo sido executados pelas forças federais. Outras 13 vítimas do regime anticatólico foram declaradas mártires pela igreja católica, posteriormente beatificadas em 20 de Novembro de 2005 em Guadalajara, Jalisco pelo cardeal José Saraiva Martins.

Recentemente foi declarado Beato José Luis Sánchez del Río, assassinado com apenas 14 anos. O Beato nasceu em Sahuayo, Michoacán, no dia 28 de março de 1913. Filho de Macario Sánchez e Maria del Río, Estudou em seu povoado natal e integrou-se ao grupo local da Associação Católica da Juventude Mexicana e posteriormente na cidade de Guadalajara, Jalisco. Quando foi dado o estopim para a revolução Mexicana conhecida como Cristiada em 1926, seus irmãos se uniram às forças que buscaram a liberdade religiosa, mas sua mãe não o permitiu que assim fizesse, dada sua tenra idade. O general Prudencio Mendoza também se mostrou contra o seu alistamento. Porém o adolescente insistiu que queria ter a oportunidade de dar sua vida por Cristo e poder chegar ao Céu. As palavras que convenceram a sua mãe para que o deixassem ir foram as seguintes "Nunca foi tão fácil alcançar o céu como agora".

Durante uma luta muito forte em 6 de fevereiro de 1928, o cavalo do general foi morto e José lhe deu o seu dizendo-lhe: "Aqui está o meu cavalo. O senhor faz mais falta nesta luta que eu". As tropas do governo portanto o fizeram prisioneiro encarcerando-o na sacristia da igreja local. O processo e a execução de José foi presenciado por dois de seus amigos de infância. Um deles, o padre que "presenciou aqueles atos admiráveis e gravou em seu coração para sempre o exemplo de fidelidade a Cristo Rei que recebeu de seu amigo mártir José". Em várias ocasiões, o padre narrou o martírio de José, sobretudo quando falava aos jovens para mostrar-lhes "um exemplo claro de como tem que ser todo cristão autêntico." Um ano antes do seu martírio, José Luis se uniu às forças cristeras do general Prudencio Mendoza, no povoado de Coteja, Michoacán.

No dia 10 de fevereiro, levaram o menino da paróquia ao local geral do exército federal. Cortaram a sola dos seus pés, obrigaram-no a caminhar com os pés descalços pela rua Insurgentes, dando a volta ao Boulevard, e seguiram até chegar ao panteão Municipal.

Durante todo este trajeto, José gritava: Viva Cristo Rei! Viva a Virgem de Guadalupe. José chorava e ao mesmo tempo ia rezando pelo caminho. Colocaram-no ao lado de sua tumba, enforcaram-no e seus verdugos o esfaquearam.

Estava ali Rafael Gil Martínez, conhecido como "El Zamorano", que desceu o menino da árvore onde tinha sido pendurado e lhe perguntou: "O que deseja que digamos aos seus pais?". José conseguiu responder: "Que Viva Cristo Rei e que nos veremos no céu". O verdugo cheio de ódio, pegou seu revólver, atirou, matou o menino com um tiro na cabeça. Eram 23:30 em Sahuayo, Michoacán.

José Luís foi assassinado em 10 de fevereiro de 1928, durante a perseguição religiosa do México por pertencer aos cristeros, numeroso grupo de católicos mexicanos que lutou contra o regime totalitário de Plutarco Elías Calles.

BLOCO VII

CHORAR
COM OS QUE CHORAM,
SOFRER
COM OS QUE SOFREM!

Conhecer concretos de testemunhos de compaixão e caridade para com os sofrimentos do homem de hoje.



BLOCO V

CHORAR COM OS QUE CHORAM, SOFRER COM OS QUE SOFREM

Conhecer concretos de testemunhos de compaixão e caridade para com os sofrimentos do homem de hoje.

SEMANA	TEMA	OBJETIVO	LEITURA	EB
34ª semana	Sofrer com os que sofrem	Aprofundar a vivência prática de uma concreta compaixão para com o homem de hoje como fruto da maturidade do testemunho no seguimento de Jesus.		
35ª semana	A pobreza do desconhecimento de Deus	Destacar a evangelização como caridade para com a pobreza do desconhecimento de Deus.		
36ª semana	Unir-se aos sofrimentos de todos os homens pela oferta de vida	Destacar a caridade universal para com todos os povos e públicos, à luz do testemunho de São João Paulo II.		
37ª semana	A oração nos une aos sofrimentos dos homens.	Destacar a misericórdia para com os sofrimentos da miséria moral, à luz do testemunho de Santa Faustina.		
38ª semana	Os filhos de Deus se unem aos sofrimentos do seu povo.	Destacar a caridade para com os sofrimentos da pobreza material, à luz do testemunho de Santa Teresa de Calcutá.		
39ª semana	Paz a vós!	Destacar a compaixão para com os sofrimentos da miséria espiritual, à luz da missão evangelizadora do Carisma Shalom.		
40ª semana	O Evangelho, luz para os sofrimentos do mundo	Destacar a ousadia de levar o conhecimento de Deus a todos os âmbitos da vida cotidiana, secular e profissional, à luz do testemunho do São José Maria Escrivá.		
41ª semana	A Igreja se une aos sofrimentos do seu povo	Destacar a caridade pastoral no sacramento da reconciliação, à luz do testemunho de São Pe. Pio.		



FASE MARTYRIA – 34ª SEMANA

TEMA

SOFRER COM OS QUE SOFREM

OBJETIVO

Aprofundar a vivência prática de uma concreta compaixão para com o homem de hoje como fruto da maturidade do testemunho no seguimento de Jesus.

MATERIAL

ANEXO SOFRER COM OS QUE SOFREM

METODOLOGIA

- Comente o tema e o objetivo do novo bloco CHORAR COM OS QUE CHORAM, SOFRER COM OS QUE SOFREM. Em seguida, apresente o tema e o objetivo da formação de hoje que abre o bloco VI.
 - Dê início à pregação do tema previsto, seguindo o anexo SOFRER COM OS QUE SOFREM, aprofundando os aspectos abaixo:
 1. Jesus revela uma misteriosa identificação com os pobres.
 2. "O pobre é um *"Vicarius Christi"*, alguém que faz as vezes de Cristo, no sentido de que o que se faz ao pobre é como se fizesse a Cristo", porque foi Ele mesmo que disse: "Foi a mim que o fizeste".
 3. Este pobre, com certeza, é a humanidade que nós temos ao nosso redor. Não há humanidade subjetiva, mas a humanidade muito concreta. É a humanidade que sofre a miséria espiritual, moral e material.
 4. Os pobres são todos os meus irmãos onde Cristo sofre e particularmente para nós, podemos contemplar o pobre nas pessoas dos jovens, porque foi a eles que o Senhor nos enviou por primeiro.
 5. Você conhece de cor as obras de misericórdia? Se não conhecemos nem de cor, então é um risco muito grave, porque talvez estejamos vivendo espontaneamente, mas talvez não tenhamos aquele sadio esforço para viver concretamente na nossa vida.
 6. O Papa Francisco nos dá três categorias de pobres, da miséria humana: a miséria espiritual, a moral e a material.
 7. O maior pecado contra os pobres talvez seja a indiferença, fazer de conta que não se vê, passar à boa distância, como vemos na parábola do bom samaritano.
 8. O grande dom que nós devemos pedir ao Senhor é a graça de abrir os nossos olhos, ter uma percepção do coração.
 9. Se nós reconhecermos no rosto do que sofre o rosto de Cristo, teremos para com aquele que sofre a compaixão que Cristo teve para conosco, porque também nós estivemos e estamos nos braços de Cristo. Somos objetos todos os dias da sua compaixão e da sua misericórdia.
 10. A compaixão é respeito em primeiro lugar, como Jesus teve para conosco. Respeito. É respeitar. Reconhecer e promover a dignidade da pessoa.
 11. O pobre não é uma coisa, não é uma causa ou uma categoria sociológica.
 12. O pobre não é uma causa para ser instrumentalizada. Alívio de consciência não é compaixão. Não pode ser instrumentalizada pela ideologia nem de esquerda nem de direita, porque é uma grande instrumentalização.
 13. O pobre é uma pessoa. Por isso devemos acreditar na pessoa que se esconde na lama da ferida na dignidade, que a circunstância da vida a colocou. Acreditar nessa pessoa.
 - Encerre a formação com partilha e oração pela disposição à esse compromisso com os que sofrem.
-

⁹Vigário de Cristo (em latim *Vicarius Christi*) é uma expressão utilizada no cristianismo de diferentes formas, com conotações teológicas diferentes durante a história.



ANEXO SOFRER COM OS QUE SOFREM

Moysés Azevedo (Retiro das Autoridades 2015)

"De rico que era, fez-se pobre para nos enriquecer com sua pobreza. Como vimos ontem, Jesus fez-se pobre na Encarnação, em Belém; Ele fez-se pobre na Paixão, na Cruz; Ele fez-se pobre na Eucaristia, no pão, mas vamos juntos abrir Mateus 25, 31-45. É um evangelho muito querido pelo Papa Francisco. Diz o evangelho: "Quando o Filho do homem vier em sua glória, acompanhado de todos os anjos, então ele se assentará em seu trono de glória. Diante dele serão reunidas todas as nações, e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Ele colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à direita: 'Vinde benditos do meu Pai! Recebei em herança o Reino que foi preparado para vós desde a fundação do mundo! Porque eu tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; eu era estrangeiro e me acolhestes; estava nu e me vestistes; doente e me visitastes; na prisão e viestes a mim'. Então os justos lhe responderão: 'Senhor, quando é que nos sucedeu ver-te com fome e alimentar-te? Com sede e dar-te de beber? Quando nos sucedeu ver-te estrangeiro e acolher-te, nu e vestir-te? Quando é que nos sucedeu ver-te doente e na prisão e irmos a ti? E o Rei lhes responderá: 'Em verdade, em verdade eu vos declaro, todas as vezes que o fizestes a um destes mais pequeninos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes'".

"Foi a mim que o fizestes". Jesus que se fez pobre na Encarnação, que se fez pobre na Paixão, Jesus que se fez pobre na Eucaristia é também Jesus que se faz pobre nos pobres. "Foi a mim que o fizestes". Jesus revela uma misteriosa identificação com os pobres.

O Padre Raniero Cantalamessa, tocando neste ponto, diz: "O pobre é um *"Vicarius Christi"*¹⁰, alguém que faz as vezes de Cristo. Vigário mais uma vez, mas no sentido passivo, não no ativo, não no sentido de que o que o pobre faz é como se Cristo fizesse. Não. Mas no sentido de que o que se faz ao pobre é como se fizesse a Cristo", porque foi Ele mesmo que disse: "Foi a mim que o fizeste.

Mas quem é o pobre onde Cristo se encontra? Esta pergunta de uma maneira, podemos dizer, similar, foi feita a Jesus Cristo. vocês se recordam, sim ou não? Quem fez essa pergunta a Ele? Foi um doutor da lei, um escriba, "mas quem é o meu próximo?". E Jesus então, Ele em Lucas 10, 31, Ele define quem é esse pobre que Jesus se identifica. Ele conta então a parábola que todos conhecemos e que está descrita aqui, neste ícone, nestas linhas que a Guadalupe fez. Jesus compassivo, misericordioso, que vai ao encontro. Sabe aquela passagem do bom samaritano, aonde aquele homem foi totalmente atacado pelos ladrões e deixado no caminho do deserto. Passa o sacerdote, o levita. Todos passam indiferentes. Vem então o Samaritano e acolhe o pobre, cuida das suas feridas, paga com o seu dinheiro a hospedaria e a cura daquele pobre.

Os Padres da Igreja gostam de fazer nesta figura, reconhecer no Bom Samaritano o próprio Jesus e no pobre, naquele que jaz, a humanidade, a humanidade ferida. A humanidade ferida pelo pecado original, a humanidade atacada pelo demônio, pelo mundo. A humanidade desfigurada e que o próprio Cristo vem, cheio de compaixão acolhe, cura suas feridas e confia essa humanidade, paga uma hospedaria, que na imagem dos Padres da Igreja é a Igreja. Dá as suas moedas, que na imagem dos Padres da Igreja é toda a ação da graça que a igreja é capacitada pelo próprio Cristo para realizar a cura, a consolação e a restauração do homem. Este pobre, com certeza, é a humanidade que nós temos ao nosso redor, e particularmente aquela com que nós nos confrontamos, como o próprio Jesus disse, aquela que está diante de mim; aquela por quem eu cruzo; aquela que meus olhos veem; aquela que minhas mãos podem tocar. Não há humanidade subjetiva, mas a humanidade muito concreta. É a humanidade que sofre a miséria espiritual, moral e material.

Os pobres são todos os meus irmãos onde Cristo sofre. São todos os meus irmãos onde Cristo sofre, e particularmente para nós, podemos contemplar o pobre nas pessoas dos jovens, porque é simples! Porque foi a eles que o Senhor nos enviou por primeiro. Foi a eles a quem o Senhor abriu os nossos olhos e nós nascemos reconhecendo neles o Cristo pobre que sofre. Foi a eles que o Senhor nos

¹⁰Vigário de Cristo (em latim *Vicarius Christi*) é uma expressão utilizada no cristianismo de diferentes formas, com conotações teológicas diferentes durante a história.



enviou por primeiro, para com eles, recuperando, sendo instrumento da consolação e da salvação de Cristo, com eles nós irmos ao encontro da humanidade pobre, ferida, abandonada, que sofre. Irmos ao encontro dos pobres materialmente falando. Irmos ao encontro das famílias, dos enfermos, dos construtores da sociedade, irmos ao encontro de toda a sociedade que geme, sofre e espera a manifestação dos filhos de Deus. Em primeiro lugar, essa consideração geral pra que possamos ir entrando. Ainda não são todos os princípios. É a consideração para entrarmos nos princípios.

Fazendo uma revisão para vocês não dormirem. Em primeiro lugar Jesus se fez pobre na Encarnação. Depois na Paixão, na Eucaristia e nos pobres. Para nós, no seu sentido amplo, os pobres são os homens, cada homem, a humanidade que sofre, que padece. Num sentido muito particular os nossos olhos se abriram e viram Cristo nos jovens, para com eles irmos ao encontro do padecimento, do sofrimento da humanidade que sofre.

O Papa Francisco nos dá, e isso ele retira da tradição da igreja, quando lemos o evangelho, é daqui que nascem todas as obras de misericórdia espirituais e as obras de misericórdia materiais, que são indispensáveis para a vivência do evangelho de todos os cristãos. Você conhece de cor as obras de misericórdia? Se não conhecemos nem de cor, então é um risco muito grave, porque talvez estejamos vivendo espontaneamente, mas talvez não tenhamos aquele sadio esforço para viver concretamente na nossa vida. Quais são as obras de misericórdia? Estão no Catecismo da Igreja Católica.

O Papa Francisco, na sua mensagem da Quaresma de 2014, retomando todo esse fundamento da palavra de Deus e da tradição viva da igreja nos dá três categorias de pobres, da miséria humana, aonde particularmente os nossos olhos devem estar voltados quando falamos dos pobres. Os três tipos de miséria: a miséria espiritual, a moral e a material.

Miséria espiritual. Diz o Papa: "A miséria espiritual é aquela que nos atinge quando nos afastamos de Deus e recusamos o seu amor. Se julgamos não ter necessidade de Deus, que em Cristo nos dá a mão, é porque nos consideramos autossuficientes, e vamos a caminho da falência. O único que verdadeiramente salva e liberta é Deus". Em outra parte e também fazendo eco ao Papa Bento XVI, o Papa Francisco e o Papa Bento XVI muitas vezes disseram: "a rejeição, que é o pecado, e o desconhecimento de Deus que se revela no Seu Filho, Jesus Cristo, é a maior miséria do homem e é a causa de todas as outras misérias". É a primeira das causas que derivam todas as outras causas e é a maior miséria do homem, e a causa de todas as outras misérias. Amanhã vamos conversar um pouco sobre a miséria espiritual, ao falar um pouco sobre miséria e evangelização.

A segunda causa: miséria moral. A miséria moral que consiste em tornar-se escravo dos vícios e do pecado. Diz o Papa Francisco: "Quantas famílias vivem na angústia, porque alguns dos seus membros, frequentemente jovens", e atenção! Frequentemente jovens! "Se deixou subjugar pelo álcool, pela droga, pelo jogo, pela pornografia. Quantas pessoas perderam o sentido da vida" miséria maior pode existir? A perda do sentido da vida? "Quantas pessoas sem perspectivas de futuro, perderam a esperança!". A miséria moral.

E por fim a miséria material. Diz o Papa Francisco: "A miséria material é a que habitualmente designamos por pobreza e atinge todos aqueles que vivem numa condição indigna da pessoa humana: privados dos direitos fundamentais e dos bens de primeira necessidade como o alimento, a água, as condições higiênicas, o trabalho, a possibilidade de progresso e de crescimento cultural. Perante esta miséria, a Igreja oferece o seu serviço, a sua Diaconia, para ir ao encontro das necessidades e curar estas chagas que deturpam o rosto da humanidade".

Quais são as três misérias? Espiritual, moral e material. Nelas também podemos acrescentar aqui nessa dimensão material, mas não no sentido tanto material que estamos vendo aqui, mas material implica também em uma gama de sofrimentos. Também podemos lembrar os enfermos que padecem no seu corpo e na sua mente o mistério da dor. Os três tipos de miséria. A partir disso, vamos nos colocar diante da miséria da humanidade, e particularmente hoje, desta miséria material, do pobre desprovido, do pobre ferido na sua dignidade humana, e nos recordando eles todos, mas em particular hoje refletamos ele é um vigário de Cristo. "Foi a mim que o fizestes".

Como nos colocamos diante dele, dos pobres? Como nos relacionamos com os pobres? Com a nossa vida, com a nossa palavra, com a nossa ação pessoal, com a nossa ação comunitária, sabemos reconhecer Cristo que padece nos pobres? Sabemos abri os nossos olhos e ver Cristo que sofre nos pobres? Ou padecemos de dois grandes males. Podemos e temos o risco de padecer de dois males, que é o mal da insensibilidade e o mal da indiferença.

O Padre Raniero Cantalamessa diz: "O maior pecado contra os pobres talvez seja a indiferença, fazer de conta que não se vê, passar à boa distância, como vemos na parábola do bom samaritano. O que



Jesus lança ao rosto do rico opulento", estão lembrados da palavra do rico opulento que comia, se banqueteava e na porta tinha um pobre chamado Lázaro? Estava lá na porta, o rico comia, se banqueteava, e o Padre Cantalamessa diz: "O que Jesus lança ao rosto do rico opulento, bem mais do que o seu luxo desenfreado, é a indiferença para com o pobre que lhe jaz a porta: sua dureza de coração e insensibilidade". Jesus fala do luxo desenfreado, mas esse luxo desenfreado não deixa de ser também fruto dessa insensibilidade e indiferença com o sofrimento daquele que está muitas vezes diante dos seus olhos e que eu não consigo ver, ou eu simplesmente faço de conta que não vejo.

O remédio que é proposto para abriremos os olhos e podermos ver Jesus que sofre e que padece, para podermos reconhecê-lo, "pois foi a mim que o fizestes", como também no final do evangelho Jesus vai dizer para aqueles que não o reconheceram: "Foi a mim que não o fizestes". O grande dom que nós devemos pedir ao Senhor é a graça de abrir os nossos olhos, ter uma percepção do coração. E como é essa percepção do coração? É uma percepção investigativa. Nós reconhecemos Cristo nos pobres quando nós introduzimos a dor dos pobres no nosso coração. Nós permitimos ser alcançados pela dor dos pobres. Nós os introduzimos e a sua dor no nosso coração. Isso tem outro nome: é a compaixão, e a compaixão é um dom de Deus, é uma graça que devemos pedir. Devemos pedir esta graça da compaixão pelo sofrimento dos outros. A ausência da compaixão nos torna gelos, nos torna frios, nos torna incapazes de amar, egoístas, voltados simplesmente para a nossa dor e o nosso sofrimento. A compaixão nos faz sair de nós mesmos e nos deixar sensibilizar pela dor e pelo sofrimento do outro.

A compaixão vai nos revelar que neste rosto nos é revelado o rosto daquele que está escondido dentro dele, e aí poderemos ter para com aquele rosto que padece, a mesma compaixão do rosto que nós contemplamos, porque esse rosto teve compaixão de nós também. Se nós reconhecermos no rosto do que sofre o rosto de Cristo, teremos para com aquele que sofre a compaixão que Cristo teve para conosco, porque também nós estivemos e estamos nos braços de Cristo. Somos objetos todos os dias da sua compaixão e da sua misericórdia.

Agora meus irmãos, compaixão não é peninha, "ah o bichinho, coitadinho!", não é. A compaixão é respeito em primeiro lugar, como Jesus teve para conosco. Respeito. É respeitar. Reconhecer e promover a dignidade da pessoa. O pobre não é uma coisa, não é uma causa ou uma categoria sociológica. O pobre não é um coitadinho para nós nos aproximarmos com certo ar de superioridade, não! Ele é digno, porque o próprio Cristo o dignificou. Ele é digno porque ele é uma pessoa humana e ele é digno porque ele é vigário de Cristo. Ele pode estar ferido na sua dignidade, mas ele é digno, porque Cristo o tornou digno, porque na Criação Deus o fez digno e Cristo na Cruz resgatou a sua dignidade e lhe deu uma nobreza que vai além da sua dignidade.

O pobre não é uma causa para ser instrumentalizada nem por nós mesmos, pela nossa consciência, nosso desejo de aliviar nossas consciências, não! Isso não é compaixão. Alívio de consciência não é compaixão. Não pode ser instrumentalizada pela ideologia nem de esquerda nem de direita, porque é uma grande instrumentalização. Ele é uma pessoa. Não é uma causa para nós "defendermos a causa dos pobres e inclusive somos superiores àqueles que não a defendem". Somos os bonzinhos e o resto do mundo é o mal e eu me satisfaço bem e tudo em nome do resto da minha vida não tem problema porque eu defendo a causa dos pobres, não! Não é uma causa para você se esconder atrás dela, sua fraqueza e sua debilidade. Não é uma causa. O pobre é uma pessoa, com toda a sua riqueza, com toda a sua potencialidade e com todos os seus desafios, suas debilidades, como eu, tu, ele, nós, vós, eles. É uma pessoa.

Por isso acreditar na pessoa que se esconde na lama da ferida da dignidade, que pela circunstância da vida colocou essa pessoa, acreditar nessa pessoa. Cristo pode fazer novas todas as coisas. Ele fez em mim. Ele fez em você. Então acreditar que Cristo pode fazer novos todos, inclusive esta pessoa. É um dos maiores sinais da compaixão, porque foi esse o olhar de Cristo por nós. A insensibilidade e a indiferença é o pior do que nós podemos dar, e o melhor é a compaixão de Cristo, que não é um olhar de coitadinho, mas é um reconhecimento da beleza, da dignidade, da grandeza. É um reconhecimento."



FASE MARTYRIA – 35ª SEMANA

TEMA

A pobreza do desconhecimento de Deus

OBJETIVO

Destacar a evangelização como caridade para com a pobreza do desconhecimento de Deus.

MATERIAL

ANEXO O ALIMENTO DO EVANGELHO

METODOLOGIA

- Recapitule a formação da semana anterior antes de apresentar o tema e o objetivo previstos para hoje.
 - Ao introduzir o tema e objetivo de hoje, divida os membros em pequenos grupos por ministérios (as pessoas que servem no mesmo ministério devem ficar reunidas ou pelos ministérios mais similares, em casos de pessoas que sejam membro único ali) e distribua o anexo O ALIMENTO DO EVANGELHO.
 - Oriente que em grupos todos leiam e partilhem sobre a evangelização a partir do seu ministério, como o engajamento e o serviço levam o alimento do Evangelho aos homens que padecem da pobreza do desconhecimento de Deus.
 - Em plenário, todos os grupos devem partilhar sobre o serviço concreto que o seu ministério presta à evangelização e como os homens de hoje podem ser alimentados pelo Evangelho a partir do seu engajamento.
 - Finalize enfatizando sobre a importância do engajamento, do serviço como concreta caridade aos homens que padecem da pobreza do desconhecimento de Deus. Não deixe de fazê-lo!
-



ANEXO O ALIMENTO DO EVANGELHO

(Moysés Azevedo – Retiro das Autoridades 2015)

“Nós existimos para quê? Para evangelizar. Nós fomos enriquecidos de toda graça e de toda consolação de Deus para que também nós, cheios da graça, cheios da consolação, também nos façamos pobres para enriquecer os outros com a riqueza que Deus nos deu.

Evangelizar não é outra coisa a não ser nós, pessoalmente e comunitariamente, nós, na nossa pobreza, fomos visitados por Deus, fomos alcançados por Deus, fomos consolados por Deus. Uma vez alcançados, uma vez consolados, nós somos enviados para dar da consolação e da riqueza recebida e nos despojar, e assim também nos encarnar, no sentido de morrer para enriquecer os outros. Por isso o processo de evangelização não dá sem a Kenosis que falamos no primeiro dia, que o Filho de Deus fez por nós e também nós somos convidados a fazer pelos outros. O processo de evangelização não se dá sem a oração, porque na oração nós somos consolados para poder consolar os outros. O processo de evangelização não se dá sem a obediência, sem a castidade e sem a pobreza, porque nós somos enriquecidos pela obediência, pela castidade, pela pobreza, nós somos enriquecidos pela riqueza de Deus para que nós possamos dar para os outros. Por isso a evangelização é tudo o que nós vivemos aqui durante todos esses dias, e que à luz de tudo o que nós vivemos vamos, assim, um pouco meditar, nos recordar e nos empenhar, canalizar, focar, para o motivo da nossa existência, porque nós, pessoalmente e nós como comunidade existimos para evangelizar.

Vimos ontem, falando sobre a pobreza e o pobre, vimos que quem é o pobre? Quem é o pobre? É a humanidade. O pobre não é uma categoria social. Muitas vezes ele pode estar na categoria social, mas o pobre é a humanidade, e Jesus, como vimos também ontem, como o bom samaritano, Ele veio para socorrer, para salvar, para devolver a dignidade dos filhos de Deus para a humanidade que padece.

Ontem nós vimos e meditamos um pouco sobre a miséria material, e ontem também relembramos qual é a primeira causa de todas as misérias materiais, morais, qual é? A miséria espiritual. Repetindo aquilo que o Papa na Quaresma de 2014 na sua mensagem nos disse: “A miséria espiritual que nos atinge quando nos afastamos de Deus e recusamos o seu amor, se julgamos não ter necessidade de Deus que em Cristo nos dá a mão porque nos consideramos autossuficientes, vamos a caminho da falência”. O único que verdadeiramente salva e liberta é Deus. A miséria mais profunda, como dizemos ontem, a causa de todas as misérias e que gera consequências terríveis na humanidade é a rejeição de Deus, o pecado e o desconhecimento de Cristo. Por isso o Papa nesse texto nos recorda: “O evangelho é o verdadeiro antídoto contra a miséria espiritual. O cristão é chamado a levar a todo o ambiente o anúncio libertador de que existe o perdão do mal cometido, de que Deus é maior do que o nosso pecado e nos ama gratuitamente e sempre, e de que estamos feitos para a comunhão eterna. O Senhor convida-nos a sermos jubilosos anunciadores desta mensagem de misericórdia e esperança”. Vou repetir porque ela traz um conteúdo muito sólido a respeito da nossa missão evangelizadora: “O evangelho é o verdadeiro antídoto contra a miséria espiritual. O cristão é chamado a levar a todo o ambiente o anúncio libertador de que existe o perdão do mal cometido, de que Deus é maior do que o nosso pecado e nos ama gratuitamente e sempre, e de que estamos feitos para a comunhão eterna. O Senhor convida-nos a sermos jubilosos anunciadores desta mensagem de misericórdia e esperança”. A partir desta simples, mas esta densa, desse conteúdo dessa mensagem, como à luz de tudo o que vimos, como nós nos entendemos e qual é o núcleo essencial da nossa missão evangelizadora?

Na verdade, nesse parágrafo, o Papa resume o essencial do conteúdo da nossa missão evangelizadora que nós conhecemos muito bem, mas que devemos sempre ter presente na nossa ação evangelizadora. Sempre. Sempre. O conteúdo kerigmático da nossa ação evangelizadora, o coração da nossa ação evangelizadora. Nós sabemos disso, mas precisamos sempre repetir: é kerigma. O coração da nossa ação evangelizadora não é anúncio moral. O coração da nossa ação evangelizadora não é passar uma ideia ou um conceito. O coração da nossa ação evangelizadora não é uma doutrina. O coração da nossa ação evangelizadora é o anúncio de Jesus Cristo Morto e Ressuscitado, o coração da nossa ação evangelizadora é este. Este é o coração de onde nasce tudo, tudo o que nós fazemos, a experiência do Ressuscitado que passou pela cruz. Este é o coração do anúncio da ação evangelizadora da igreja e particularmente este é o coração da nossa ação evangelizadora. Então tudo o que formos fazer, todas as nossas ações evangelizadoras que formos realizar, por isso os nossos Estatutos dizem e que nós nunca poderemos esquecer-nos disso.



Se há uma coisa nos Estatutos entre muitas que nós não podemos esquecer de maneira nenhuma é: em todas as nossas ações anunciar com Parresia a Jesus Cristo, é o elemento constitutivo da nossa missão. Tudo o que nós fizemos, toda ação, toda a nossa vida e toda a ação que fizemos se não tiver como fundo, como fonte e não tiver como finalidade o anúncio da pessoa de Jesus Cristo está fora da nossa missão, da nossa vocação, daquilo que Deus nos chama a viver. Tudo o que nós fazemos nasce disso, da experiência do Ressuscitado que passou pela cruz. Nasce disso, e deve estar recheado e caminhar para isso. “Mas Moisés, até do pessoal que está lá no mundo muçulmano?”, sim, até do pessoal que está lá no mundo muçulmano, no mundo islâmico. “Até do pessoal que está lá em Israel?”, sim, até do pessoal que está lá em Israel. Mas como? Dentro da sabedoria que Deus vai lhe dar, mas nada do que nós fazemos não nasce disso. Nada que nós fazemos não pode estar permeado disso, e nada de que nós fazemos não pode estar como tendo finalidade a isto: anunciar o mistério do Ressuscitado que passou pela cruz. Toda a nossa ação deve ter sempre bem presente isso.

Repitam comigo: existe perdão do mal cometido. Se em toda e qualquer pregação que você der, se toda e qualquer confissão que você realizar, se toda e qualquer ação evangelizadora que você fizer, se todo e qualquer evento que você fizer, se todo e qualquer ação do processo evangelizador que nós realizarmos nós não tivermos sempre presente e não tivermos comunicando as pessoas isso, “olha, existe perdão do mal cometido. Deus é amor. Deus é misericórdia. existe perdão do mal cometido”. Isso é uma pedra de toque. Se a nossa vida, se a nossa ação, se nossas palavras, nosso testemunho não comunicar isso, está fora.

Repetindo juntos: Deus é maior do que o nosso pecado. Toda a nossa ação evangelizadora que não evidencie que Deus é maior do que o nosso pecado não está dentro da finalidade para o qual nós fomos criados. Sim, Deus é maior do que o nosso pecado, nós devemos levar as pessoas ao arrependimento do coração, devemos levar as pessoas ao arrependimento dos seus pecados, e isso é parte também de toda nossa ação evangelizadora. Se nós não, de uma forma ou de outra, com a sabedoria e a unção do Espírito, não favorecermos ao arrependimento dos corações e a certeza de que Deus é maior do que o nosso pecado, também estará comprometido.

Deus nos ama gratuitamente e sempre. Tudo, tudo. Essa é a fonte, isso foi o que nos alcançou, que nos atingiu, que mudou a nossa vida. Qualquer ação, qualquer liturgia que realizamos, qualquer Halleluya, adventure, acamps, seminário para as famílias, catequese, formação, tudo o que nós fizemos, semanas missionárias, se nós não estivermos anunciando tendo como fonte, como meio e como finalidade anunciar que Deus nos ama gratuitamente e sempre, pedras de toque para nós.

Estamos feitos para a comunhão e a vida eterna. Se toda e qualquer ação nossa não for recordando continuamente para as pessoas que estamos feitos para a vida eterna, estamos feitos para a santidade, para a comunhão, para a glória de Deus, não dessa perspectiva escatológica para o homem, vira ideologia o que nós fazemos. Vira ideologia. A ausência da perspectiva escatológica faz as nossas ações virarem ideologia. Na verdade, quando o Papa Bento XVI no nosso Reconhecimento Pontifício disse: “Sejam alegres instrumentos da misericórdia”, no fundo ele estava resumindo para nós a essência da nossa missão, porque Shalom, a Paz, é fruto da reconciliação: reconciliação com Deus, reconciliação conosco mesmo, reconciliação com os outros, e nós devemos ser alegres instrumentos da misericórdia divina. Por isso o Papa nos recorda: “Sejam jubilosos anunciadores da mensagem de misericórdia e esperança”. Este conteúdo deve ser a fonte, deve estar permeando todos os meios e deve ser a finalidade da nossa ação evangelizadora: a experiência kerigmática, a experiência do Ressuscitado que passou pela cruz, a experiência da paz. E que essa seja uma pedra de toque em tudo o que fazemos dentro da nossa missão. Se não tiver como fonte, como meio e como finalidade o Ressuscitado que passou pela cruz, é gordura, é excesso e, pior ainda!, é obstáculo, é peso que precisa ser cortado para que o que é essencial possa ser evidenciado.”



FASE MARTYRIA – 36ª SEMANA

TEMA

Unir-se aos sofrimentos de todos os homens pela oferta de vida

OBJETIVO

Destacar a caridade universal para com todos os povos e públicos, à luz do testemunho de São João Paulo II.

MATERIAL

Vídeo " Documentário sobre São João Paulo II" - <https://www.youtube.com/watch?v=3uJzclwvr3I>

METODOLOGIA

- O dvd indicado para esta formação é um filme bastante extenso, de modo que a oração inicial deve ser abreviada para rapidamente dar início ao vídeo.
 - Apresentando o tema e o objetivo desta formação, introduza à exibição do Vídeo " Documentário sobre São João Paulo II" - <https://www.youtube.com/watch?v=3uJzclwvr3I>.
 - Ao final do filme, oriente que as coisas mais importantes devem ser rezadas ao longo da semana e uma partilha sobre elas será a primeira atividade na próxima reunião do grupo.
-



FASE MARTYRIA – 37ª SEMANA

TEMA

A oração nos une aos sofrimentos dos homens.

OBJETIVO

Destacar a misericórdia para com os sofrimentos da miséria moral, à luz do testemunho de Santa Faustina.

MATERIAL

ANEXO A MISERICÓRDIA DIVINA

ANEXO SANTA FAUSTINA

METODOLOGIA

- Como foi orientado no encerramento da formação passada, faça uma partilha geral e breve sobre a vida de São João Paulo II, à luz do filme exibido na semana anterior.
- Tendo feito isto, apresente o tema e o objetivo da formação de hoje e divida o grupo em 2 equipes, distribuindo para cada uma um dos anexos indicados para hoje. Assim:

Equipe 1 – anexo A MISERICÓRDIA DIVINA

Equipe 2 – anexo SANTA FAUSTINA

- As equipes devem ler o seu anexo correspondente e discutir sobre o MODO PRÁTICO E CONCRETO de viver a experiência da misericórdia apresentada em cada anexo.
 - Em plenário, cada equipe deve apresentar o fruto da sua discussão e ao final eleja com eles, à luz do tema e do objetivo, uma ação para ser vivenciada individualmente ao longo da semana e testemunhada na próxima reunião.
-



ANEXO A MISERICÓRDIA DIVINA

(Moysés Azevedo – Retiro das Autoridades 2014)

"Nós nascemos aos pés de João Paulo II. Vamos entrar um pouco no que São João Paulo II trazia. O que ele trazia dentro do coração quando insistia tanto a respeito da misericórdia divina? O próprio Papa Francisco em alguns momentos trouxe este texto e eu gostaria de trazer este texto¹¹ de João Paulo II quando ele canonizou Santa Faustina para refletirmos. João Paulo II lembrava e também o Papa Francisco que Santa Faustina viveu num período muito doloroso entre duas grandes guerras mundiais, aonde coisas que nunca tinham sido vistas, barbaridades que nunca tinham sido vistas, a humanidade testemunhou-as. E é exatamente naquele período que Jesus aparece a Santa Faustina e aonde Ele fala da misericórdia divina, e João Paulo II nos lembrará. À luz desses acontecimentos ele diz: "O que nos trarão os anos que estão diante de nós? Como será o futuro do homem sobre a terra? A nós não é dado sabê-lo. Contudo, é certo que ao lado de novos progressos não faltarão, infelizmente, experiências dolorosas. Mas a luz da misericórdia divina, que o Senhor quis como que entregar de novo ao mundo através do carisma da Irmã Faustina, iluminará o caminho dos homens do terceiro milênio". O quê que iluminará o caminho dos homens do terceiro milênio? "Mas a luz da misericórdia divina, que o Senhor quis como que entregar de novo ao mundo através do carisma da Irmã Faustina, iluminará o caminho dos homens do terceiro milênio". O quê que iluminará o caminho dos homens do terceiro milênio? A luz da misericórdia divina, como um facho! João Paulo II apresenta como um facho para os homens do terceiro milênio: a luz da misericórdia divina.

É na mesma homilia e isso impressiona um pouco. Sabemos que o Papa João Paulo II instituiu a festa da Misericórdia Divina na Oitava da Páscoa. Qual é o evangelho da Oitava da Páscoa? João 20, e é exatamente esse evangelho que é a origem, digamos que a página do evangelho da nossa vocação, que São João Paulo II evoca esse evangelho não só na instituição do Domingo da Misericórdia, mas o evoca na homilia da canonização de Santa Faustina. E olha o quê que ele diz, lembrando-se deste evangelho: "Cristo ressuscitado, que no Cenáculo traz o grande anúncio da misericórdia divina e confia aos apóstolos o seu ministério: "A paz esteja convosco! Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio... Recebi o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos"". E diz o Papa João Paulo II na homilia da canonização de Santa Faustina: "Antes de pronunciar estas palavras, Jesus mostra as mãos e o lado. Isto é, indica as feridas da Paixão, sobretudo a chaga do coração, fonte onde nasce a grande onda de misericórdia que inunda a humanidade. Daquele Coração a Irmã Faustina Kowalska, a Beata a quem de agora em diante chamaremos Santa, verá partir dois fachos de luz que iluminam o mundo: "Os dois raios, explicou-lhe certa vez o próprio Jesus representam o sangue e a água"". E Jesus disse a irmã Faustina: "A humanidade não encontrará paz, enquanto não se voltar com confiança para a misericórdia divina".

Me impressionou a semelhança deles com aquilo que Deus nos fala como comunidade. A humanidade não encontrará a paz enquanto não se voltar com confiança para a misericórdia divina. Ou seja, a paz é fruto, nós sabemos disso, da reconciliação com Deus e em Deus uns com os outros, é fruto da misericórdia divina. A paz é fruto de quê? A paz é um fruto, é uma consequência do quê? Da misericórdia divina, da reconciliação nossa com Deus e nele da reconciliação nossa uns com os outros. Ele, Jesus, é o Shalom do Pai, porque do Seu coração Ele derrama sobre nós a Sua misericórdia que nos reconcilia com Ele, que nos capacita a amar como Ele, e assim nos introduz na Sua paz, e aí entendemos o que é a paz.

O Papa Francisco na Evangelii Gaudium vai insistir, vai voltar a este ponto e vai insistir: o coração do evangelho é a misericórdia. Este é o núcleo fundamental do evangelho. Tudo na vida cristã só pode ser compreendido, ser lido, encarnado, vivido sob o olhar e sob o entendimento desse amor misericordioso do Pai. Desse amor misericordioso e dessa beleza, o amor salvífico de Deus manifestado na cruz e na ressurreição de Cristo. Cristo Morto e Ressuscitado, fonte de misericórdia e, portanto, de paz para o mundo. Se formos olhar a Evangelii Gaudium, por isso a insistência do anúncio kerigmático, a insistência! Kerigma não é simplesmente o primeiro anúncio. Sim é o primeiro anúncio, mas como se fosse algo inferior e depois vem a catequese, a doutrina superior, não diz o Papa! Tudo na igreja tem de estar montado no kerigma, e a partir do kerigma, e a catequese tem de estar fundamentada no kerigma. A moral cristã tem de ser fruto dessa experiência com o amor misericordioso do Pai revelado no Seu Filho

¹¹ Homilia Papa João Paulo II na canonização de Santa Faustina, em 30 de abril de 2000



Jesus Cristo e comunicado pelo Espírito Santo aos homens. A misericórdia divina, o amor misericordioso de Deus, núcleo e coração do evangelho. Se nós lermos a Evangelii Gaudium vamos ver a insistência do Papa Francisco nessa dimensão.

No artigo 39 da Evangelii Gaudium o Papa diz: "Quando a pregação é fiel ao Evangelho, manifesta-se com clareza a centralidade de algumas verdades e fica claro que a pregação moral cristã não é uma ética estoica, é mais do que uma ascese, não é uma mera filosofia prática nem um catálogo de pecados e erros. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Este convite não há de ser obscurecido em nenhuma circunstância! Todas as virtudes estão ao serviço desta resposta de amor misericordioso". Se tal convite não reflete com vigor e fascínio, se o convite do amor misericordioso, do amor do Pai que dá o Seu filho, no Cristo Morto e Ressuscitado por amor e que nos alcança com a Sua misericórdia, se essa experiência "não reflete com vigor e fascínio o edifício moral da Igreja" e portanto da nossa própria vida, e portanto da nossa comunidade, "o edifício moral da igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o nosso pior perigo; é que, então, não estaremos propriamente a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas".

Diz o Papa: "A mensagem cristã correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter "o perfume do Evangelho"". Sem a misericórdia o que vivemos e transmitimos poderá perder o frescor e já não ter o perfume do evangelho. Isso já é uma coisa que podemos pensar: que perfume exala da nossa vida pessoal? Não é uma pergunta moral, mas é uma pergunta espiritual. Você, nós como comunidade estamos tão imersos vivendo, respirando, experimentando, usufruindo da misericórdia divina para que tudo o que somos e fazemos está impregnado e assim exalando o perfume da misericórdia para que pessoalmente e comunitariamente aquele que se aproximam de nós podem experimentar o odor suave e ao mesmo tempo atraente, a beleza fascinante e transformadora da misericórdia divina? Não é um conceito ou uma ideia, mas é uma experiência pessoal e comunitária que nos gerou, nós fomos convertidos pela misericórdia! Nós fomos transformados pela misericórdia, nós somos continuamente, não fomos, somos continuamente convertidos e transformados pela misericórdia. E se não estamos nos convertendo é porque perdemos o foco desta misericórdia, e é com ela que poderemos ser instrumentos, esse feixe de luz para o homem do novo milênio.

Não nos enganemos. O homem do novo milênio não será convencido pela nossa capacidade. O homem do novo milênio não será encantado pelas nossas ideias. Aliás, o homem do novo milênio é um desiludido com as ideologias. O homem do novo milênio será alcançado não é com moralismos, mas será alcançado por vidas que se deixaram alcançar pela misericórdia, e por um corpo que se deixa se unir ao Corpo de Cristo e que assim exala o perfume de Cristo para a humanidade. Responda um pouco essa pergunta que eu fiz: estou e estamos exalando esse perfume de Cristo, este perfume da misericórdia? Responda na primeira pessoa do singular e do plural: estou e estamos?

Imersos na misericórdia vamos compreendendo que a misericórdia é uma força consoladora. A misericórdia é uma grande consolação de Deus. Aliás, a misericórdia não é só uma consolação para nós, mas a misericórdia é a alegria de Deus. É a nossa alegria, sem ela estaríamos condenados, destruídos, separados, divididos, não teríamos o perdão dos nossos pecados e não teríamos comunhão com Deus nem comunhão com os outros, não saberíamos o que é a paz e o que é a alegria. Quando Jesus aparece aos discípulos diz: "A paz, Shalom! Paz a vós!", e os discípulos ficaram cheios de alegria. A misericórdia é uma consolação, é alegria, mas é uma participação da alegria de Deus, e isso vocês já me ouviram falando, mas só recordando. Aquilo que Jesus fala quando senta na mesa de Mateus e os fariseus ficam escandalizados por Ele ter sentado ali, e isso quem nos lembra é o Papa Francisco, e Jesus olha para os fariseus e diz: "Vocês estão escandalizados porque estou na mesa com os pecadores? É porque vocês não conhecem meu pai. Se vocês conhecessem meu pai aí é que iam se escandalizar mesmo, porque esta é a alegria do meu pai. O meu pai é como o bom pastor", e ele conta a parábola do pastor que deixa as 99, vai e pega a ovelha perdida e cheio de alegria com a ovelha nos seus ombros volta para o redil. Perdoar os pecadores, a misericórdia divina, reconciliar o homem com Deus. Reconciliar o homem é a alegria de Deus."



ANEXO SANTA FAUSTINA

Homília de São João Paulo II na Canonização de Santa Faustina - Domingo, 30 de Abril de 2000

1. "Confitemini Domino quoniam bonus, quoniam in aeternum misericordia eius".

"Louvai o Senhor, porque Ele é bom, porque é eterno o Seu amor" (Sl 118, 1). Assim canta a Igreja na Oitava de Páscoa, como que recolhendo dos lábios de Cristo estas palavras do Salmo, dos lábios de Cristo ressuscitado, que no Cenáculo traz o grande anúncio da misericórdia divina e confia aos apóstolos o seu ministério: "A paz seja convosco! Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós... Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (Jo 20, 21-23).

Antes de pronunciar estas palavras, Jesus mostra as mãos e o lado. Isto é, indica as feridas da Paixão, sobretudo a chaga do coração, fonte onde nasce a grande onda de misericórdia que inunda a humanidade. Daquele Coração a Irmã Faustina Kowalska, a Beata a quem de agora em diante chamaremos Santa, verá partir dois fochos de luz que iluminam o mundo: "Os dois raios, explicou-lhe certa vez o próprio Jesus representam o sangue e a água" (Diário, Libreria Editrice Vaticana, pág. 132).

2. Sangue e água! O pensamento corre rumo ao testemunho do evangelista João que, quando um soldado no Calvário atingiu com a lança o lado de Cristo, vê jorrar dali "sangue e água" (cf. Jo 19, 34). E se o sangue evoca o sacrifício da cruz e o dom eucarístico, a água, na simbologia joanina, recorda não só o baptismo, mas também o dom do Espírito Santo (cf. Jo 3, 5; 4, 14; 7, 37-39).

A misericórdia divina atinge os homens através do Coração de Cristo crucificado: "Minha filha, diz que sou o Amor e a Misericórdia em pessoa", pedirá Jesus à Irmã Faustina (Diário, pág. 374). Cristo derrama esta misericórdia sobre a humanidade mediante o envio do Espírito que, na Trindade, é a Pessoa-Amor. E porventura não é a misericórdia o "segundo nome" do amor (cf. Dives in misericordia, 7), cultuado no seu aspecto mais profundo e terno, na sua atitude de cuidar de toda a necessidade, sobretudo na sua imensa capacidade de perdão?

É deveras grande a minha alegria, ao propor hoje à Igreja inteira, como dom de Deus para o nosso tempo, a vida e o testemunho da Irmã Faustina Kowalska. Pela divina Providência a vida desta humilde filha da Polónia esteve completamente ligada à história do século XX, que há pouco deixámos atrás. De facto, foi entre a primeira e a segunda guerra mundial que Cristo lhe confiou a sua mensagem de misericórdia. Aqueles que recordam, que foram testemunhas e participantes nos eventos daqueles anos e nos horríveis sofrimentos que daí derivaram para milhões de homens, bem sabem que a mensagem da misericórdia é necessária.

Jesus disse à Irmã Faustina: "A humanidade não encontrará paz, enquanto não se voltar com confiança para a misericórdia divina" (Diário, pág. 132). Através da obra da religiosa polaca, esta mensagem esteve sempre unida ao século XX, último do segundo milénio e ponte para o terceiro. Não é uma mensagem nova, mas pode-se considerar um dom de especial iluminação, que nos ajuda a reviver de maneira mais intensa o Evangelho da Páscoa, para o oferecer como um raio de luz aos homens e às mulheres do nosso tempo.

3. O que nos trarão os anos que estão diante de nós? Como será o futuro do homem sobre a terra? A nós não é dado sabê-lo. Contudo, é certo que ao lado de novos progressos não faltarão, infelizmente, experiências dolorosas. Mas a luz da misericórdia divina, que o Senhor quis como que entregar de novo ao mundo através do carisma da Irmã Faustina, iluminará o caminho dos homens do terceiro milénio.

Assim como os Apóstolos outrora, é necessário porém que também a humanidade de hoje acolha no cenáculo da história Cristo ressuscitado, que mostra as feridas da sua crucifixão e repete: A paz seja convosco! É preciso que a humanidade se deixe atingir e penetrar pelo Espírito que Cristo ressuscitado lhe dá. É o Espírito que cura as feridas do coração, abate as barreiras que nos separam de Deus e nos dividem entre nós, restitui ao mesmo tempo a alegria do amor do Pai e a da unidade fraterna.

4. É importante, então, que acolhamos inteiramente a mensagem que nos vem da palavra de Deus neste segundo Domingo de Páscoa, que de agora em diante na Igreja inteira tomará o nome de "Domingo da Divina Misericórdia". Nas diversas leituras, a liturgia parece traçar o caminho da misericórdia que, enquanto reconstrói a relação de cada um com Deus, suscita também entre os homens novas relações de solidariedade fraterna. Cristo ensinou-nos que "o homem não só recebe e experimenta a misericórdia de Deus, mas é também chamado a "ter misericórdia" para com os demais. "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (Mt 5, 7)" (Dives in misericordia, 14). Depois, Ele indicou-nos as múltiplas vias da misericórdia, que não só perdoa os pecados, mas vai também



ao encontro de todas as necessidades dos homens. Jesus inclinou-se sobre toda a miséria humana, material e espiritual.

A sua mensagem de misericórdia continua a alcançar-nos através do gesto das suas mãos estendidas rumo ao homem que sofre. Foi assim que O viu e testemunhou aos homens de todos os continentes a Irmã Faustina que, escondida no convento de Lagiewniki em Cracóvia, fez da sua existência um cântico à misericórdia: *Misericordias Domini in aeternum cantabo*.

5. A canonização da Irmã Faustina tem uma eloquência particular: mediante este acto quero hoje transmitir esta mensagem ao novo milénio. Transmito-a a todos os homens para que aprendam a conhecer sempre melhor o verdadeiro rosto de Deus e o genuíno rosto dos irmãos.

Amor a Deus e amor aos irmãos são de facto inseparáveis, como nos recordou a primeira Carta de João: "Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os Seus mandamentos" (5, 2). O Apóstolo recorda-nos nisto a verdade do amor, indicando-nos na observância dos mandamentos a medida e o critério.

Com efeito, não é fácil amar com um amor profundo, feito de autêntico dom de si. Aprende-se este amor na escola de Deus, no calor da sua caridade. Ao fixarmos o olhar n'Ele, ao sintonizarmo-nos com o seu coração de Pai, tornamo-nos capazes de olhar os irmãos com olhos novos, em atitude de gratuidade e partilha, de generosidade e perdão. Tudo isto é misericórdia!

Na medida em que a humanidade souber aprender o segredo deste olhar misericordioso, manifesta-se como perspectiva realizável o quadro ideal, proposto na primeira leitura: "A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia mas, entre eles, tudo era comum" (Act 4, 32). Aqui a misericórdia do coração tornou-se também estilo de relações, projecto de comunidade, partilha de bens. Aqui floresceram as "obras da misericórdia", espirituais e corporais. Aqui a misericórdia tornou-se um concreto fazer-se "próximo" dos irmãos mais indigentes.

6. A Irmã Faustina Kowalska deixou escrito no seu Diário: "Sinto uma tristeza profunda, quando observo os sofrimentos do próximo. Todas as dores do próximo se repercutem no meu coração; trago no meu coração as suas angústias, de tal modo que me abatem também fisicamente.

Desejaria que todos os sofrimentos caíssem sobre mim, para dar alívio ao próximo" (pág. 365). Eis a que ponto de partilha conduz o amor, quando é medido segundo o amor de Deus!

É neste amor que a humanidade de hoje se deve inspirar, para enfrentar a crise de sentido, os desafios das mais diversas necessidades, sobretudo a exigência de salvaguardar a dignidade de cada pessoa humana. A mensagem de misericórdia divina é assim, implicitamente, também uma mensagem sobre o valor de todo o homem. Toda a pessoa é preciosa aos olhos de Deus; Cristo deu a vida por cada um; o Pai dá o seu Espírito a todos, oferecendo-lhes o acesso à Sua intimidade.

7. Esta mensagem consoladora dirige-se sobretudo a quem, afligido por uma provação particularmente dura ou esmagado pelo peso dos pecados cometidos, perdeu toda a confiança na vida e se sente tentado a ceder ao desespero. Apresenta-se-lhe o rosto suave de Cristo, chegando-lhe aqueles raios que partem do seu Coração e iluminam, aquecem e indicam o caminho, e infundem esperança. Quantas almas já foram consoladas pela invocação "Jesus, confio em Ti", que a Providência sugeriu através da Irmã Faustina! Este simples acto de abandono a Jesus dissipa as nuvens mais densas e faz chegar um raio de luz à vida de cada um.

"Jezu ufam tobie!"

8. *Misericordias Domini in aeternum cantabo* (SI 88 [89], 2). À voz de Maria Santíssima, "Mãe da misericórdia", à voz desta nova Santa, que na Jerusalém celeste canta a misericórdia juntamente com todos os amigos de Deus, unamos também nós, Igreja peregrinante, a nossa voz.

E tu, Faustina, dom de Deus ao nosso tempo, dádiva da terra da Polónia à Igreja inteira, obtém-nos a graça de perceber a profundidade da misericórdia divina, ajuda-nos a torná-la experiência viva e a testemunhá-la aos irmãos! A tua mensagem de luz e de esperança se difunda no mundo inteiro, leve à conversão os pecadores, amenize as rivalidades e os ódios, abra os homens e as nações à prática da fraternidade. Hoje, ao fixarmos contigo o olhar no rosto de Cristo ressuscitado, fazemos nossa a tua súplica de confiante abandono e dizemos com firme esperança:

Jesus Cristo, confio em Ti!

(https://w2.vatican.va/content/johnpaulii/pt/homilies/2000/documents/hf_jpii_hom_20000430_faustina.html)



FASE MARTYRIA – 38ª SEMANA

TEMA

Os filhos de Deus se unem aos sofrimentos do seu povo

OBJETIVO

Destacar a caridade para com os sofrimentos da pobreza material, à luz do testemunho de Santa Teresa de Calcutá.

MATERIAL

ANEXO AMOR SEMPRE DÓI

ANEXO PRÊMIO NOBEL DA PAZ 1979

METODOLOGIA

- Após apresentar o tema e o objetivo da formação prevista para hoje, divida os membros em pequenos grupos para leitura dos anexos AMOR SEMPRE DÓI e PRÊMIO NOBEL DA PAZ 1979, respondendo as perguntas propostas. Metade do grupo deve receber o primeiro anexo, AMAR SEMPRE DÓI, e a outra metade, o segundo anexo, PRÊMIO NOBEL DA PAZ 1979.
 - Os grupos façam uma leitura respondendo as perguntas apresentadas no decorrer do texto. Dê bastante tempo para a leitura e para a reflexão e respostas as perguntas do anexo.
 - Em plenário e através de um representante de cada grupo, seja partilhado o que foi mais interessante, o que mais nos impressionou na vida de Madre Teresa.
 - Encerre a formação, elegendo alguma ação individual a ser praticada por todos ao longo da semana e partilhada na próxima reunião. **ATENÇÃO! ESSE É O MOMENTO MAIS IMPORTANTE DA FORMAÇÃO DE HOJE!** Não deixe de orientar essa concretização!
-

Discurso de Madre Teresa de Calcutá sobre o aborto

“Não é suficiente dizermos “eu amo a Deus”. Mas eu também tenho que amar meu próximo. São João diz que você é um mentiroso se você diz que ama a Deus e você não ama seu próximo. Como você pode amar a Deus que você não vê, se você não ama seu próximo que você vê, que você toca, com quem você vive? E assim é muito importante para nós percebermos que o amor, para ser verdadeiro, tem que doer. Eu devo estar disposta a dar tudo que for necessário para não prejudicar outras pessoas e, de fato, para fazer o bem a elas. Isto requer que eu esteja disposta a dar até que doa. Caso contrário, não há nenhum verdadeiro amor em mim e eu trago injustiça, não paz, para aqueles ao meu redor.

Doeu a Jesus nos amar. Nós fomos criados à sua imagem para coisas maiores, para amar e ser amado. Nós temos que “nos revestir de Cristo”, como a Escritura nos fala. E assim nós fomos criados para amar como ele nos ama. Jesus se faz o faminto, o desnudo, o sem casa, o não desejado, e ele diz, “Você fez isto a mim”. No último dia ele dirá àqueles à sua direita, “tudo que você fez ao menor destes, você fez a mim”, e ele também dirá àqueles à sua esquerda, “tudo que você deixou de fazer para o menor destes, você deixou de fazer a mim”.

Quando ele estava morrendo na Cruz, Jesus disse “eu tenho sede”. Jesus tem sede do nosso amor, e esta é a sede de todos, tanto pobres como ricos. Todos nós temos sede do amor dos outros, de que eles saiam do seu caminho para evitar nos prejudicar e para fazer o bem a nós. Este é o significado do verdadeiro amor, dar até que doa. (...)

Mas eu sinto que o maior destruidor da paz hoje é o aborto, porque é uma guerra contra a criança – um assassinato direto da criança inocente – assassinato pela própria mãe. (...) Assim a mãe que está pensando em aborto, deveria ser ajudada a amar – quer dizer, a dar até que fira seus planos, ou o seu tempo livre, para respeitar a vida da sua criança. O pai daquela criança, seja quem for, também tem que dar até que doa. Pelo aborto, a mãe não aprende amar, mas mata até mesmo a sua própria criança para resolver os seus problemas. E pelo aborto, é dito ao pai que ele não precisa ter responsabilidade alguma pela criança que ele trouxe ao mundo. É provável que aquele pai coloque outras mulheres na mesma dificuldade. Assim o aborto apenas leva a mais aborto. Qualquer país que aceite o aborto não está ensinando as pessoas a amar, mas a usar qualquer violência para conseguir o que eles querem. É por isso que o maior destruidor do amor e da paz é o aborto. (...)

Reflitamos juntos

- Talvez tenhamos encontrado na nossa vida, ou mesmo hoje estejamos passando por situações em que somos chamados a amar até doer. Partilhem em grupo que situações são estas e como temos reagido.

- Madre Teresa vivia uma vida voltada para o outro. Neste tempo, Deus tem te conduzido a olhar para o outro que sofre e que talvez esteja bem perto de você. Partilhem.

“Eu quero esta criança!”

E por isto eu apelo na Índia e eu apelo em todos os lugares: “Deixe-nos trazer a criança de volta”. A criança é o presente de Deus à família. Cada criança é criada à especial imagem e semelhança de Deus para coisas maiores – amar e ser amado. Neste Ano da Família nós precisamos trazer a criança de volta para o centro de nosso cuidado e preocupação. Este é o único modo pelo qual o nosso mundo pode sobreviver, porque nossas crianças são a única esperança para o futuro. À medida que as outras pessoas são chamadas para Deus, só as suas crianças podem tomar os seus lugares. (...)

Eu vou contar uma coisa bonita a vocês. Nós estamos lutando contra o aborto pela adoção – pelo cuidado à mãe e a adoção para o seu bebê. Nós salvamos milhares de vidas. Nós avisamos as clínicas, os hospitais, e delegacias de polícia: “Por favor não destruam a criança; nós ficaremos com a criança”. Assim nós sempre conseguimos que alguém diga às mães em dificuldade: “Venha, nós cuidaremos de você, nós conseguiremos uma casa para sua criança”.

E nós temos uma tremenda demanda dos casais que não podem ter uma criança. Mas eu nunca dou uma criança a um casal que fez algo para não ter uma criança. Jesus disse, “Qualquer um que recebe uma criança em meu nome, me recebe.” Adotando uma criança, estes casais recebem Jesus, mas abortando uma criança, um casal recusa-se a receber Jesus.



Por favor não matem a criança. Eu quero a criança. Por favor me deem a criança. Eu estou disposta a aceitar qualquer criança que seria abortada, e a dar aquela criança a um casal casado que amará a criança, e será amado pela criança. Da casa de nossas crianças em Calcutá apenas, nós salvamos mais de 3.000 crianças de abortos. Estas crianças trouxeram tal amor e alegria para os seus pais adotivos, e cresceram tão cheias de amor e alegria! Eu sei que os casais têm que planejar a sua família, e para isso há planejamento familiar natural. O modo para planejar a família é planejamento familiar natural, não contracepção. Destruindo o poder de dar vida, pela contracepção, um marido ou esposa está fazendo algo a si mesmo. Isto dirige a atenção para si mesmo, e assim destrói o dom de amor nele ou ela. Amando, o marido e esposa têm que dirigir a atenção um para o outro, como acontece no planejamento familiar natural, e não para si mesmos, como acontece na contracepção. Uma vez que aquele amor vivo é destruído pela contracepção, o aborto segue muito facilmente. (...)

Reflitamos juntos

- Temos conhecimento e temos acompanhado o drama de várias crianças no mundo inteiro que tem tido suas vidas tiradas por conta do aborto? Temos nos posicionado contra este mal, na nossa vida através do testemunho e do nosso modo de ver a família, isto é, acolhendo a criança como um dom e estando abertos a vida?

- Que outro tipo de males tem afligido a humanidade neste tempo, leis e ideologias contra a vida?
- Temos rezado contra tais políticas e ideologias?

Os pobres são pessoas muito grandes. Eles podem nos ensinar tantas coisas bonitas. Uma vez um deles veio nos agradecer por ensinar a eles planejamento familiar natural, e disse: "Vocês – que praticaram castidade – vocês são as pessoas mais indicadas para nos ensinar planejamento familiar natural, porque não é nada além de autocontrole por amor um ao outro." E o que esta pessoa pobre disse é bem verdade. Estas pessoas pobres talvez não tenham nada para comer, talvez elas não tenham uma casa para viver, mas eles ainda podem ser grandes pessoas quando eles são espiritualmente ricos. Aqueles que são materialmente pobres podem ser pessoas maravilhosas.

Reflitamos juntos

- No carisma Shalom, pobre é principalmente aquele que não conhece a Deus. Identifiquem quem são os pobres do tempo de hoje.

- Temos um olhar de esperança sobre eles, assim como Madre Tereza no trecho acima?
- Temos um olhar de desprezo para com os pobres? Como me sinto perto deles?

Fonte: <http://blog.comshalom.org/vidasemduvida/o-inesquecivel-discurso-de-madre-teresa-de-calcuta-contra-o-aborto/>



ANEXO PRÊMIO NOBEL DA PAZ 1979

Discurso de madre Teresa ao receber o prêmio Nobel da paz 1979

"(esus se faz um faminto, o despido, o desabrigado, o doente, o preso, o que está só, o que ninguém quer, e afirma: "a mim o fizeste." Ele tem fome do nosso amor e essa é a fome dos nossos pobres. Essa é a fome que você e eu devemos encontrar e que pode estar dentro de nossa própria casa. Eu fui visitar um asilo onde havia todos esses pais idosos. (...) Eu vi que naquele asilo tinham de tudo (...) mas que todos estavam sempre olhando para a porta. (...) Virei para a Irmã e perguntei: (...) "Como é que todas estas pessoas que tem tudo aqui estão sempre olhando para a porta, por que não estão sorrindo? "Estou tão acostumada a ver os sorrisos da nossa gente, até os moribundos sorriem. E ela disse: "Isto acontece quase todos os dias. (...) Eles tem a esperança de que um filho ou uma filha venha visitá-los. Estão magoados porque foram esquecidos." (...) É aqui que entra o amor. (...) Talvez dentro da nossa própria família tenhamos alguém que se sente só, que está doente, que está preocupado. (...) Estamos presentes para receber essas pessoas?"

Reflitamos juntos

- Conhecemos situações parecidas, em que pessoas tem aparentemente tudo, mas lhes falta algo tão fundamental como ser amadas? Você se inquieta e se compadece destas pessoas? Partilhem...

- Paremos um pouco a leitura e todos juntos rezemos uma AVE MARIA pelos que foram abandonados nos asilos e hospitais.

Fiquei surpresa no Ocidente, ao ver tantos rapazes e moças entregues às drogas e tentei descobrir o porquê. (...) "Porque não há ninguém na família que os receba." O pai e a mãe estão tão ocupados, não tem tempo. (...) A criança volta para as ruas e se envolvem em alguma coisa. (...) Essas são coisas que destroem a paz. Mas sinto que o maior destruidor da paz hoje é o aborto, porque é uma guerra direta, uma morte direta, um assassinato direto, pela própria mãe. E nós lemos na escritura, pois Deus nos diz muito claro: "Ainda que a mãe se esquecesse do menino que amamenta, Eu nunca te esquecerá. Eis que Eu te gravei nas palmas das minhas mãos." Aquela criança não nascida foi gravada nas mãos de Deus. (...) Muitas pessoas estão muito, muito preocupadas com as crianças da Índia, com as crianças da África, onde muitas morrem, talvez de desnutrição, de fome e por aí a fora, mas milhões morrem deliberadamente pela vontade da própria mãe. E isso é o maior destruidor da paz hoje. Por que se uma mãe é capaz de matar o seu próprio filho, o que falta para eu matar você e você me matar? Não falta nada.

Reflitamos juntos

- Já passamos por situações parecidas onde não demos a atenção necessária aqueles da nossa família, trabalho, faculdade, escola? Temos nos relacionado com as pessoas, estado presentes nos seus sofrimentos?

- Vocês percebem a tendência atual de individualismo, onde muitas vezes não se valoriza o relacionamento familiar ou a amizade desinteressada com laços profundos? Como podemos responder concretamente a esse movimento?

Vamos nos assegurar neste ano de que faremos com que todas as crianças nascidas e por nascer, sejam queridas. (...) Fizemos realmente com que as crianças fossem queridas? (...) Pegamos (um homem) abandonado em um esgoto, meio comido pelos vermes, e o levamos para o abrigo conosco: "Vivi como um animal na rua, mas vou morrer como um anjo, amado e bem cuidado." E foi tão maravilhoso ver a grandeza daquele homem, que era capaz de falar daquela maneira, que era capaz de morrer daquela maneira sem culpar ninguém, sem amaldiçoar ninguém, sem comparar nada. Como um anjo – é essa a grandeza da nossa gente. E é por isso que acreditamos naquilo que Jesus disse: "Eu tive fome, estava despido, não tinha casa, não era querido, não era amado, ninguém cuidava de mim – e Tu fizeste-me isso."

Reflitamos juntos

- No carisma Shalom, pobre é principalmente aquele que não conhece a Deus. Identifiquem quem são os pobres do tempo de hoje.

- Temos um olhar de esperança sobre eles, assim como Madre Tereza no trecho acima?

- Temos um olhar de desprezo para com os pobres? Como me sinto perto deles?



Fonte: KOLODIEJCHUK, B. Madre Teresa - Venha, seja minha luz. Ed. Thomas Nelson Brasil. Rio de Janeiro, 2008.

FASE MARTYRIA – 39ª SEMANA

TEMA

Paz a vós!

OBJETIVO

Destacar a compaixão para com os sofrimentos da pobreza espiritual, à luz da missão evangelizadora do Carisma Shalom.

MATERIAL

ANEXO ESCRITO SHALOM

METODOLOGIA

Após apresentação do tema e do objetivo, dê início à pregação à luz do anexo ESCRITO SHALOM sobre os pontos destacados abaixo:

- ✓ *A verdadeira paz que não vem dos homens, mas de Deus.*
 - ✓ *Ele é o Shalom que tantos corações como o mundo necessitam.*
 - ✓ *Não a paz que o mundo dá, pois ela não é verdadeira, é uma ilusão que engana o coração do homem, mas a paz que Jesus traz (Jo 14,27), a paz da reconciliação com Deus.*
 - ✓ *"(...) levamos com a nossa vida, com a nossa palavra, e com o nosso testemunho, o Shalom de Deus aos corações; a sermos instrumentos de reconciliação do mundo com Deus; a anunciarmos com todo o nosso coração, com todas as nossas forças a salvação de Jesus Cristo e o seu Evangelho.*
 - ✓ *O mundo só encontrará a Paz se encontrar Jesus, e é este Jesus que nós devemos proclamar em todo o tempo e lugar.*
 - ✓ *Para instaurar a paz nos corações e no mundo o Senhor nos chama a anunciar Jesus Cristo e a formar autênticos filhos de Deus.*
 - ✓ *Devemos ser a voz do Cristo ressuscitado.*
 - ✓ *Não existe paz senão como fruto do Espírito Santo, e nunca poderemos usufruir deste fruto se não o cultivarmos através da oração e da renúncia de si mesmo (mortificação de que a Rainha da Paz nos falou). É este caminho seguro que o Evangelho nos dá. É por ele que queremos seguir. A ele desejamos abraçar, vivenciar e proclamar.*
 - ✓ *É necessário estabelecer paz, reconciliar o coração do homem com Deus através de Jesus Cristo (primeiro e fundamental passo).*
 - ✓ *É preciso reconciliar o coração do homem com o próprio homem, reconciliar o coração do homem com a natureza e com as coisas. Somente pelo poder do Espírito Santo isto pode ser realizado. É necessário ensinar os homens a orar, a se voltarem para o Senhor. É necessário estabelecer o amor de Deus nos lares, nas famílias, nos relacionamentos, nas profissões, na sociedade, no mundo!*
 - ✓ *Experiência que só o Espírito Santo nos dá, experiência daqueles que nascem de novo, não pela carne nem pelo sangue, mas pelo Espírito de Deus (Jo 1, 13); dos que nascem para Deus, para a Igreja, para os irmãos e partem para uma busca sincera e autêntica de Deus e da Sua Vontade para suas vidas.*
- Encerre a formação com testemunhos sobre como fomos consolados dos nossos sofrimentos através da missão evangelizadora do carisma Shalom no Caminho da Paz.
-

"Quando o Senhor na sua infinita providência nos deu o nome Shalom para a Obra e a Comunidade que Ele iniciava, nunca poderíamos medir o alcance do que Ele nos queria falar; foi no decorrer da caminhada, na vivência da nossa fé, na correspondência ao chamado que nos fazia, que Ele foi mansamente desenhando em nós, e nos dando a graça de compreender toda a grandeza da nossa vocação. O nome Shalom não é um simples nome da Comunidade, mas encerra o desígnio de Deus a respeito do nosso chamado, da nossa vocação.

Para o povo de Deus, que esperava ansiosamente a manifestação do Messias, a saudação Shalom era já como um anúncio da salvação. Quando saudavam-se mutuamente com o "Shalom", eles expressavam o desejo de toda a sorte de bens espiritual e físico: a felicidade perfeita, a salvação que o Messias viria dar, a plenitude da PAZ. A verdadeira paz que não vem dos homens, mas de Deus.

Jesus assim é o próprio Shalom do Pai, Ele vem nos dar a perfeita felicidade, a salvação. Ele é o Shalom que tantos corações como o mundo necessitam. É Ele quem nos conduz à única e verdadeira paz. Não à paz que o mundo oferece, ou que os homens ingenuamente querem estabelecer, baseada somente em si próprios, como uma simples conquista da humanidade, pelo estabelecimento da "justiça humana", ou apenas pela ausência de guerra. Não a paz que o mundo dá, pois ela não é verdadeira, é uma ilusão que engana o coração do homem, mas a paz que Jesus traz (Jo 14,27), a paz da reconciliação com Deus, a paz da conversão, do voltar-se para Jesus, de reconhecê-lo como Salvador e Senhor da humanidade, único caminho da verdadeira paz, da verdadeira justiça (o Evangelho), do verdadeiro amor.

Enquanto os homens procurarem a sua paz e a sua salvação em si próprios; enquanto acharem que podem resolver os seus problemas do mundo por si mesmos; enquanto pensarem que podem instalar uma paz social e política e assim trazer a felicidade geral ao mundo, sem a conversão dos corações a Jesus; sem reconhecê-lo como a solução, a salvação para todo o homem e para a humanidade, longe eles estarão da paz, do Shalom que Deus quer instaurar na face da terra.

Quando N.Sra. em Medjugorje, onde se intitula Rainha da Paz fala de paz, "não se refere apenas à paz no sentido político, na ausência de conflitos entre as nações, e sim à paz que é dom do Espírito Santo (...) Por isso declara que o problema da Paz deve ser resolvido com a regra da conversão, que só pode ser alcançada através da oração e da mortificação (...) a conversão é o caminho que conduz à paz: o mundo não encontrará a paz, se não se voltar para Deus".

É aí que se manifesta o desígnio de Deus para a nossa vocação. Em um mundo marcado pelo pecado, "que errou bastante acerca do conhecimento de Deus, onde reinam tantos males, o ocultismo, a não conservação da pureza nem na vida, nem no matrimônio, a impureza, o adultério, sangue, crime, roubo, fraude, corrupção, deslealdade, revolta, perjúrio, perseguição dos bons, esquecimento da gratidão, impureza das almas, inversão sexual, desordens no casamento, despudor e etc, e ainda se diz em paz "(Sb 14, 22-26); o Senhor nos chama a sermos anunciadores da sua paz (Is 52), a vivermos e proclamarmos a Sua Paz. A levamos com a nossa vida, com a nossa palavra, e com o nosso testemunho, o Shalom de Deus aos corações; a sermos instrumentos de reconciliação do mundo com Deus; a anunciarmos com todo o nosso coração, com todas as nossas forças a salvação de Jesus Cristo e o seu Evangelho.

O mundo só encontrará a Paz se encontrar Jesus, e é este Jesus que nós devemos proclamar em todo o tempo e lugar. Para instaurar a paz nos corações e no mundo o Senhor nos chama a anunciar Jesus Cristo e a formar autênticos filhos de Deus. Devemos levar a todos aqueles que o Senhor nos enviar, o que Ele ordenou quando enviou os seus discípulos: "Paz a esta casa", e ali, pelo poder de Jesus estabelecer a paz, anunciando o Evangelho, o Reino de Deus que está próximo, curando os enfermos, derramando o Espírito Santo (Lc 10,1-12), estabelecendo assim o Shalom de Deus. Devemos ser a voz do Cristo ressuscitado, que faz da sua primeira palavra para os apóstolos um anúncio de paz (Jo 20, 19-21), pois, Vitorioso, Ressuscitado, cheio de autoridade e poder, Ele é a única paz para o coração do homem. "Cristo é a nossa paz" (Ef 2,14).

Para proclamarmos a paz, temos acima de tudo, que vivê-la, tê-la em nosso coração. Temos que ser portadores desta paz pois não podemos dar o que não possuímos, e a única maneira de possuir esta paz é deixar-se possuir por Jesus Cristo, Senhor nosso. Como a Rainha da Paz disse, é no caminho da oração, do mergulho no coração de Deus, no deixar-se encharcar do Seu Santo Espírito que nós poderemos viver na paz.



A paz é fruto do Espírito Santo e somente por uma união profunda no Espírito de Deus podemos ser embebidos dela. Não existe paz senão como fruto do Espírito Santo, e nunca poderemos usufruir deste fruto se não o cultivarmos através da oração e da renúncia de si mesmo (mortificação de que a Rainha da Paz nos falou). É este caminho seguro que o Evangelho nos dá. É por ele que queremos seguir. A ele desejamos abraçar, vivenciar e proclamar.

Para sermos portadores da paz, para vivermos a Bem-Aventura dos pacíficos, temos que deixar que Deus nos pacifique interiormente, que pacifique a nossa confusão interior, a luta das nossas paixões, a nossa busca de auto-satisfação, os apelos da carne, os nossos pecados, o nosso egoísmo, as nossas sedes de orgulho e vaidade.

É preciso que Ele pacifique todo o nosso ser dando a vitória ao "Homem Espiritual sobre o homem natural" (I Cor 2, 12-16). Assim Ele estabelecerá a paz nos nossos corações e pelo seu poder, poderemos transbordar esta paz, a todos os que dela tem fome e sede.

Nossa vocação tem a união das duas célebres vocações: a de contemplação e da ação. A contemplação a Jesus Ressuscitado, a vida de oração profunda com Jesus é a fonte da paz, da ação do Espírito Santo, e a ação é a manifestação desta paz que Jesus nos dá, fazendo-nos missionários da paz, missionários do Espírito Santo.

É necessário estabelecer paz, reconciliar o coração do homem com Deus através de Jesus Cristo (primeiro e fundamental passo).

É preciso reconciliar o coração do homem com o próprio homem, reconciliar o coração do homem com a natureza e com as coisas. Somente pelo poder do Espírito Santo isto pode ser realizado. É necessário ensinar os homens a orar, a se voltarem para o Senhor. É necessário estabelecer o amor de Deus nos lares, nas famílias, nos relacionamentos, nas profissões, na sociedade, no mundo! É necessário estabelecer a paz, mas tudo isto só acontece quando recebemos Jesus no coração. "Homem, converte-te ao Senhor Jesus e encontrarás a Paz que tanto buscas!".

A conversão a Jesus Cristo é o caminho para verdadeira paz. Porém não a conversão simplesmente intelectual, racional; não uma conversão baseada somente numa aceitação a verdades dogmáticas, não a conversão estéril, mas uma conversão que nasce de uma experiência pessoal com Jesus Cristo, o Deus Vivo, que penetra nas nossas vidas, inundando-as do amor do Pai, uma experiência que não é só sentimental, mas que invade as nossas vidas, transformando todo o nosso ser e prolongando-se através da oração, da Palavra de Deus, dos Sacramentos, do testemunho de vida e do serviço aos irmãos. Experiência do amor que leva a amar, a Deus e aos irmãos. Experiência que só o Espírito Santo nos dá, experiência daqueles que nascem de novo, não pela carne nem pelo sangue, mas pelo Espírito de Deus (Jo 1, 13); dos que nascem para Deus, para a Igreja, para os irmãos e partem para uma busca sincera e autêntica de Deus e da Sua Vontade para suas vidas. Este é o caminho da paz, um caminho de Renovação.

"Como são belos, sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: **O TEU DEUS REINA**" (Is 52, 7).

Que o Senhor Jesus nos dê a graça de vivermos esta nossa vocação!"



FASE MARTYRIA – 40ª SEMANA

TEMA

O Evangelho, luz para os sofrimentos do mundo

OBJETIVO

Destacar a ousadia de levar o conhecimento de Deus a todos os âmbitos da vida cotidiana, secular e profissional, à luz do testemunho do São José Maria Escrivá.

MATERIAL

ANEXO SÃO JOSÉ MARIA ESCRIVÁ

METODOLOGIA

- Após apresentar de forma clara e comentada o tema e o objetivo da formação de hoje, distribua para cada membro o anexo SÃO JOSÉ MARIA ESCRIVÁ e leiam juntos orientando que sejam grifadas as partes que mais lhe chamar a atenção.
 - Em seguida, faça uma partilha geral sobre as oportunidades de evangelização através da vida profissional, acadêmica/escolar, da vida familiar e demais situações cotidianas por onde se pode testemunhar concretamente o seguimento de Jesus, à luz do testemunho de São José Maria Escrivá apresentado no anexo.
 - Encerre a formação com um momento de oração pedindo pela intercessão de São José Maria Escrivá a renovação de uma vida dedicada ao testemunho do Evangelho na ordinariedade da vida.
-



ANEXO SÃO JOSÉ MARIA ESCRIVÁ

(Homília de São João Paulo II na canonização de São José Maria Escrivá - Domingo, 6 de Outubro de 2002)

"1. *"Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus"* (Rm 8, 14). Estas palavras do Apóstolo Paulo, que acabaram de ressoar na nossa assembleia, ajudam-nos a compreender melhor a significativa mensagem da Canonização de José Maria Escrivá de Balaguer. Ele deixou-se orientar pelo Espírito, convencido de que só assim se pode cumprir plenamente a vontade de Deus. Esta verdade cristã fundamental era um tema frequente da sua pregação. Com efeito, ele não cessava de convidar os seus filhos espirituais a invocar o Espírito Santo, para fazer com que a vida interior, ou seja, a vida de relação com Deus, e a vida familiar, profissional e social, totalmente feita de pequenas coisas terrestres, não fossem separadas, mas constituíssem uma única existência "santa e plena de Deus". "Encontramos Deus invisível escrevia nas coisas mais visíveis e materiais" (*Colóquios com Mons. Escrivá*, n. 114). Este seu ensinamento é actual e urgente também nos dias de hoje. Em virtude do Baptismo que o insere em Cristo, o fiel é chamado a ter uma relação incessante e vital com o Senhor. É chamado a ser santo e a colaborar para a salvação da humanidade.

2. *"O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no Jardim do Éden, para que o cultivasse e guardasse"* (Gn 2, 15). O Livro do Génesis, que escutámos na primeira Leitura, recorda-nos que o Criador confiou a terra ao homem, para que a "cultivasse" e "guardasse". Trabalhando nas várias realidades deste mundo, os fiéis contribuem para realizar este projecto divino universal. O trabalho e qualquer outra actividade que se leva a cabo, com a ajuda da Graça, transformam-se em meios de santificação quotidiana. "A vida habitual do cristão que tem fé costumava afirmar José Maria Escrivá quer trabalhe quer descanse, quer reze quer durma, em todos os momentos, é uma vida em que Deus está sempre presente" (*Meditações*, 3 de Março de 1954). Esta visão sobrenatural da existência abre um horizonte extraordinariamente rico de perspectivas salvíficas, porque também no contexto, só aparentemente monótono das normais vicissitudes terrestres, Deus se torna próximo de nós, enquanto nós podemos contribuir para o seu desígnio de salvação. Assim, é mais fácil compreender aquilo que afirma o Concílio Vaticano II, ou seja, que "a mensagem cristã não afasta os homens da construção do mundo [...] impõe-lhes, ao contrário, um dever" (*Gaudium et spes*, 34).

Elevar o mundo a Deus e transformá-lo a partir de dentro: eis o ideal que o Santo Fundador vos indica, queridos Irmãos e Irmãs, que hoje vos alegrais com a sua elevação à glória dos altares. Ele continua a recordar-vos a necessidade de não vos deixar amedrontar por uma cultura materialista, que ameaça dissolver a identidade mais genuína dos discípulos de Cristo. Ele gostava de repetir, com determinação, que a fé cristã se opõe ao conformismo e à inércia interior. Seguindo os seus passos difundi na sociedade, sem distinção de raça, de classe, de cultura ou de idade, a consciência de que todos nós somos chamados à santidade. Esforçai-vos por ser santos, em primeiro lugar vós mesmos, cultivando um estilo evangélico de humildade, de serviço, de abandono na Providência e de escuta constante da voz do Espírito. Desta forma, sereis o "sal da terra" (cf. *Mt* 5, 13) e "a vossa luz brilhará diante dos homens, para que eles vejam as boas obras que fazeis e louvem o vosso Pai que está nos céus" (*Ibid.*, v. 16).

4. Sem dúvida, para quem procura servir a causa do Evangelho com fidelidade, não faltam incompreensões nem dificuldades. Com a força misteriosa da Cruz, o Senhor purifica e modela quantos Ele chama a segui-lo; porém, na Cruz o Santo gostava de repetir encontramos luz, paz e alegria: *Lux in Cruce, requies in Cruce, gaudium in Cruce!* Desde que, no dia 7 de Agosto de 1931, durante a celebração da Santa Missa, ressoaram na sua alma as palavras de Jesus: "Quando Eu for levantado da terra, atrairei todos a mim" (*Jo* 12, 32), José Maria Escrivá compreendeu mais claramente que a missão dos baptizados consiste em elevar a Cruz acima de toda a realidade humana, e sentiu surgir no seu interior a apaixonante vocação a evangelizar todos os ambientes. Assim, foi sem hesitação que acolheu o convite dirigido por Jesus ao Apóstolo Pedro, e que acaba de ressoar nesta Praça: *"Duc in altum!"*. Transmitiu-o a toda a sua Família espiritual, para que oferecesse à Igreja uma válida contribuição de comunhão e de serviço apostólico. No dia de hoje, este convite alarga-se a todos nós: *"Avança para águas mais profundas diz-nos o Mestre divino e lança as redes para a pesca"* (*Lc* 5, 4).

5. Porém, para desempenhar uma missão tão comprometedora, é necessário um incessante crescimento interior, alimentado pela oração. São José Maria Escrivá foi um mestre no exercício da oração, que ele considerava como uma "arma" extraordinária para redimir o mundo. Assim, recomendava sempre: "Em primeiro lugar, a oração; depois, a expiação; e em terceiro lugar, mas somente "em terceiro



lugar", a acção" (*Caminho*, n. 82). Não se trata de um paradoxo, mas de uma verdade perene: a fecundidade do apostolado depende sobretudo da oração e de uma vida sacramental intensa e constante. Em última análise, este é o segredo da santidade e do verdadeiro êxito dos Santos.

Caríssimos Irmãos e Irmãs, o Senhor vos ajude a viver esta exigente herança ascética e missionária. Sustente-vos Maria, que o Santo Fundador invocava como *Spes nostra, Sedes Sapientiae, Ancilla Domini!* Nossa Senhora faça de cada um de nós uma autêntica testemunha do Evangelho, pronto a oferecer em todo o lugar uma generosa contribuição para a edificação do Reino de Cristo. Sirvam-nos de estímulo o exemplo e o ensinamento de São José Maria a fim de podermos também nós, no termo da nossa peregrinação terrestre, participar na ditosa herança celestial. No Céu, juntamente com os Anjos e com todos os Santos, havemos de contemplar o rosto de Deus e de cantar a sua glória por toda a eternidade!"

http://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/homilies/2002/documents/hf_jpii_hom_20021006_escriva.html



FASE MARTYRIA – 41ª SEMANA

TEMA

A Igreja se une aos sofrimentos do seu povo

OBJETIVO

Destacar a caridade pastoral no sacramento da reconciliação, à luz do testemunho de São Pe. Pio.

MATERIAL

ANEXO CANONIZAÇÃO PE. PIO

ANEXO A MISERICÓRDIA NO SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

METODOLOGIA

- Tendo apresentado o tema e o objetivo de hoje, divida o grupo em 2 equipes e para uma equipe entregue o anexo CANONIZAÇÃO PE. PIO e para a outra o anexo A MISERICÓRDIA NO SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO. Assim:
 - Equipe 1 – anexo CANONIZAÇÃO PE. PIO
 - Equipe 2 – anexo A MISERICÓRDIA NO SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO
 - Cada equipe deve ler o seu anexo e apresentar, a partir do seu anexo, como o sacramento da reconciliação é uma forma da Igreja se unir aos sofrimentos do seu povo e ajuda-lo.
 - Em plenário, faça a apresentação das equipes, tirando dúvidas e/ou corrigindo possíveis pontos apresentados pelas equipes.
 - Não deixe de enfatizar os pontos mais relevantes, encerrando você mesmo o momento após as apresentações.
 - Encerre o momento orientando que, à luz do que foi aprofundado, todos busquem a experiência com o sacramento ao longo dos próximos dias.
-



ANEXO CANONIZAÇÃO PE. PIO

(São João Paulo II na Canonização do Padre Pio De Pietrelcina - Domingo, 16 de Junho de 2002)

1. "O Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve" (Mt 11, 30). As palavras dirigidas por Jesus aos discípulos, que acabamos de ouvir, ajudam-nos a compreender a mensagem mais importante desta solene celebração. De facto, podemos considerá-las, num certo sentido, como uma magnífica síntese de toda a existência do Padre Pio de Pietrelcina, hoje proclamado santo. A imagem evangélica do "jugo" recorda as numerosas provas que o humilde capuchinho de San Giovanni Rotondo teve que enfrentar. Hoje contemplamos nele como é suave o "jugo" de Cristo e verdadeiramente leve o seu fardo quando é carregado com amor fiel. A vida e a missão do Padre Pio testemunham que as dificuldades e os sofrimentos, se forem aceites por amor, transformam-se num caminho privilegiado de santidade, que abre perspectivas de um bem maior, que só Deus conhece.

2. "Quanto a mim, Deus me livre de me gloriar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6, 14). Não é porventura precisamente a "glorificação da Cruz" o que mais resplandece em Padre Pio? Como é actual a espiritualidade da Cruz vivida pelo humilde Capuchinho de Pietrelcina! O nosso tempo precisa de redescobrir o valor para abrir o coração à esperança. Em toda a sua existência, ele procurou conformar-se cada vez mais com o Crucificado, tendo clara consciência de ter sido chamado para colaborar de modo peculiar na obra da redenção. Sem esta referência constante à Cruz não se compreende a sua santidade.

No plano de Deus, a Cruz constitui o verdadeiro instrumento de salvação para toda a humanidade e o caminho proposto explicitamente pelo Senhor a todos aqueles que desejam segui-Lo (cf. Mc 16, 24). O Santo Frade do Gargano compreendeu isto muito bem, e na festa da Assunção de 1914 escreveu: "Para alcançar a nossa única finalidade é preciso seguir o Chefe divino, o qual, unicamente pelo caminho que ele percorreu deseja conduzir a alma eleita; isto é, pelo caminho da abnegação e da Cruz" (Epistolário II, pág. 155).

3. "Eu sou o Senhor, que exerço a misericórdia" (Jer 9, 23). Padre Pio foi um generoso dispensador da misericórdia divina, estando sempre disponível para todos através do acolhimento, da direcção espiritual, e sobretudo da administração do sacramento da Penitência. O ministério do confessor, que constitui uma das numerosas características que distinguem o seu apostolado, atraía numerosas multidões de fiéis ao Convento de San Giovanni Rotondo. Mesmo quando aquele singular confessor tratava os peregrinos com severidade aparente, eles, tomando consciência da gravidade do pecado e arrependendo-se sinceramente, voltavam quase sempre atrás para o abraço pacificador do perdão sacramental. Oxalá o seu exemplo anime os sacerdotes a realizar com alegria e assiduidade este ministério, muito importante também hoje, como desejei recordar na Carta aos Sacerdotes por ocasião da passada Quinta-Feira Santa.

4. "Senhor, és tu o meu único bem". Cantamos assim no Salmo Responsorial. Através destas palavras o novo Santo convida-nos a pôr Deus acima de tudo, a considerá-lo como o nosso único e sumo bem. De facto, a razão última da eficácia apostólica do Padre Pio, a raiz profunda de tanta fecundidade espiritual encontra-se na íntima e constante união com Deus de que eram testemunhas eloquente as longas horas passadas em oração. Gostava de repetir: "Sou um pobre frade que reza", convencido de que "a oração é a melhor arma que possuímos, uma chave que abre o coração de Deus". Esta característica fundamental da sua espiritualidade continua nos "Grupos de Oração" por ele fundados, que oferecem à Igreja e à sociedade o admirável contributo de uma oração incessante e confiante. O Padre Pio unia à oração também uma intensa actividade caritativa, da qual é uma extraordinária expressão a "Casa Alívio do Sofrimento". Oração e caridade, eis uma síntese muito concreta do ensinamento do Padre Pio, que hoje é proposto a todos.

5. "Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque... estas coisas... as revelaste aos pequeninos" (Mt 11, 25). Como se mostram apropriadas estas palavras de Jesus, quando as pensamos referindo-as a ti, humilde e amado Padre Pio. Nós pedimos-te que nos ensines também a nós a humildade do coração, para sermos conservados entre os pequeninos do Evangelho, aos quais o Pai prometeu revelar os mistérios do seu Reino. Ajuda-nos a rezar sem nunca nos cansarmos, com a certeza de que Deus conhece aquilo de que precisamos, ainda antes que nós o peçamos. Obtém-nos um olhar de fé capaz de reconhecer imediatamente nos pobres e nos que sofrem o próprio rosto de Jesus. Ampara-nos no momento do combate e da prova e, se cairmos, faz com que conheçamos a alegria do sacramento do Perdão. Transmite-nos a tua terna devoção a Maria, Mãe de Jesus e nossa mãe. Acompanha-nos na



peregrinação terrena rumo à Pátria bem-aventurada, onde também nós esperamos chegar para contemplar eternamente a Glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amen!”



ANEXO A MISERICÓRDIA NO SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

(Moysés Azevedo – Retiro das Autoridades 2014)

“A Carta aos Romanos diz que Jesus na cruz, no Seu corpo, destruiu todo corpo de pecado, toda realidade do pecado. Agora pela sua misericórdia nos dá a possibilidade de com Sua graça destruir todo o nosso corpo de pecado. Somos convidados a entrar nas chagas de Jesus pela oração, pelo sacramento da reconciliação, pela confissão. Neste primeiro dia convido a todos nós na nossa oração a pedir ao Espírito Santo que renove em nós o entendimento de que através do sacramento da reconciliação nós entramos no acesso da misericórdia divina, nas chagas de Cristo. Que o Espírito renove a compreensão, o entendimento dessa graça imensa de nos deixar reconciliar por Deus, de deixar que Jesus entre dentro de nós e nos retire de nós mesmos. E vamos entrando nas chagas de Jesus e Elas entram nas nossas chagas e nos retiram de nós mesmos. O sacramento da confissão bem vivido é a misericórdia divina em ação, fonte não só do perdão das culpas, mas da libertação e cura do pecado, fonte de transformação daquilo que com as nossas próprias forças não conseguimos transformar.

O Padre Raniero Cantalamessa diz: “Renovar a vivência do sacramento da reconciliação no Espírito significa vive-lo não como um rito, uma rotina”. O Papa Francisco diz que nós podemos muitas vezes usar o sacramento da confissão simplesmente como uma máquina de lavar. Ele gosta dessas comparações, não é? Uma máquina de lavar onde as roupas estão sujas e se joga tudo lá. “Preciso me confessar”, e vou lá, me confesso, mas não temos a noção. Sim, ele nos lava, mas é mais ainda, Ele entra dentro, Ele transforma! E para isso precisamos ter a noção mais profunda, não vivermos o sacramento da reconciliação simplesmente como um rito, uma rotina ou obrigação, mas usufruirmos de toda a benção, de toda a graça. Todos nós, inclusive os padres, de vivermos com a intensidade, a grandeza, a majestade, a beleza, a fonte que é este momento. Vivermos como uma necessidade, mas como um encontro pessoal com Cristo Ressuscitado, que mediante a igreja nos comunica a virtude saneadora do seu sangue e nos restitui a alegria de sermos salvos.

Diz um autor espiritual que ao se aproximar do sacramento da reconciliação, e realmente devemos ter como consciência, estamos nos aproximando de Cristo Ressuscitado. Estamos colocando a mão nas suas chagas. Estamos sendo atingidos pelo poder da Sua Ressurreição. Estamos sendo perdoados e transformados. Por isso, diz esse autor, o sacramento é tão forte, tão real, tão eficaz, que feita a confissão do pecado convém: nº01: esquecer o mal feito. Esqueça o mal que você cometeu. Foi arrancado do livro da sua vida. Nº 02: esquecer até a preparação que você fez para o sacramento da reconciliação, porque às vezes ficamos “será que eu disse? Que falei?”, esqueça! Nº 03: esqueça até a contrição que você teve. Depois de uma confissão profunda, sincera, verdadeira, não pense em outra coisa a não ser na ação de Deus que se efetua na absolvição. É a experiência crescente da misericórdia. Assim, diz o autor, não desperdiçaremos a suavidade e o conforto da misericórdia divina.

Finalizando falando do sacramento da reconciliação como uma das maneiras de sair de nós mesmos para usufruirmos da misericórdia divina, essa que vamos comunicar. Diz um autor do século XVI: “Aparta o olhar da tua contrição e atenta de todo o coração à voz do irmão que te absolve. Não duvides que esta voz no sacramento é uma palavra divinamente pronunciada pelo Pai, Filho e Espírito Santo, de tal sorte que dependes inteiramente do que ouves e não do que pensas e fazes”. O sacramento da reconciliação aparta o teu olhar do teu pecado, da tua contrição, e atenta de todo o coração à voz do irmão que te absolve, do sacerdote. Não duvides que essa voz no sacramento é uma palavra divinamente pronunciada pelo próprio Pai, Filho e Espírito Santo, de tal sorte que dependes inteiramente do que ouves: o perdão, a misericórdia, “teus pecados estão perdoados. Vai em paz”, e não do que tu pensas e fazes. O fato de podermos nos aproximar do sacramento da reconciliação, de Cristo Ressuscitado na pessoa do ministro, reconhecer que “sou pecador, pequei, sou pecado, estou arrependido e peço perdão, não quero mais pecar, clamo a misericórdia divina”, e ouvirmos “os teus pecados estão perdoados. Vai em paz”, é um inundar-se desta misericórdia. Isto gera gratidão, gera consolação, cura e libertação, gera conversão, gera transformação de vida.”